

REVISTA DA SEMANA



N.º 5
2-2-1946
Cr\$ 1,50 na
capital e Cr\$ 2,00
nos Estados





Quem é o mais orgulhoso ?

O orgulho de um menino que supera seus companheiros nos folgedos e a alegria da mãe antevendo o futuro do filho, podem comparar-se apenas com a satisfação do médico que acompanhou a infância desse menino, evitando-lhe os perigos comuns nessa época da vida.

Hoje, graças ao seguro diagnóstico do médico e à prescrição de dietas e vitaminas apropriadas, milhões de famílias encontraram a solução para o sério problema da nutrição defeituosa.

Por esse motivo, os cientistas dos laboratórios Squibb sentem-se orgulhosos por terem *auxiliado o médico*, pondo à sua disposição produtos vitamínicos da mais alta qualidade. Os produtos vitamínicos Squibb são garantidos por mais de 87 anos de ininterruptos de pesquisas farmacêuticas.

E o êxito das fórmulas dos Produtos Vitamínicos Squibb

é devido, em grande parte à íntima cooperação mantida com as mais notáveis autoridades mundiais no campo da nutrição.

Seu médico sabe que a atividade e a estabilidade de cada Produto Vitamínico Squibb são garantidas por mais de 162 provas exatas de laboratório.

É de máxima importância a consulta a seu médico sobre as vitaminas, porque *só ele* pode prescrever o tratamento vitamínico adequado para você e sua família.



E. R. SQUIBB & SONS DO BRASIL, INC.

Produtos Químicos, Farmacêuticos e Biológicos

FAMA MUNDIAL EM PESQUISAS MÉDICAS

QUARENTA E OITO HORAS MOVIMENTADAS EM MIAMI

Onde se vê que uma simples etapa de viagem converteu-se em um grande pôsto de observações — Churchill, o pintor que sobreviveu — Xavier Cugat talvez acabe novamente caricaturista — Os sessenta janeiros de Sophie Tucker — "Hello", mr. Al Capone!

Por CELESTINO SILVEIRA

Miami, janeiro. (Por avião) — No itinerário traçado para esta viagem, Miami devia ser um pequeno detalhe. Nada mais que a primeira entrada na terra norte-americana, um ingresso na sala-de-visitas de Tio Sam. E todavia, estas quarenta e oito horas muito agitadas na capital da Florida acabaram convertidas em uma etapa quase impressionante. Dir-se-ia que os elementos, ou uma força maior, quisessem mostrar-nos o êrro daquela primeira observação feita a distância, ainda aí no Rio. Miami está dando assunto por atacado ao reporter, e ainda mais quando êsse reporter procede de uma terra árida, muito árida, onde os temas para reportagens acabam sugados até à última gota, impondo-nos excursões mais amplas. Logo na madrugada do nosso desembarque, no aeroporto, já os jornaleros madrugadores mostravam aos passageiros da nave, ainda mal refeitos de vinte e tantas horas consecutivas de vôo desde Fortaleza, a "manchette" do dia: Churchill estava na terra. O ex-premier britânico, chegado na véspera, devia ser por força o magno acontecimento da Florida, o motivo de tôdas

Ao lado: Sophie Tucker abraçando maternalmente o nosso redator-secretário Celestino Silveira. Em baixo: um autógrafa da querida "estrela", que diz o seguinte: "Querido sr. Silveira. Espero um dia, bem, bem depressa, ir à sua terra, o Brasil. E que todos vocês gostem tanto de mim quanto eu gosto de vocês todos".



Dear Mr. Silveira -
I hope
some day, - real
real soon to
come to your
country, Brazil.
and that for all
with love and
I must go I do,
for all
Best wishes
- from
Sophie
Tucker



Ao alto: mr. Churchill, sua esposa inseparável e seu inseparável charuto de 25 centímetros. Em baixo: a reportagem a postos ouve o ilustre casal, que se vê na gravura de costas, tendo ao seu lado o coronel Frank W. Clarke, em cuja residência se hospedou.



as p
comé
nager
E
press
para
conh
núm
Miar
W. C
peda
Ma
abri
viera
exib
res c
tosta
Chu
ávid
que
senç
vez
vera
esqu
Esc
E
form
tos
fum
nej
Hit
tira
a tr
do.
sob
pic
os

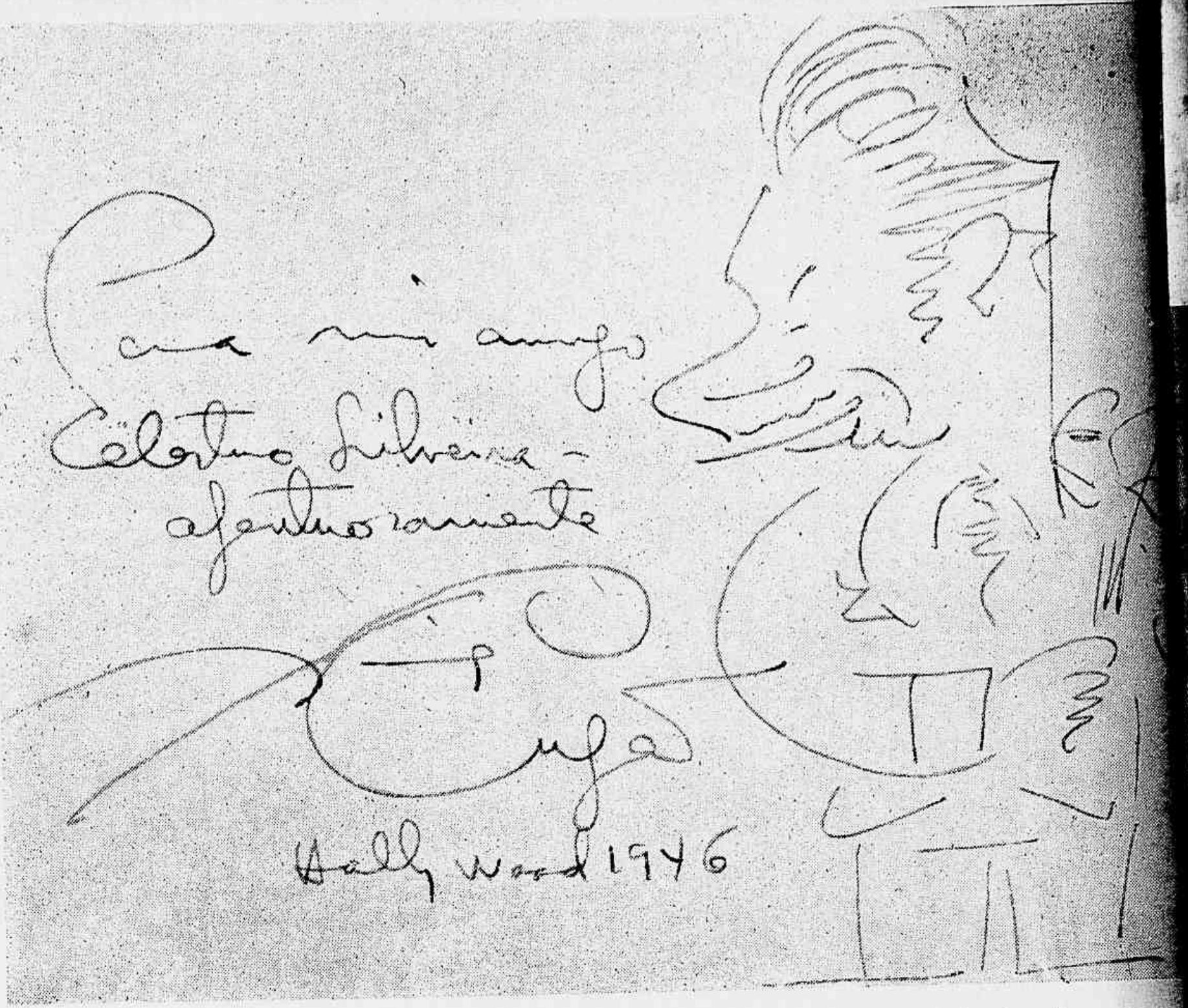
Mia
a v

as palestras, talvez fôsse mesma feriado. O comércio estaria de portas cerradas em homenagem ao glorioso estadista.

E foi com essa primeira e alvoroçada impressão, de coração aos saltos, que rumámos para o Hotel Urmev, procurando desde logo conhecer a distância que nos separava do número 5905 de N. Bay road, aqui mesmo na Miami Beach, residência do coronel Frank W. Clarke, onde Churchill e a esposa se hospedaram.

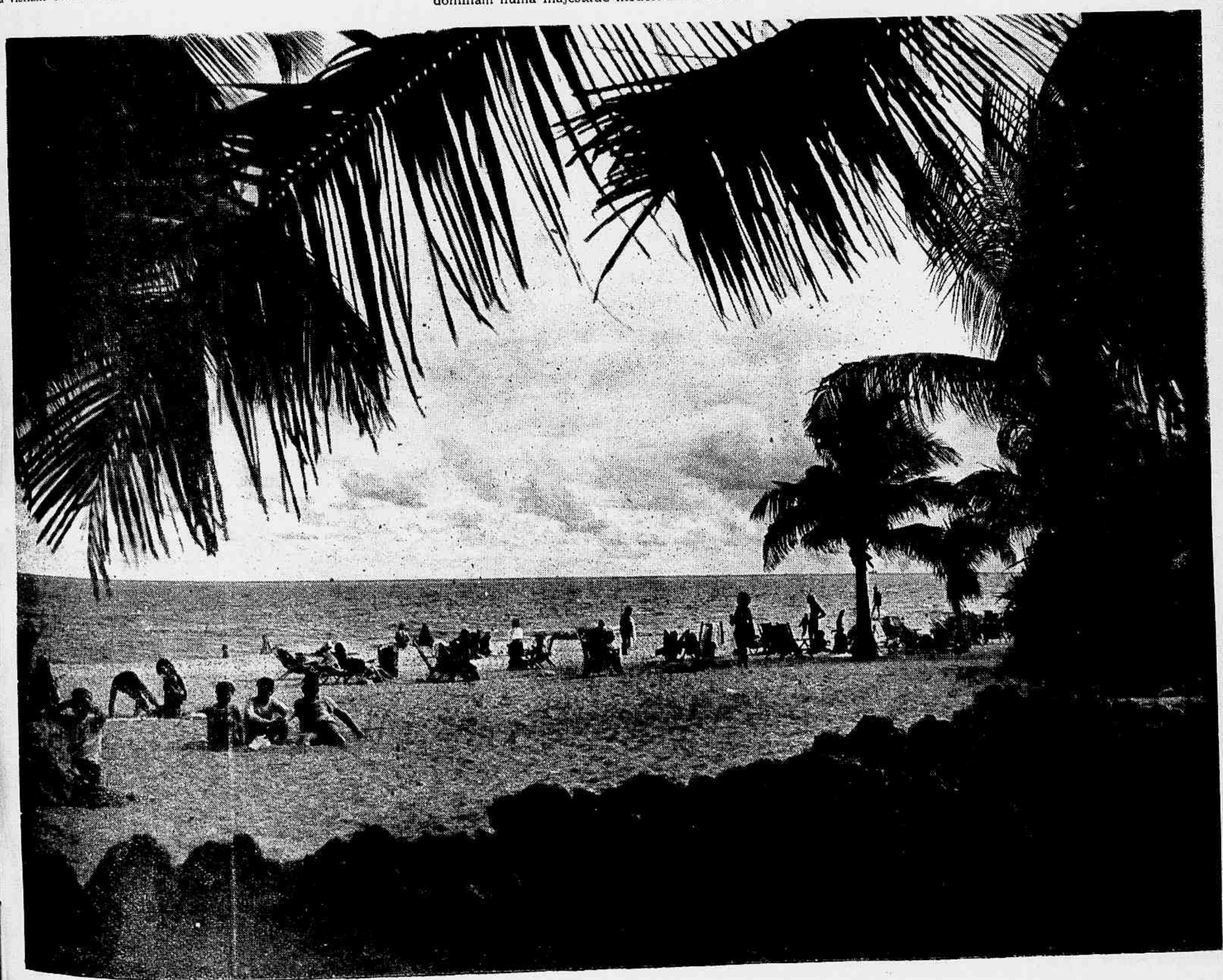
Mas o dia acabou de clarear, o comércio abriu como de costume, damas e cavalheiros vieram para o Flagler Street fazer compras, exibir suas roupas multicoloridas, as mulheres de calças e óculos escuros, os olhos de pele tostadinha do sol — e ninguém falou em Churchill. Cruel decepção para o reporter ávido de sensacionalismo! Pois seria possível que esta gente não se comovesse com a presença de um super-homem da guerra? Talvez não, porque suas comoções maiores viveram-nas durante a luta, e agora é preciso esquecer Pearl Harbor e outras calamidades. Esquecer mesmo os guerreiros...

Eis por que Miami continuou em perfeita forma, os jornais trataram de outros assuntos e mr. Churchill está pescando à vontade, fumando os seus "cigars" mata-ratos e manejando o seu pincel. Lutaram dois pintores. Hitler levou a pior, e nem sequer lhe permitiram que limpasse as mãos na parede com a triste pintura que andou fazendo pe'o mundo. A palheta de Winston Churchill, essa sobreviveu e está reproduzindo pássaros tropicais, multicoloridos mas não tanto quanto os "maillots" das banhistas de Miami Beach.



Interessante autógrafo de Alex Cugar, passado em português para Celestino Silveira. O nosso companheiro tem sido alvo das mais inequívocas demonstrações de simpatias de quantos com ele se encontram na América do Norte.

Miami, a maravilhosa. A praia se estende pela orla do bosque de palmeiras, deliciando a vista dos turistas e oferecendo o seu cálido lençol branco aos milhares de banhistas que banham-se nestas águas. A brisa do Atlântico refresca o ar saudável da praia extensa, que os hotéis de luxo dominam numa majestade moderna e retílinea.





A praia de Miami, vista do alto. Os banhistas parecem pequenos pontos de tinta negra, e a própria forma das barracas multicoloridas se confunde com o vasto areal branco. Os grandes edifícios de cimento armado se alinham em filas simétricas por toda a cidade balneária. Celestino Silveira, o nosso enviado, encontrou Miami em plena estação, povoada por uma multidão de maravilhosas seixas, que faziam lembrar Copacabana.

E era uma vez Churchill assunto sensacional e inesgotável...

Ah, se fôsse no Rio!



Uma das mais recentes fotografias de Sophie Tucker, que a cantora autografou para a REVISTA DA SEMANA, com a gentileza que é um de seus traços característicos.



Bem, mas desde que o assunto número um perdia interesse, ao menos para o elemento local, era preciso ir buscar outro. E foi em um "night-club" de Hollywood, arrabalde de Miami, que o encontramos realmente, na pessoa de Xavier Cugat, o homem que recentemente gravou "Bahia", de Ary Barroso, com a colaboração de Bing Crosby. Se mr. Churchill resolveu pôr um segredo à vista para não lhe perturbarem os lazeres, o mesmo não acontece com mr. Cugat, que nos recebe, transpirando por todos os poros em uma noite simplesmente cálida e alvoroçada com a presença de um jornalista "carrioca". Oh, o Brasil! Boa terra, sim senhor, desejaria conhecê-la, mas quem diz que pode? E' preciso vir um bom contrato, e os empresários do Brasil não pagam quinze mil dólares semanais, para ele e seus trinta e tantos rapazes. A orquestra é boa, mr. Cugat diz coisas divertidas ao microfone do "grill" — que não é nada superior aos do Rio e mesmo dos Estados — terminando por dar-nos a sua auto-caricatura. Mr. Cugat receia algum dia não ser mais a epidemia dos amantes do "swing". E nesse dia, homem prudente e prático, cauteloso a mais não poder, voltará ao seu antigo "métier", o de caricaturista. Quando lhe pedem autógrafos, tenta ilustrá-los com o seu nariz de papagaio, seus olhos de coruja e seu sorriso de... Sabe-se lá de que! Sorriso à Xavier Cugat, exatamente isso...

Fala-nos muito bem de Carmen Miranda e Ary Barroso, orgulha-se de ter apresentado músicas de Villa Lobos e desejaria ir com a sua banda ao Rio, a Buenos Aires, percorrer as Américas. Lembra seus tempos de criança, chegando de Barcelona, em 1915, garoto precoce, um lápis de caricaturista numa das mãos, uma partitura na outra, jogando carão-corôa. Venceu a corôa — a música. Ele deu as caras...

Um homem divertido, bem pago e simpático, esse mr. Cugat. Ainda alguma vez há de ser aplaudido pelos "fans", sumamente fanáticos do "swing".



O jornal anuncia para esta noite a estréia

de Sophie Tucker no "Quartier Latin". Porventura a sexagenária cantora, "uma verdadeira instituição americana" — na opinião de um reporter local — terá viajado até Paris? Não senhores. A imensa senhora Sophie Tucker, por sinal muito simpática e muito ágil, não tão imensa quanto parece nos filmes da Metro, vai apenas estreiar em um "night-club" de Miami Beach, cujas decorações fazem lembrar, muito por longe, o "Quartier Latin". (Aqui, os americanos preferem inverter os nomes, e lá vem então Latin Quartier, mas dá na mesma.) O automóvel que nos joga para as bandas desse "night-club", também modestíssimo em confronto com os do Rio, passa à frente de uma vivenda maravilhosa, em estilo quase colonial. Tipo da casa que a gente namora à primeira vista e desejaria adquirir mesmo em sonhos. Indagamos do "chauffeur" a quem pertence: — O senhor não sabe? E' a casa de Al Capone, "yes, sir"...

E o eloquente motorista — todos aqui são eloquentes, expansivos e amáveis — diz-nos que Al Capone é, hoje, o tipo do homem às direitas, bom rapaz, ainda de fortuna, dono daquela bonita vivenda. Mas quase nunca está em casa. Viaja para matar saudades dos anos em que o prenderam. Comentário do motorista rematando a história:

— O senhor sabe, a América divide-se em duas épocas distintas: antes e depois de Al Capone. Mas o homem está regenerado. Posso garantir-lhe.

E leva-nos para o "Quartier Latin", onde Sophie Tucker interrompe os ensaios para redigir uma saudação ao Brasil (com z), onde espera aparecer "one day, real real soon..."

Súbito, estoura um pneumático lá fora. Não sabemos bem por que, acode-nos ao pensamento a bonita vivenda de Al Capone, ali na vizinhança.

Sophie Tucker cantarolava agora, acompanhada pelo piano, uma de suas toadas mais faladas que cantadas. Ela, a "red-hot-mama", classificação que não se pode traduzir direito, mas que daria, mais ou menos, uma espécie de "mãesinha quente e vermelha"...

LITE
Concu
O cas
Este
A Mo
Dia d
Minh
Livro
REPO
Quar
S
Os n
As p
A m
Figur
O tri
Jock
FEM
Nos
Eleg
Blus
Mod
Mod
SEC
A S
Mús
Cine
CUP
Orq
O en
CIN
O h
A R
HUI
De
"Ch

LITERATURA

Concurso de contos da REVISTA DA SEMANA	7
O caso da livraria (Martin Singer)	18
Este país de poetas (R. Magalhães Junior)	20/21
A Mocidade de Macedo (Escragnolle Doria)	22
Dia de sol (Forti Prado)	28
Minha felicidade (Agnes Gray)	34
Livros Novos (J. L.)	36/37

REPORTAGENS

Quarenta e oito horas movimentadas em Miami (Celestino Silveira)	3/6
Os novos cardeais sul-americanos	9/11
As pulgas invadem o Rio	12/17
A morte do sr. Fernando Costa	19
Figuras e Fatos	35
O triste fim de um sonho imperialista	44/47
Jockey Club Mundano	56

FEMININAS

Nos bastidores femininos	27
Elegância esportiva	32/33
Blusas	38
Modelos elegantes	39
Modelos avulsos	58

SECÇÕES

A Semana em Revista	8
Música	42
Cinema	43

CURIOSIDADES

Orquidário	23
O enderêço mais famoso do mundo	24/25

CINEMA

O heróico Robin Hood	29/31
A REVISTA em Hollywood	40/41

HUMORISMO

De bom humor	26
"Charge" de Raul	52

REVISTA DA SEMANA



Nossa Capa

A loura Joan Leslie de "É difícil ser feliz" e "Sonho em Hollywood" é a "estrela" que aparece em nossa capa de hoje, apresentando um "maillot" de cetim vermelho, com ombreiras em trancelin da mesma fazenda. Na cintura, um apinhado preso por um broche grande com pedras vistosas. Joan Leslie integra agora o "cast" da Warner Brothers.

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

3.ª Fase

Encerrado o prazo para a entrega de originais destinados à segunda apuração do nosso concurso permanente de contos, entramos na terceira fase deste certame.

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

- 1) O prazo para o terceiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de março.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; emfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e chelos de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**



- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **enredo, estilo e unidade de ação** no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, enderêço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do terceiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1 de abril de 1946 será iniciado o 4.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

ORIGINA DE 1.ª ORDEM
AVANÇAMSE RECITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORÇHONS

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

R. CARIOCA N.º 28

A SEMANA EM REVISTA

PROFISSÃO RENDOSA



Parecerá a muitos que este título se refere a banqueiro, importador de mantiga argentina, agente do Lloyd em New York, mendigo, corretor de imóveis ou parente do "Chetão". Nada disso. Também não quer dizer financiador do algodão. Profissão rendosa é a de santo. Seja santo e fique rico.

Mas não se alarmem os católicos, não se espantem os ascetas, não desanimem os que fazem do manto e das sandálias de S. Francisco de Assis o seu ideal de humildade. Não se trata dos santos da Igreja mas dos de subúrbio, dos que não são doutores mas esportos, dos que se arranjam neste vale de lágrimas sem fazer força, até a polícia chegar.

Essa história dos que exploram a ingenuidade humana (boa idade, diga-se de passagem). O santo de hoje é Ivan Perrin.

Este cidadão, depois de cumprir, em S. Paulo, pena de dois anos de prisão

PROIBINDO UMA EXPLORAÇÃO



Lemos num matutino que as autoridades na Paraíba adotaram providências para combater a exploração gananciosa dos vendedores de jornais e revistas procedentes do Rio, pelas quais estariam cobrando preço superior ao fixado.

As revistas têm uma função cultural na sociedade, ao lado do seu caráter informativo. Sob este último aspecto são de importância secundária em relação ao jornal, cujo objetivo imediato é a atualidade. A fixação dos acontecimentos, entretanto, se faz pelas páginas dos semanários ilustrados, que nos oferecem um registro visual dos fatos.

Isto quanto ao caráter informativo. Do ponto de vista cultural, as revistas (as que se ocupam do problema) constituem um veículo

pelo exercício da profissão, voltou a estabelecer-se no bairro de Vila Carrão, na capital. E graças a uma propaganda eficiente a cargo da filha de Antonio Morrell, seu auxiliar (Padrão X, cargo isolado de provimento sem concurso), em breve atraiu numerosa clientela que, desenganada dos médicos, veio morrer nas mãos do santo. Modesto "comme il faut", Perrin apresentava-se como Kransperrin e, não obstante, a fila à sua porta desmoralizava todas as outras filas.

Enfim, veio a Polícia, que foi barrada pela clientela do "Iluminado". Com a chegada de reforço, porém, os pacientes dispersaram-se e as autoridades unham o espantalho, que declarou já haver até ressuscitado defuntos. (Os judeus poloneses, os remanescentes dos cinco milhões que Hitler sacrificou, vão requisitá-lo.)

Ainda não foi apurada a veracidade desta declaração, mas já se sabe que São Kransperrin, apesar da inflação e da tremenda crise de tetos, é possuidor de 18 casas!

Solte o homem, delegado! Quem tem 18 casas não pode estar trancafiado enquanto outra fila se posta à sua porta, a fila dos que não moram. Kransperrin é uma instituição de utilidade pública.

de divulgação de assuntos científicos, além das páginas literárias — crônicas, ensaios, contos, poesias, etc., que levam às populações mais distantes a mensagem espiritual dos grandes centros.

E além disso a mulher, quer considerada no lar ou na vida mundana, tem para as revistas um carinho especial, pelo modo de tratar dos seus assuntos, com simplicidade, sem invocar observações de ordem filosófica, nem sempre gratas à vaidade...

Por tudo isso, a revista se impõe como um instrumento de aproximação cultural e como um registro da vida social, não sendo admissível que sua aceitação e interesse despertado no seio do público valham como objeto de exploração sem escrúpulos por parte de vendedores esquecidos de sua verdadeira função.

Aplaudimos as providências adotadas pelas autoridades paraibanas, que valem como um exemplo a ser imitado.

O ETERNO OTELO



Estamos de tal maneira saturados de espetáculos sensacionais ocorridos no último lustro que não é possível mais nos emocionarmos com acontecimentos banais que há dez anos provocavam edições extras dos vespertinos e levantavam arrepes até num queijo do reino.

Graças à inteligência, a capacidade de adaptação do homem o tem levado a restabelecer o equilíbrio momentaneamente perdido por causa de suas próprias conquistas científicas. (O assunto já foi tratado por Carrel com admirável justeza de conceitos.)

Assim sucedeu com o barco a vapor, a locomotiva, a eletricidade, o avião, etc. Todas essas criações foram, por algum tempo, consideradas como "artes do demônio", quando o demônio era e foi sempre o próprio homem, apesar de criado à imagem e semelhança de Deus... Mas passado algum tempo, a estupefação cedia lugar à curiosidade, e dessa atitude a análise do fenômeno em breve o levava à compreensão e aceitação dos acontecimentos. Assim é o mecanismo do progresso: os espantinhos de ontem acabam, infalivelmente, por se tornarem monótonos passatempos de hoje.

Há, porém, acontecimentos de certa natureza que nunca deixaram de repercutir profundamente no seio do povo. Os crimes passionais, por exemplo.

A arte de matar evoluiu muito e Cain certamente se sentiria envergonhado diante dos fornos crematórios de Buchenwald e das metralhadoras de um "Splitfire". Mas o crime é, parcialmente, o crime por amor (ou por falta d'êlo) terão eternamente o seu público garantido, através dos séculos, além do automóvel e da locomotiva atômica; e até mesmo quando houver carne nos açougues, todos os dias, os leitores ainda ficarão pálios de emoção diante de uma cena de alcova, com um ou dois cadáveres no chão, uma carta comprometedoras sobre a mesa e um desgraçado de pé, desgrenhado, revólver na mão e o mais que seque.

Estas considerações vêm a propósito do interesse despertado, ultimamente, pelo noticiário de crimes passionais ocorridos nesta capital, que deixaram em segundo plano a reunião da assembléia da Organização das Nações Unidas, os entendimentos sobre o controle da bomba atômica e a política cá de casa, que dá pano p'ras mangas.

Que estranho apetite! Dois mil anos depois que o Nazareno pregou a suave doutrina da paz entre os homens, Otel e Desdémona ainda constituem o seu espetáculo favorito.

UM HERÓI A ANTIGA



Antigamente, no tempo em que um fio de bigode valia mais como endosso de um compromisso do que uma garantia do "London Bank", e quando um acesso de asma incomodava menos do que uma dívida, os homens preferiam a morte a uma letra protestada. Podia-se ouvir um diálogo assim:

"Como vai Fulano?"
"— Você não sabe? Protestaram-lhe um título."
"— Contado... e como ele morreu?"

Era assim. Podia-se emprestar dinheiro. Não tinham inventado, ainda, a "facada". Havia o "vale", mas coisa séria. E o comércio, apesar de todas as artimanhas de Mercúrio, também dava importância

ao fio de bigode empenhado na transação. Os advogados de causas comerciais ou não existiam ainda ou morriam de fome, porque a lisura dos negócios não lhes deixava margem para nada.

Mas os tempos mudam. E com o correr dos anos veio o progresso... E surgiram as falências fraudulentas, as falsificações de produtos, os estelionatos, os

aluguéis de apartamentos, as "luvas", os móveis e outras tantas conquistas da civilização...

De maneira que os homens foram aos poucos enxergando mais claro (?), chegando à conclusão de que é melhor tocar fogo na casa do que pagar as contas, e que se a união faz a força, lógico que leite com água dá mais lucro. Quanto aos apartamentos "et caterva", o raciocínio dos homens de negócio levou-os às últimas consequências, como ninguém ignora.

Pois bem. Apesar de tudo isto, Perfídio Cândido Vargas, residente em Barra de Guaratiba, achando-se em má situação financeira, suicidou-se ingerindo um tóxico violento.

O gesto desvairado do bom Perfídio, "malgré tout", vem provar que as reservas do caráter são inesgotáveis, ao contrário do que se depreende da leitura dos "aluga-se".

Perfídio, a quem está reservado um lugar de ministro das finanças no Paraíso, morreu coerente com as tradições de honestidade por que se pautavam os seus avós.

E apesar de tantos atos de bravura de que temos conhecimento, diariamente, não podemos negar ao suicida a condição de herói. Um herói à antiga.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7888

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

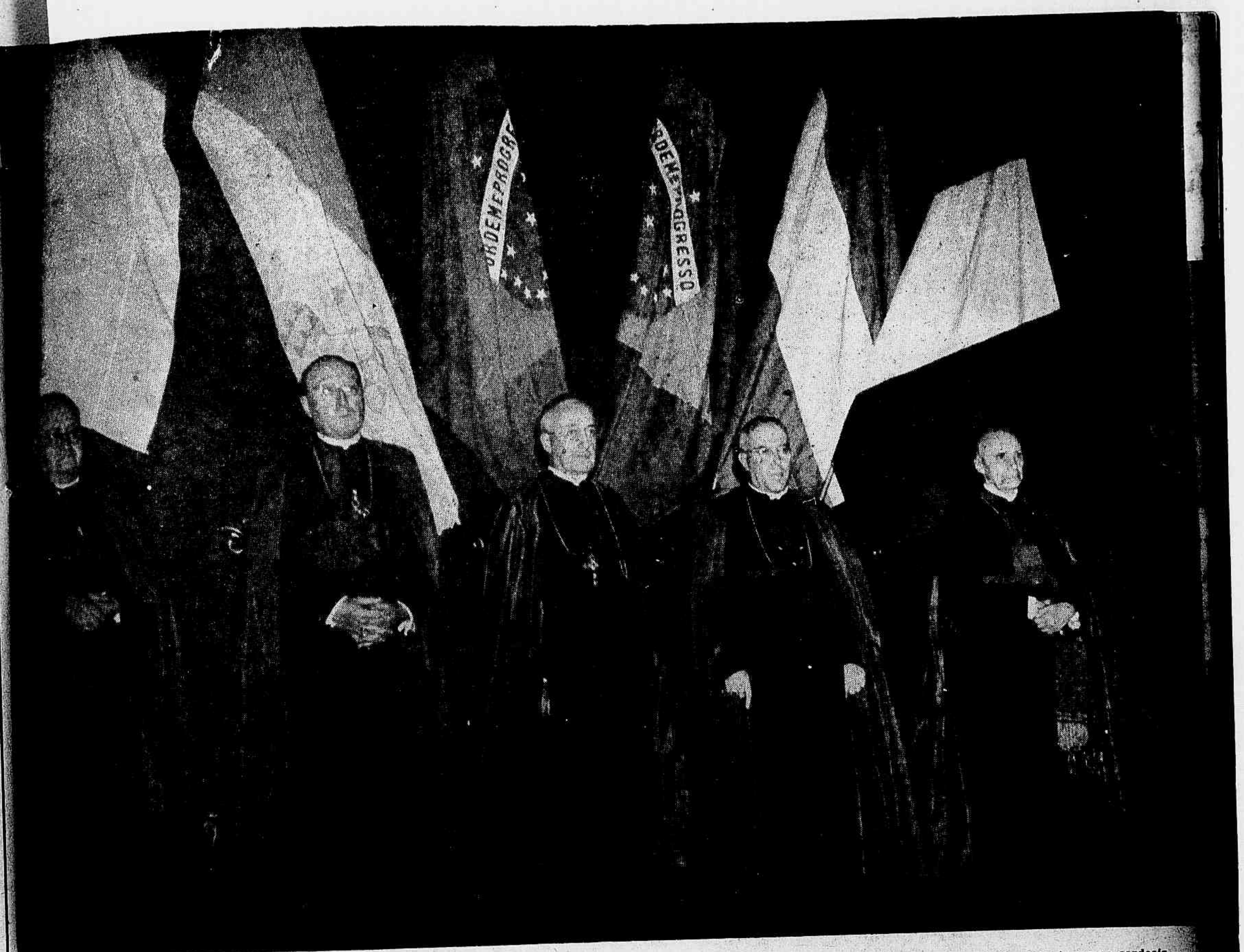
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. 86 publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados



Os novos membros do Colégio dos Cardeais, fotografados durante a cerimônia realizada em sua homenagem na igreja de São Francisco de Paula. Entre os seis novos cardeais estão dois brasileiros e o representante da Santa Sé junto ao nosso governo. Vêem-se ao fundo, ladeando o Pavilhão Nacional, as bandeiras das repúblicas do Peru, Chile e Argentina.

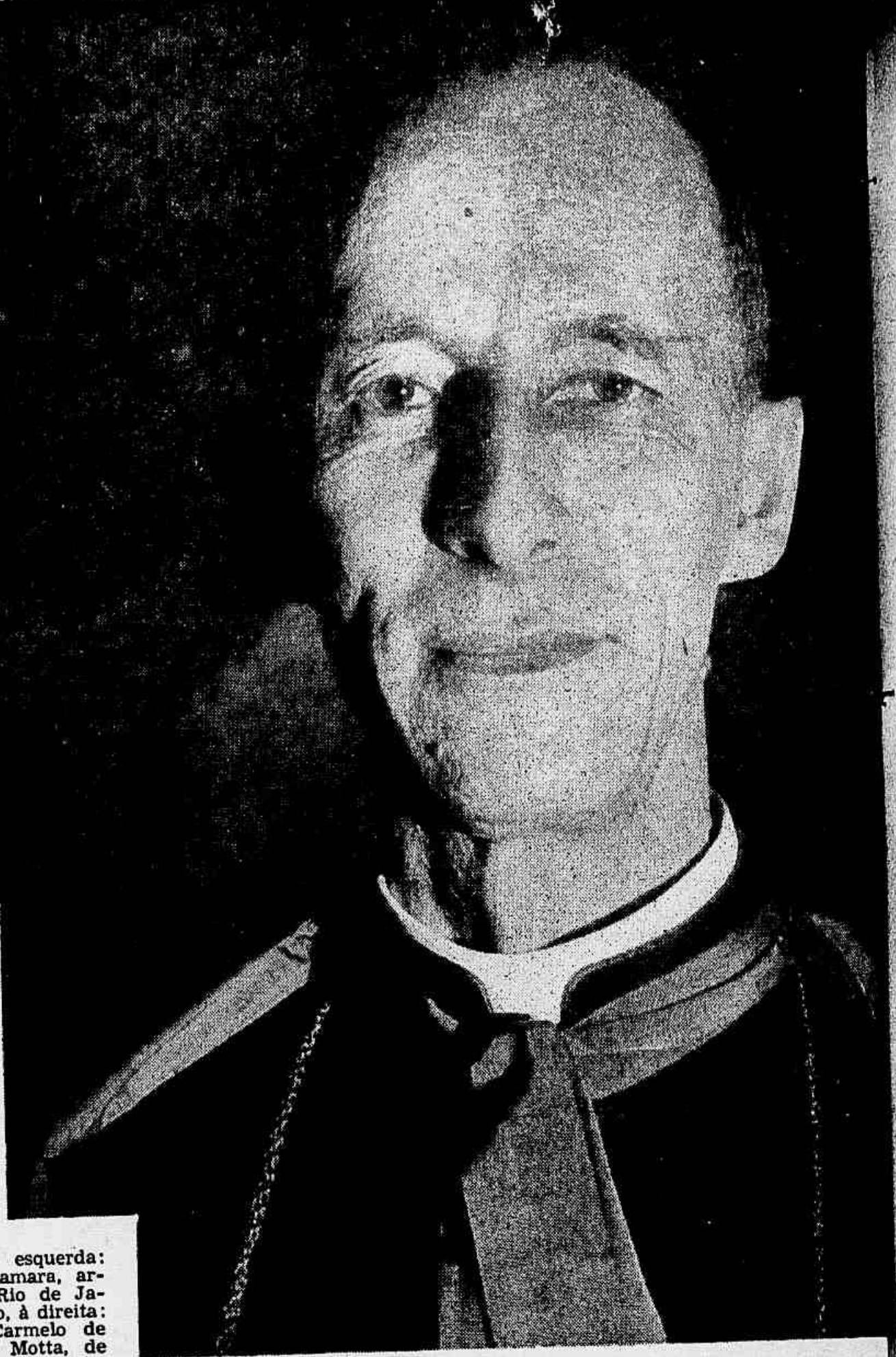
OS NOVOS CARDEAIS SUL-AMERICANOS

Com as novas nomeações para o Colégio dos Cardeais, o Rio viveu horas de grande emoção religiosa, pois por aqui passaram, rumo a Roma, cinco dos novos prelados que dirigirão os destinos da

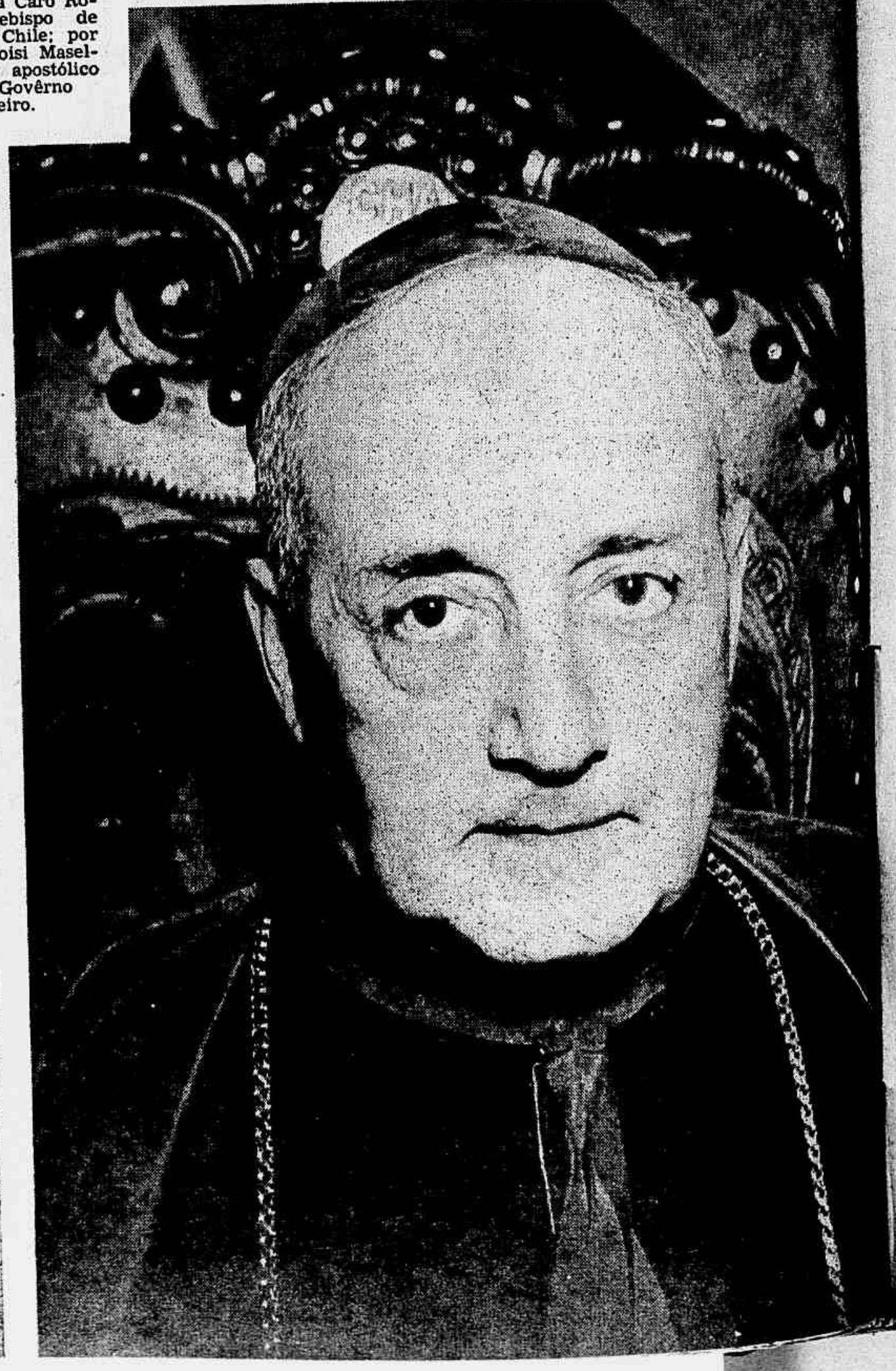
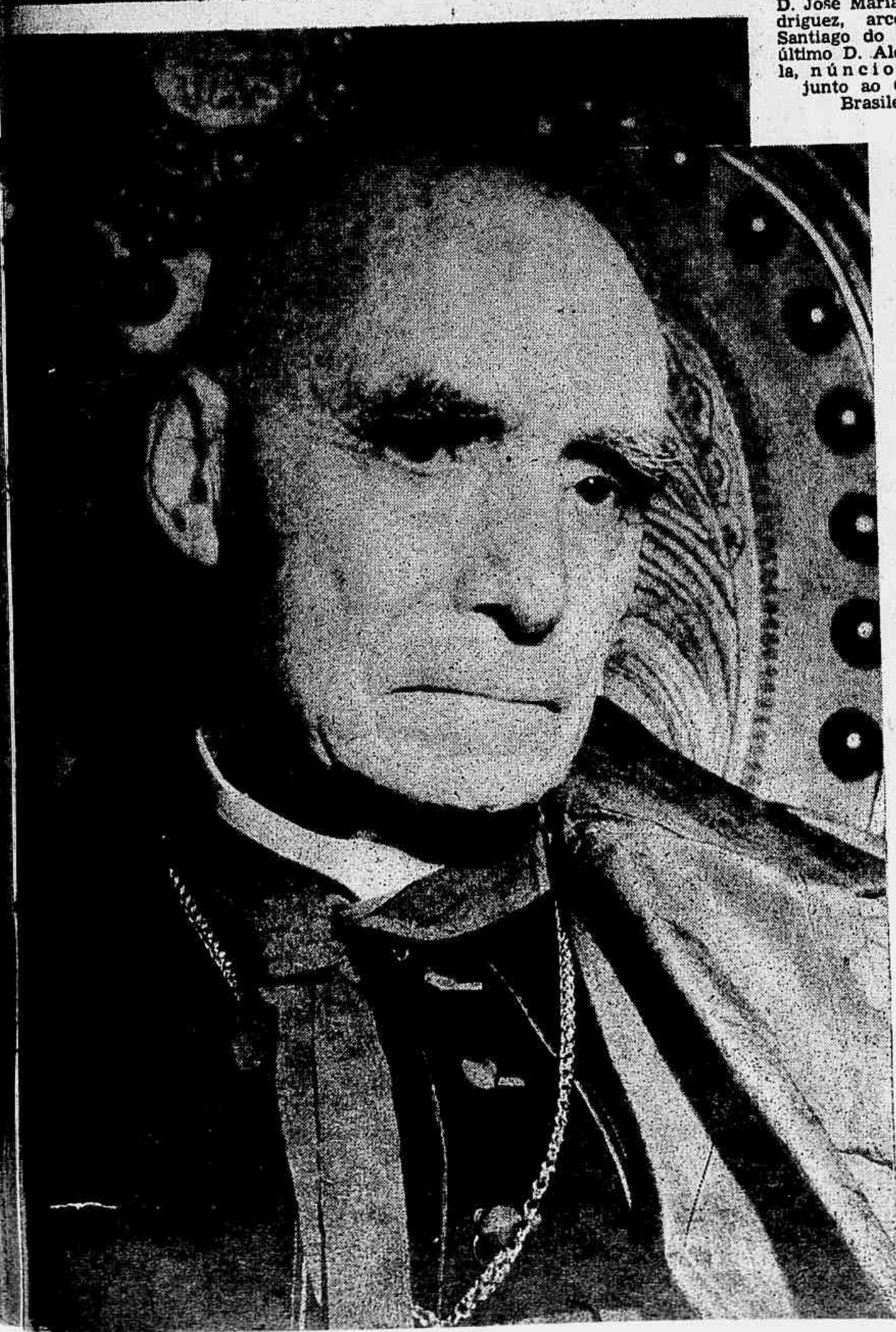
Igreja Católica na América do Sul. Durante vários dias, festividades e cerimônias religiosas de alta significação tiveram lugar nas igrejas e mosteiros da Capital, em homenagem aos novos cardeais que bre-

Parte da numerosa assistência que compareceu à homenagem prestada pelos católicos do Rio aos novos cardeais. Grande número de autoridades eclesiásticas e representações de tôdas as irmandades religiosas compareceram a essa festa, que teve lugar na igreja de São Francisco de Paula, no dia 23 de janeiro.





Ao alto, à esquerda:
D. Jayme Camara, ar-
cebispo do Rio de Ja-
neiro; ao alto, à direita:
D. Carlos Carmelo de
Vasconcellos Motta, de
São Paulo; a seguir:
D. José Maria Caro Ro-
driguez, arcebispo de
Santiago do Chile; por
último D. Aloisi Masel-
la, nuncio apostólico
junto ao Governo
Brasileiro.



vemente receberão das mãos do Sumo Pontífice o grau de tão alta distinção.

Para usarmos das palavras de monsenhor Benedito Marinho, que saudou os novos cardeais em nome do clero brasileiro, podemos dizer que as "atenções do mundo se voltam neste momento para duas cidades: Londres, onde a Assembléia da O. N. U. decide a vida terrena dos povos, e Roma, onde o Colégio dos Cardeais discute os mais transcendentais problemas relativos à espiritualidade".

Levando em conta a catolicidade dos países latino-americanos, o Papa Pio XII houve por bem nomear seis novos cardeais para o nosso continente, tornando assim mais amplo o âmbito da Igreja nas terras de Colombo. Prelados de quatro nações sul-americanas foram distinguidos com o cardinalato, o que faz patente o desenvolvimento sempre crescente da igreja romana entre nós, tornando ainda mais promissor o futuro da Igreja Católica no continente.

O povo brasileiro soube compreender muito bem o alto significado da visita dos novos cardeais ao Rio de Janeiro. Também o soube o nosso governo, que reservou para os prelados acomodações no navio-transporte "Duque de Caxias", que levava também à Itália, em viagem de instrução, cadetes de nossas três academias militares.

Durante a sua estadia no Rio os três cardeais estrangeiros receberam as mais vivas manifestações de simpatia, que são outros tantos atestados da solidez e firmeza da política pan-americana de boa vizinhança.

Entre as grandes homenagens que lhes foram tributadas, figura em primeiro plano a grande sessão solene realizada na igreja de São Francisco de Paula, no dia 23 de janeiro último.

A nave do templo estava repleta de fiéis, que aplaudiram delirantemente os novos cardeais, quando estes, acompanhados por autoridades eclesiásticas, deram entrada no recinto, tomando assento nas poltronas colocadas sobre um alto estrado atapetado de vermelho. Estavam presentes os seis prelados distinguidos com o cardinalato: D. Jayme Camara, arcebispo metropolitano; D. Benedetto Aloisi Massella, núncio apostólico no Brasil; D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, arcebispo de São Paulo; D. Antonio Caggiano, bispo de Rosario, na Argentina; D. José Maria Caro Rodriguez, arcebispo de Santiago do Chile; e, finalmente, D. Juan Gualberto Guevara, arcebispo de Lima.

Saudaram os homenageados, em nome do clero brasileiro, monsenhor Benedito Marinho e o dr. Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athayde).

Ouviram-se os hinos de todos os países ali representados, executados por uma banda militar. Encerrou-se a sessão com o Hino Nacional Brasileiro, cujos acordes finais foram abafados por estrepitosa salva de palmas.

No dia 25, às 15 horas, embarcaram os prelados, rumo à Europa, a bordo do navio-transporte "Duque de Caxias".

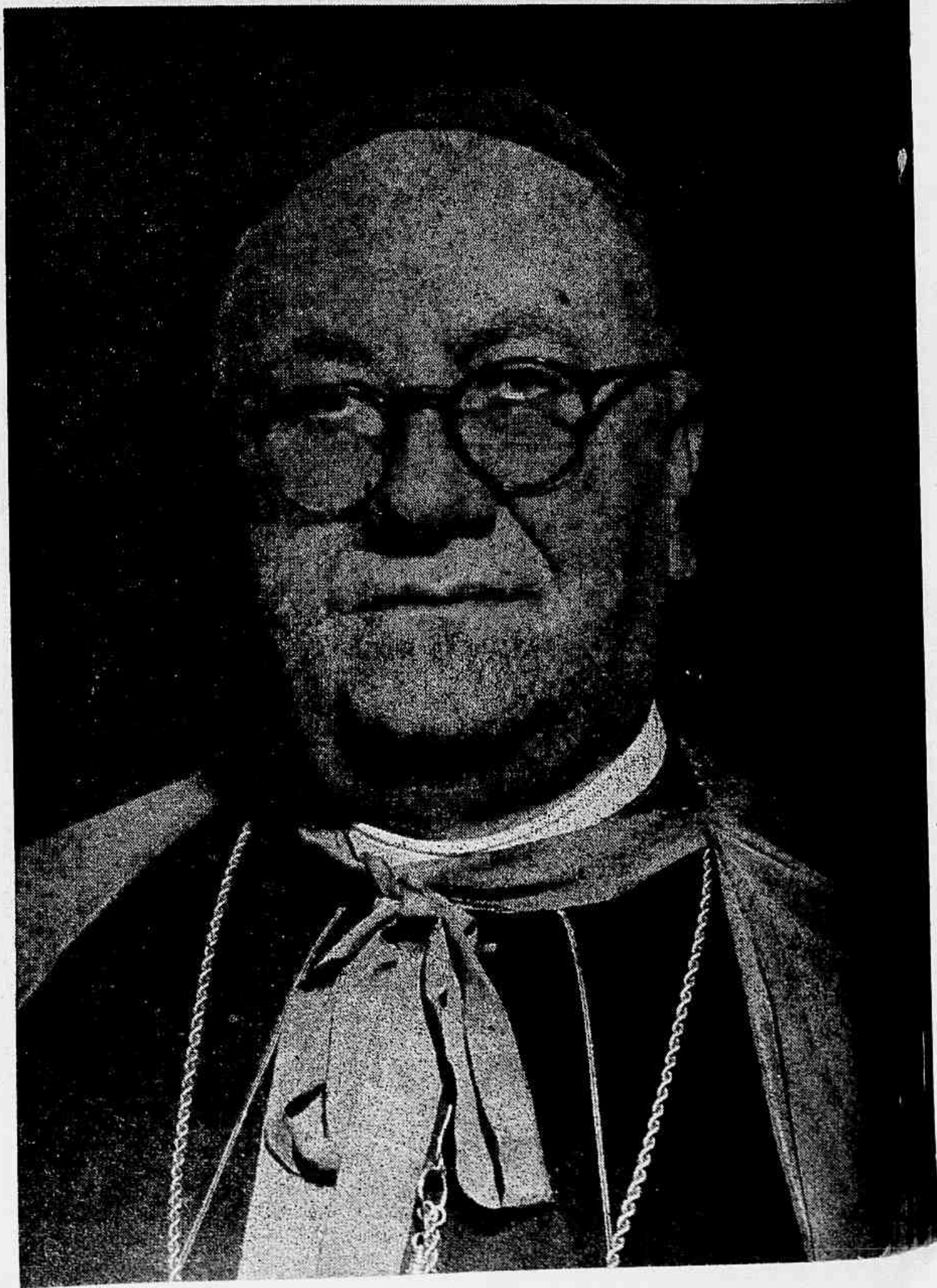
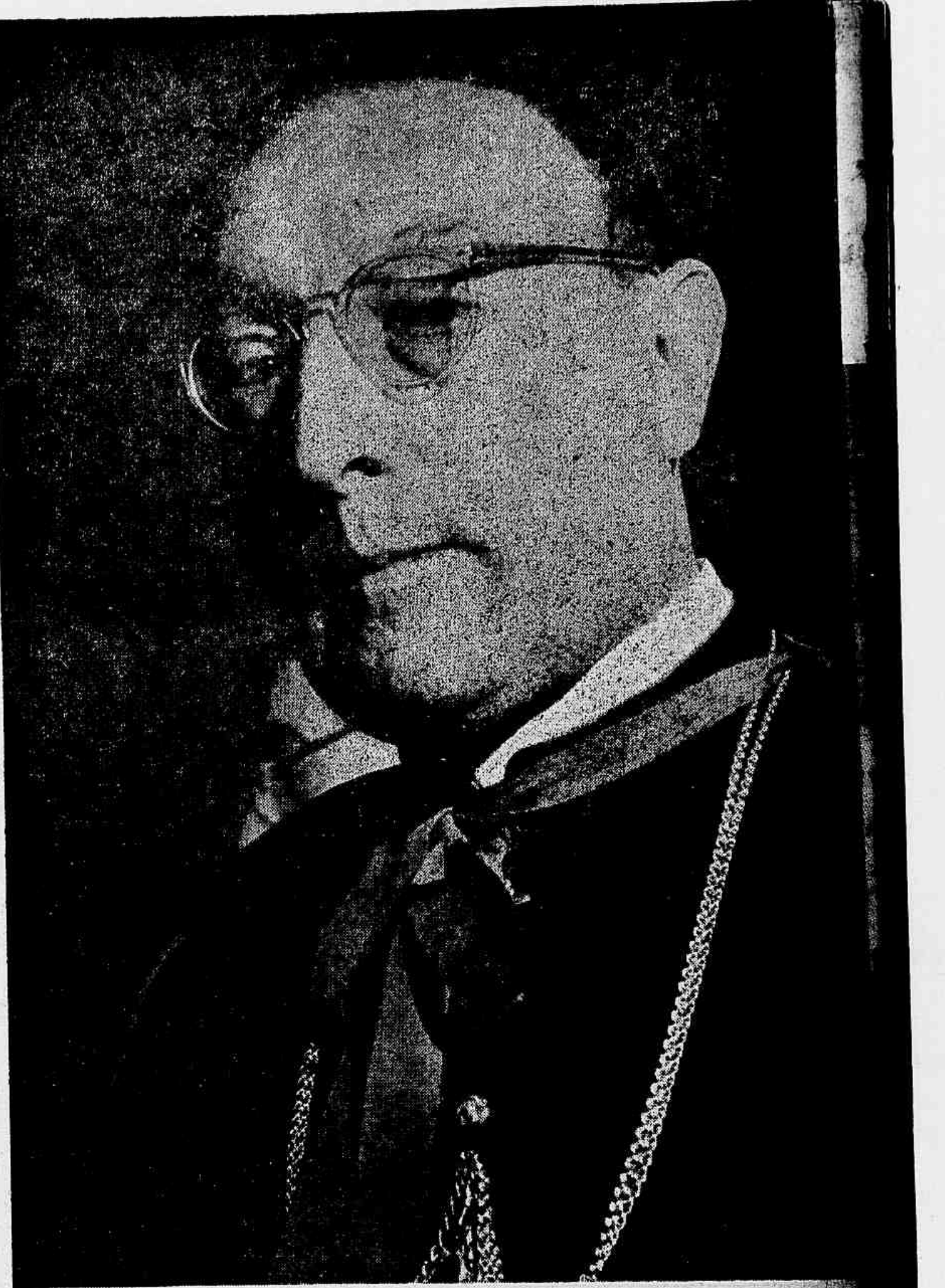
Estes dias foram para os meios católicos do Rio um período de grande alegria, pois que assim se pôde mostrar ao mundo inteiro o grau da fé do povo carioca e a sua catolicidade entusiástica.

Os prelados estrangeiros foram unânimes em demonstrar a impressão magnífica que lhes causara tudo no Rio de Janeiro, onde a hospitalidade verdadeiramente cristã de governantes e governados lhes abriu a alma, para recebê-los como verdadeiros príncipes que são da Igreja Católica Apostólica Romana.

Assim, se afirmou mais uma vez na História que não pode perecer, através dos anos e dos azares, a fé do povo brasileiro em Cristo-Rei e a sua certeza nos gloriosos destinos da igreja de S. Pedro.

As festas que assinalaram a passagem dos cardeais pela nossa Capital foram vivas demonstrações desse entusiasmo e dessa fé que, para felicidade do nosso povo, temos esperanças de que sempre estejam acessos no coração de todos os brasileiros.

E que, pelos séculos afora, o Brasil permaneça sempre no lugar de destaque que logrou alcançar no seio da Santa Igreja.



Ao alto: D. Antonio Caggiano, bispo de Rosario (Argentina).
Em baixo: D. Juan Gualberto Guevara, arcebispo de Lima.



A VIDA É INSUPOORTÁVEL NOS APARTAMENTOS DA CIDADE — DE NADA VALEM OS INSETICIDAS — NÃO HÁ O PERIGO DE PESTE, MAS HÁ PULGAS DE MAIS

CHEGOU o calor, causticante, cruel, impiedoso. E com ele chegou uma praga tipicamente carioca, que foi esquecida nas Escrituras: as pulgas. São milhões desses terríveis insetos, que pululam hoje em todas as casas do Rio de Janeiro, numa orgia de saltos e cabriolas, pondo os nervos dos habitantes da Cidade em constante tensão.

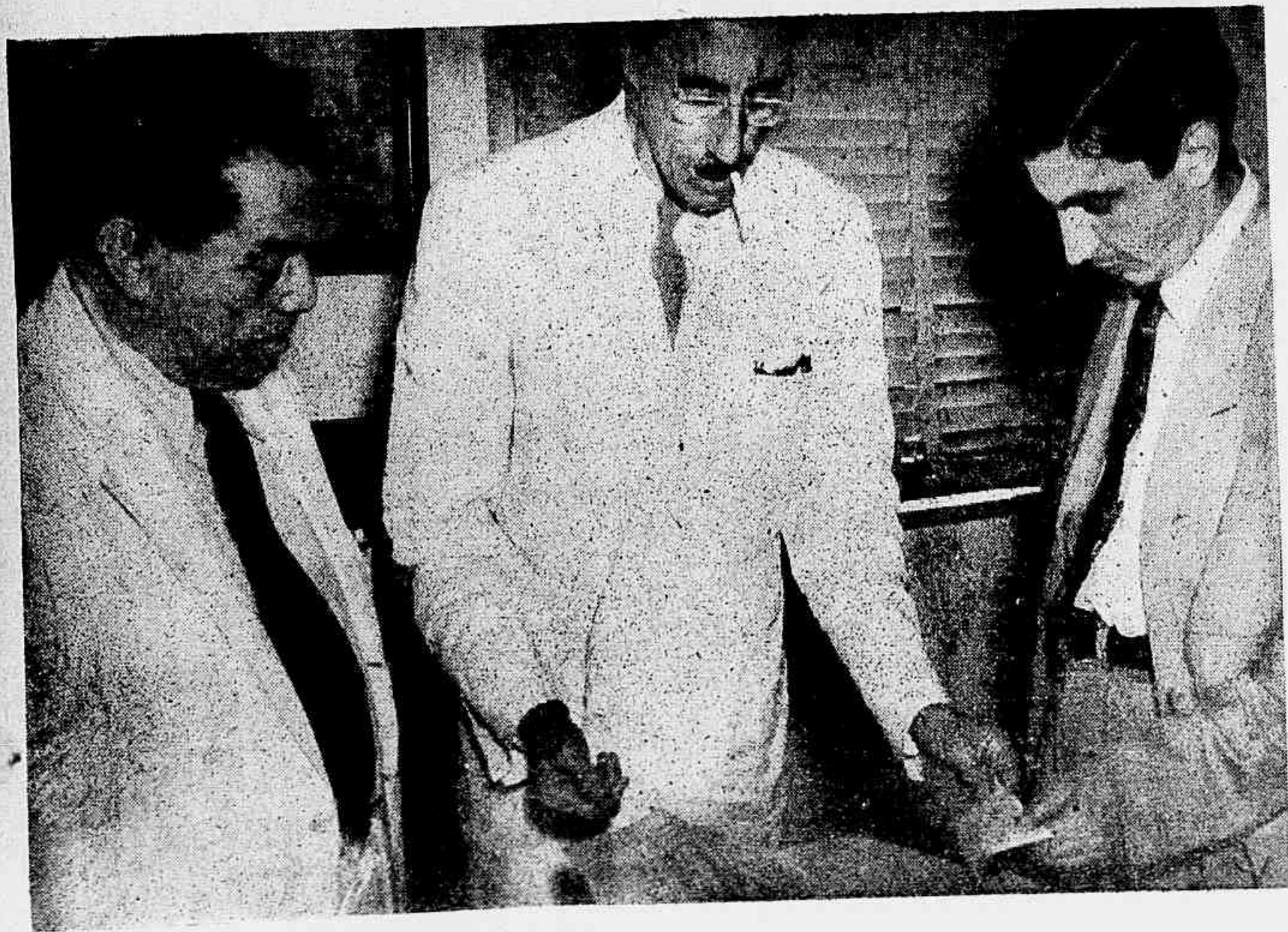
Nuvens do inconveniente bichinho invadem apartamentos e "bungalows", acomodam-se nas poltronas e nas camas, à espera do alimento líquido que os pobres seres humanos virão lhes trazer com regularidade, numa distribuição compulsória de sangue.

Proveniente ninguém sabe de onde, essa legião daninha investe cerradamente contra os locais de habitação humana, numa guerra total e terrível, não perdendo ninguém, homens e velhos, crianças e mulheres. Não existe hoje, em todo o Rio, quem não se coce a cada instante, picado por uma pulga importuna, que penetra através do vestuário até alcançar a pele, por onde penetram os ferrões sequiosos até encontrar os vasos sanguíneos mais superficiais. Em dois segundos, saciada a sua fome, o pequeno ladrão salta para longe, antes que os dedos de sua vítima consigam alcançá-lo para o merecido castigo.

COPACABANA OCUPADA

O primeiro bairro a sofrer a invasão das pulgas foi Copacabana. Ali, em todos os prédios, casas residenciais ou edifícios de apartamentos, as pulgas são agora senhoras absolutas do terreno, e cada dia o seu exército se vê engrossado de novas legiões, que tornam insuportável a vida dos habitantes do aristocrático bairro. E da curva do Leme ao Arpoador a existência humana se resume num verbo: coçar. O homem sai para o trabalho incomodado por uma pulga que lhe entrou pelo sapato a dentro e que tenta a custo uma picada rendosa. Mas a cada movimento seu o inseto se assusta e muda de lugar, para investir de novo, com as pinças em riste. Novo suplício para o pobre cidadão, que se vê obrigado a uma ginástica acrobática, afim de caçar o ágil bichinho, enfiando os dedos entre o sapato e o pé. Mas a pulga já então se en-

AS PULGAS INVADEM O RIO



contra distante, atacando o seu braço. Desesperado, o homem entra no lotação, comprimindo-se entre dois outros passageiros. Estes se coçam também, atacados por falgas de pulgas irritantes e famintas. E só então ele vê que o tapete do carro é um verdadeiro ninho de pulgas. Os seus pés comicham, sob a ação de dezenas de insetos. Pelas pernas lhe sobem contingentes cerrados dos pequenos animais, numa ofensiva relâmpago, extraíndo-lhe o sangue e irritando-lhe a pele com picadas rápidas.

Pior situação entretanto é a de sua esposa, que ficou em casa, empenhada numa luta sem tréguas contra a multidão liliputiana de pulgas que cobre os móveis e se insinua pelas frestas do assoalho. As poltronas estofadas são centros de resistência contra todo o esforço de destruição. O quarto da empregada está inteiramente ocupado pelos exércitos de parasitas. A sala de visitas transformou-se num ninho de pulgas. No quarto de dormir a situação é lamentável...

Ao alto: um guarda do Serviço Nacional de Peste aplica um jacto de lança-chamas contra um ralo de esgoto. Este aparelho é usado tanto no exterminio dos ratos quanto para a despoluição de casas e terrenos. Em baixo: os drs. Mario Mesalhões e Antonio Peryassu mostram ao nosso companheiro os mapas de serviço de sua repartição.



Fêmea de uma das espécies propagadoras da peste. Não é destas pulgas que se queixam os habitantes do Rio. Este terrível inseto é em geral hóspede dos ratos, vivendo logicamente no "habitat" dos roedores. Armazens portuários, celeiros e barracões de depósitos são os pontos preferidos pelas pulgas dos ratos, pois é ali que elas encontram o seu hospedeiro.

DE BOMBA EM PUNHO

Cansada de tolerar inermemente este estado de coisas, a dona de casa vai ao armazem, adquire um inseticida líquido e uma bomba. E inicia a guerra química contra as pulgas. De vaporizador em punho, ela percorre demoradamente a cozinha, a copa, a sala de jantar, o quarto de dormir, cansando os braços nos movimentos de comprimir e distender o aparelho.

Mas o ar que entra pelas janelas abertas vai levando para longe as nuvens de inseticida vaporizado, tornando novamente o ambiente propício à proliferação e à longevidade das pulgas, que voltam a investir contra os homens e os animais domésticos, causando uma tensão nervosa em todos os habitantes da casa, da senhora ao cãozinho, da empregada ao gato.

O totó se coça exasperado, o pobre do "nêve" parece que vai ficar louco. E os dois, esquecida a obrigação tradicional de se engalfinharem em lutas mortais, se confraternizam na desgraça, rebolando juntos sobre sofás e cadeiras, numa ânsia incontida de se livrarem daquele suplício. E o pior, para os dois infelizes, é a medida rigorosa observada pela sua dona, de lavá-los todos os dias com uma solução inseticida, que nunca entretanto faz desaparecer as pulgas dos seus corpos peludos. Mas a dona de casa parece mesmo não ter compaixão. Vendo que o banho não faz o efeito desejado, volta a boca da bomba contra os seus pobres animais, molhando-lhes os pêlos espessos com a solução picante de inseticida.

Nada porém dá resultados satisfatórios. A dona de casa vai então visitar a sua amiga mais íntima, em busca de um conselho providencial. Mas ali encontra mais pulgas que em sua própria casa. Volta desanimada, mas tenta outro recurso: vaporizar inseticida por

todos os recantos de sua residência e fechar em seguida as portas e janelas, para que o veneno faça efeito. Isto melhora a situação por algumas horas, mas logo as pulgas voltam ao ataque. Alguém aconselha a lavagem do assoalho com uma solução de creolina. E'

Aí estão os guardas do Serviço Nacional de Peste, prontos a sair à rua para a ronda vespertina. Todas as tardes eles percorrem as suas zonas, armados de rotoeiras, lança-chamas, vaporizadores de gases sulfurosos, aparelhos de Clayton. Nenhum rato pestoso pode burlar a sua vigilância. Estes guardas sanitários são uma garantia contra o aparecimento de casos de peste na cidade.



Então, nervosa, esgotada, a pobre senhora se entrega à sanha das pulgas, com fantasmas negros a lhe mexerem na imaginação. O drama da peste se lhe apresenta pela frente. E ela já se vê atacada do terrível mal que sabe ser propagado pelas pulgas. Chama médicos, quer fazer exames. Já não dorme direito nem come com regularidade. Tem medo de que um dos milhões de insetos que pululam em sua casa seja portador da terrível moléstia.

NO SERVIÇO NACIONAL DE PESTE

Todos esses temores são entretanto infundados. Foi para esclarecer este ponto da questão que estivemos no Serviço Nacional de Peste, conversando com os médicos encarregados da direção dos trabalhos e observando os métodos de ação daquele departamento da Saúde Pública.

O dr. Almir de Castro, jovem facultativo que dirige o Serviço, prontificou-se a nos esclarecer sobre tudo o que se relacionasse com a praga de pulgas que infesta o Rio.

A uma pergunta nossa, respondeu prontamente:

— Não há invasão de pulgas. A grande quantidade desses insetos que atacam os moradores do Rio, se deve unicamente ao fato de ser o verão o tempo mais propício à vida e à reprodução das pulgas. Todos os anos acontece a mesma coisa, mas o número de pulgas cresce em progressão de um verão para outro.

— E esses insetos não constituem perigo algum para a saúde da população?

— Pelo menos, podemos afirmar com certeza, não constituem perigo de propagação de peste. As pulgas que estão atacando a população do Rio, principalmente os moradores de Copacabana, são insetos mais ou menos inofensivos, irritantes é claro, mas que não servem nunca como hospedeiros intermediários do micróbio da peste. Os insetos dessa espécie que vivem nas casas residenciais são em geral "pulex irritans", provenientes de cães ou de gatos. Não há perigo de que uma pulga de rato venha a atacar o habitante de um apartamento, moderno mesmo porque os novos edifícios são todos blindados contra os ratos, de maneira a tornar impossível o acesso da peste ao seu interior.

— E como se faz a profilaxia? — indagamos.

O dr. Almir responde prontamente:

— Não existem ratos pestosos no Rio. Os últimos a aparecerem foram apanhados em 1938. O nosso serviço consiste em fiscalizar as portas de acesso à cidade, únicos locais por onde a peste poderia penetrar no Rio. Assim, a nossa zona de ação se restringe ao Cais do Pôrto, aeroportos e estações ferroviárias. Os ratos desta zona são examinados, bem como as suas pulgas. E, como a epidemia humana é sempre precedida de uma epizootia na população de ratos, não se torna possível um surto de peste.

Continuando, diz o médico:

— O nosso serviço, como já disse, é feito no sentido de evitar a peste. Julga porém o povo que temos a obrigação de exterminar os ratos. Para não causar contrariedades, atendemos sempre aos pedidos que nos são feitos, dando caça aos terríveis roedores em todos os pontos da cidade. Mas enviarmos guardas a todos os apartamentos, afim de exterminarem inofensivas pulgas de cães, é uma tarefa impossível e injustificável. A praga de pulgas mais não é que uma questão de higiene doméstica. Se todos fizessem a profilaxia em sua própria casa, não haveria mais pulgas no Rio.

Terminada a palestra com o dr. Almir, este nos apresentou aos drs. Antonio Peryassú e Mario Magalhães, com quem observamos os complexos trabalhos de profilaxia da peste.

Este jovem laboratorista examina diariamente as pulgas recolhidas pelos guardas do Serviço Nacional de Peste. Nenhum detalhe escapa às poderosas lentes de seu Zeiss. Movimentando os parafusos "micro" e "macro" ele observa e estuda os recessos mais insignificantes do organismo das pulgas, podendo constatar a presença de qualquer número de "pasteurella pestis". Graças a esse serviço eficiente, o perigo da peste bubônica ou pneumônica já não existe para o Rio de Janeiro.



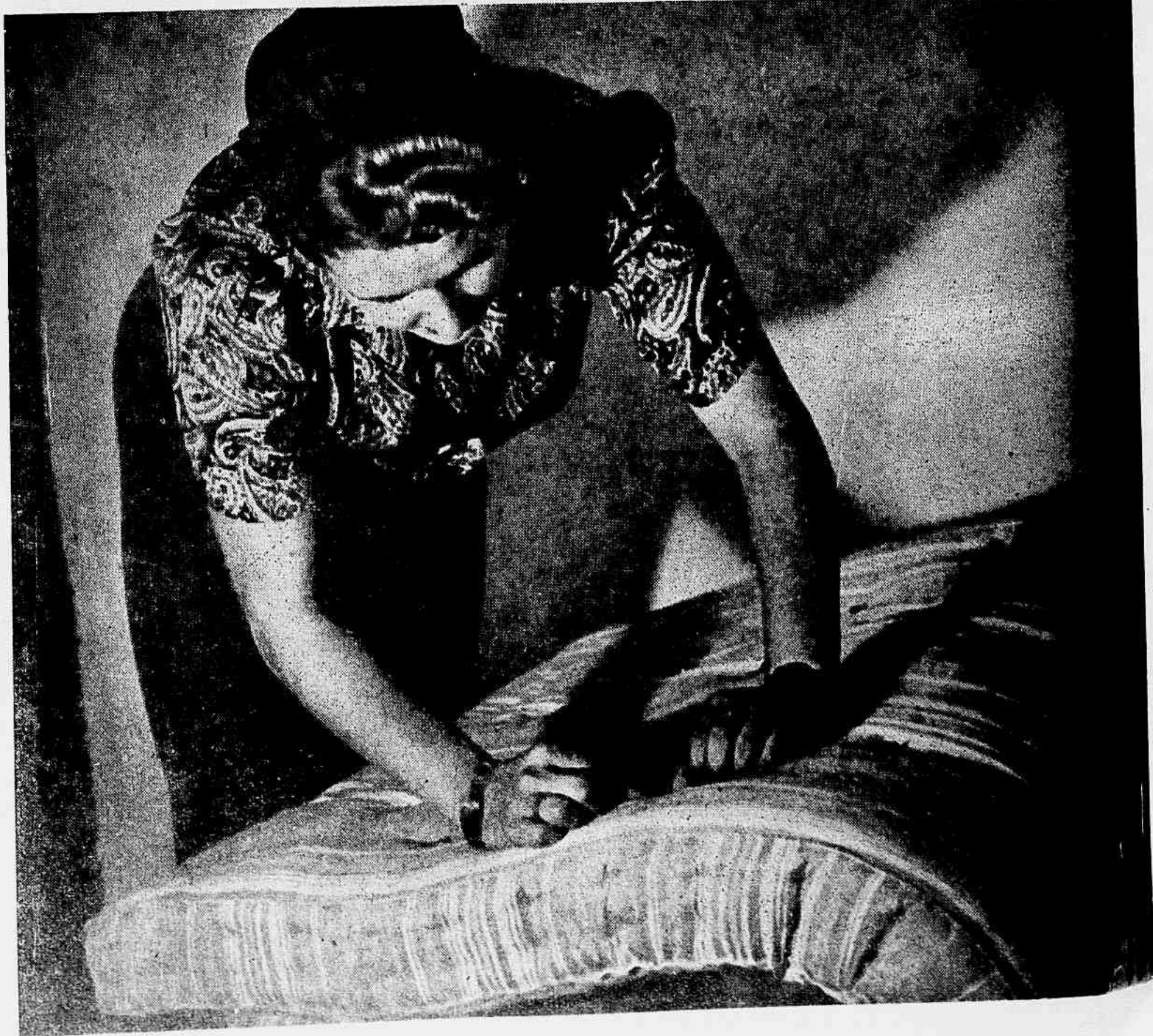
Esgotado o recurso da creolina, cujo cheiro desagradável e penetrante se espalha por toda a residência, a pobre senhora recorre ao uso dos inseticidas pulverizados. De vaporizador em punho, ela se entrega ao cansativo exercício de fazer chegar o líquido tóxico a todos os recantos da casa. Parece entretanto que as pulgas descobriram novos processos de combater essa guerra química. Mal desaparece o cheiro do inseticida, voltam os perigosos bichinhos à carga, atacando os moradores e os animais domésticos.

UM EXÉRCITO A SERVIÇO DA SAÚDE PÚBLICA

Levados por êsses dois facultativos, estivemos na sede de duas zonas do Serviço Nacional de Pestes, localizadas ambas no mesmo prédio, nas proximidades do largo de Santo Cristo.

Ali nos foi dado observar todo o complicado maquinismo daquele serviço, que constitui um verdadeiro exército que batalha incessantemente pela saúde pública, exterminando todos os prováveis focos de peste. Várias turmas de guardas saem todas as tardes dos postos, munidos de moderna aparelhagem, com a qual lhes é possível fazer inúmeras vítimas no campo contrário e trazer de volta vários prisioneiros. Êsses ratos vivos, apanhados em ratoeiras gigantes, constituem material excelente para estudo.

O sistema de exterminação da zona considerada perigosa do Distrito Federal, é feito de acordo com métodos científicos avançados, o que requer uma aprendizagem eficiente de seus guardas. Êstes saem sempre munidos com iscas envenenadas, contendo alimento agradável aos ratos e uma dose de quinze a dezoito por cento de arsênico elementar. Tais iscas são espalhadas pela circunscrição. Os canos e redes de esgoto são diariamente percorridos por ondas de gases sulfurosos, pro-



Como o inseticida não deu resultado, a dona de casa resolve-se pelo ataque direto às pulgas, empregando meios manuais de exterminação. Cada móvel é uma trincheira onde se ocultam os terríveis insetos, cada colchão é um quartel general de seu exército numeroso.



ven
gua
ros
o ex
fun
os
ráv
Ess
vap
pro
que
A
evi
rat
gu
faz
pêl
qu
ab
A
viç
ca
o a
tos
ze
hu
lig
ca
de
la
da
da
le
“
ti
ri
n
c
f
t
n
M
c
l
M
c
a

O assoalho, que tanto trabalho deu para ser encerado, é ofuscado pela creolina. Mas as pulgas continuam...

venientes dos aparelhos de Clayton, que os guardas acionam nas bocas dos ralos e boeiros. Lança-chamas especiais tornam possível o extermínio dos ratos que se encontram nos fundos das tocas, matando-os, ou desalojando-os de maneira a torná-los facilmente vulneráveis aos meios mecânicos de exterminação. Esses lança-chamas funcionam também como vaporizadores, expelindo grandes nuvens de protóxido de azoto, gás intolerado pelos ratos, que fogem dos esconderijos onde ele penetra.

Assim, é fácil ao Serviço Nacional de Peste evitar a entrada de peste na cidade. Todos os ratos capturados pelos seus guardas são mergulhados em uma solução alcalina forte, que faz sobrenadar as pulgas que eles trazem nos pêlos. Estas são examinadas, de modo que qualquer possibilidade de contágio é logo abafada em seu foco de origem.

As medidas profiláticas tomadas pelo Serviço fizeram com que não se verificasse um caso sequer de peste no Rio de Janeiro, desde o ano de 1929. Em 1938 apareceram ratos pestosos, mas os encarregados da profilaxia fizeram com que se pudesse evitar a epidemia humana, limitando o efeito do contágio a uma ligeira epizootia logo debelada.

Podem estar pois tranquilas as donas de casa do Rio de Janeiro. As pulgas que invadem hoje os seus apartamentos e "bungalows" não são as hospedeiras intermediárias da "pasteurella pestis", o terrível micróbio da peste.

Elas são simplesmente as inofensivas "pulex irritans", "ctenoccephalus canis" ou ainda "ctenoccephalus felis". Que estes nomes científicos sirvam de consolo às vítimas dos terríveis insetos...

Como nos explicou o dr. Almir de Castro, não compete ao Serviço Nacional de Peste dar caça a essas pulgas, por ele consideradas inofensivas, como inofensivas de fato o são, quanto à propagação do micróbio de Yersin.

Que elas entretanto produzem um grande mal-estar e irritações da pele, todos o sabem. Não foram entretanto feitos para essa classe de insetos os aparelhos de Clayton nem os lança-chamas dos serviços de profilaxia da peste. Aos guardas encarregados dêsse trabalho cumpre tão somente evitar a contaminação dos ratos e das pessoas residentes em suas zonas de serviços.

O extermínio da "pulex irritans" bem como das outras espécies de pulgas, que são em geral hóspedes de cães e gatos, é uma atribuição dos próprios prejudicados e uma questão de higiene doméstica.

Se até hoje, durante os meses de calor, não se consegue no Rio exterminar as pulgas em qualquer residência, isto se deve justamente ao fato de não serem adotadas em todos os lares as medidas de higiene necessárias ao completo desaparecimento dos terríveis insetos. Assim, as pulgas de um apartamento que não é convenientemente limpo e esterilizado, faz imigrar as pulgas para todo o edifício que, por sua vez, contamina todo o quarteirão. E assim, com a proliferação vertiginosa peculiar à espécie, em breve as pulgas invadem o bairro e a cidade.

Que todos lavem as suas casas com soluções de DDT, pulverizem inseticidas sobre os móveis e cobertores, lavem bem os animais com sabões apropriados e, em breve, o Rio de Janeiro estará livre dessa praga periódica que torna a vida insuportável na Cidade Maravilhosa, durante os dias de verão.



Durante uma visita, a senhora vê-se obrigada a descer de sua torre de marfim e dá uma caça intensiva a uma pulga importuna que lhe suga os capilares. O inseto parece ser de circo. Se ela o procura embaixo da meia, a pulga aparece no braço. Se os dedos se voltam para ali, o bichinho empreende uma retirada estratégica e volta a atacar outro ponto. As pulgas instintivamente procuram sempre os lugares onde não pode chegar o perigo das mãos humanas.

Tudo foi inútil. As pulgas continuam donas do terreno. A pobre senhora, depois de lançar mão de todos os recursos humanamente possíveis, cai num desânimo absoluto, deixando tudo entregue às mãos do acaso. A ciência não resolve o caso. Não existe no mundo inseticida capaz de pôr côbro à tremenda ofensiva desencadeada pelas pulgas contra o Rio de Janeiro.





Ele dizia sempre: Um homem inteligente tem muitos meios de ganhar a vida... sem trabalhar.

O velhinho olhou para o companheiro de célula e, com um risinho:

— Você tem cara de quem sofreu!

O outro sobressaltou-se.

— Ora essa! Ficou nervoso por que eu disse isso? Vê-se na sua fisionomia que você é um criminoso sincero. Eu, não. Eu sou um criminoso cínico. Depois de alguns anos de carreira você ficará como eu. Indiferente a tudo. Venho fazer estágios periódicos nesta penitenciária. Nunca me arrisco muito. Tenho lucros moderados e as penas também são mais moderadas. Por que você está aqui?

O outro sentiu uma certa simpatia pelo velho. Notava perfeitamente que ele não era um grande criminoso. Era simplesmente um desses homens que vivem de expedientes. Suspirou:

— Matei.

O velhinho abanou a cabeça.

— Matar, não. E' perigoso, pode dar pena de morte. Os homens apreciam ainda o critério de Talião. E' um erro.

O rapaz não pôde se conter mais:

— Tinha vontade de confessar tudo.

— Negou o crime, no julgamento?

— Sim.

— Outro erro. Não negar nunca. Mas jogar com os sentimentos do júri. Ainda é o meio mais seguro.

— Não tenho a experiência do senhor. Nem a serenidade para agir premeditadamente. Matei. Depois neguei que tivesse morto. Agora tenho vontade de confessar.

— Que benefício lhe trará a confissão neste momento?

— Não sei... Talvez o alívio...

— Confesse a mim... Estamos aqui juntos nesta célula, esperando ser removidos. Você muito provavelmente nunca mais me encontrará. Diga-me tudo o que sente. Eu guardarei segredo. Honra de criminosos... Você sabe...

— Sim. Quero confessar-me ao senhor.

Sentia a inteligência brilhar naqueles olhos vivos e penetrantes. Achava simpatia no jeito brusco e na inteligência calculista do velho.

— Mas espere. — O velho protestou. — Não conte tudo agora. Não o entenderei. Por que os homens pensam que confissões entrecortadas são inteligíveis? Sua história precisa ser clara, bem explicada. Quer? Eu o julgarei. Mas ouça minha história primeiro.

— A sua história?

— Sim. E aprenda a maneira de tornar interessante uma confissão. Como num conto policial. Movimentada, original...



Eu fui durante muito tempo um dos criminosos mais originais que jamais existiu. Você sabe que inventei uma nova modalidade de explorar a boa fé alheia? Meu amigo, os reveses da vida fizeram-me filósofo, e toda vez que eu me ponho a refletir, idéias novas me acodem. A psicologia é uma parte da filosofia. Entrei nela com todo entusiasmo. Estu-

dei-a a fundo e cheguei a uma estranha conclusão: os homens são uns hipócritas. Eu sei que a conclusão não é original, mas sempre é um consolo chegar, sem auxílio de ninguém, ao mesmo ponto a que chegou a maioria dos investigadores. O homem é hipócrita. E todos sabem. Mas ninguém se aproveita disso. Os chantagistas só tiveram uma idéia engenhosa e são os precursores do meu tipo de ganhar dinheiro sem trabalho. Mas, como todos os precursores, os chantagistas usam métodos inaceitáveis, expõem-se de mais. Se a vítima for uma pessoa de coragem, há de ir à polícia. Além disso, há os que matam o chantagista. Os chantagistas não levam em conta o desespero. Pedem de mais. Meu método é pedir de menos e a um número maior. Para isso é preciso engenho.

Eu sou um homem razoavelmente inteligente. Ganhei muito dinheiro com meu comércio, e quando sair daqui irei gozar a vida. Medi a pena a que me expunha e achei que valia a pena cumpri-la, sair livre e ir gastar o dinheiro que consegui.

Você naturalmente está curioso para saber como foi que fiz o trabalho de um chantagista de uma maneira original, inédita. Pois vou contar.

Comecei abrindo uma livraria. Uma livraria onde, entretanto, não se vendiam livros. Certa vez, apesar de fugir aos fregueses, apareceu um indivíduo para comprar um livro.

— Sinto muito, mas não temos.

Ele me apontou o livro numa estante:

— É aquele.

Irritado, eu disse:

— Mas não o quero vender, acabou-se!

Eu precisava ter, ostensivamente, uma livraria. Para diminuir as despesas, instalei, numa loja, minha preciosa biblioteca. Naturalmente não ia desfazer-me dos meus livros.

Você, naturalmente, está pensando por que arranjei uma livraria, por que era imprescindível que eu tivesse uma livraria. Eu precisava ter uma livraria porque... porque só assim conseguiria desempenhar minha função.

Está intrigado? E' justamente assim que eu quero que você fique. Quanto mais intrigado você ficar, mais vontade terá de saber a continuação da história e prestará mais atenção ao que digo. Contar histórias, meu amigo, também é uma arte.

Pois bem, não vou conservá-lo mais tempo nessa ansiedade. Eu precisava de uma livraria porque vendia livros. Vendia, isto é, recebia dinheiro pela venda de livros que nunca tinha vendido.

Como fazia isso? E' muito simples. Minha maior preocupação era ler os jornais. Você não acha que o jornal é uma coisa muito útil? Eu, pessoalmente, vejo mais utilidade nas notícias sociais. Desejo, às vezes, ver mais noticiário social do que os jornais comportam. Imagine você uma folha somente com esses registros: "Nasceu fulano, morreu beltrano, e casou-se um terceiro, morreu mais um outro... E' sempre a mesma coisa. A eterna monotonia da vida. Entretanto, que prodigiosa riqueza nessas notícias! Que palpitação humana atrás desses simples registros: nasceu, morreu, casou, fez anos... A coluna que eu lia com mais atenção era o obituário. Essa me interessava. Morreu fulano, beltrano... Eu tomava nota, regularmente, de todo aquele movimento.

— Mas por que? Por que?

— Porque eu vendia livros a defuntos e recebia bom dinheiro nesse comércio.

— Vendia livros a defuntos?

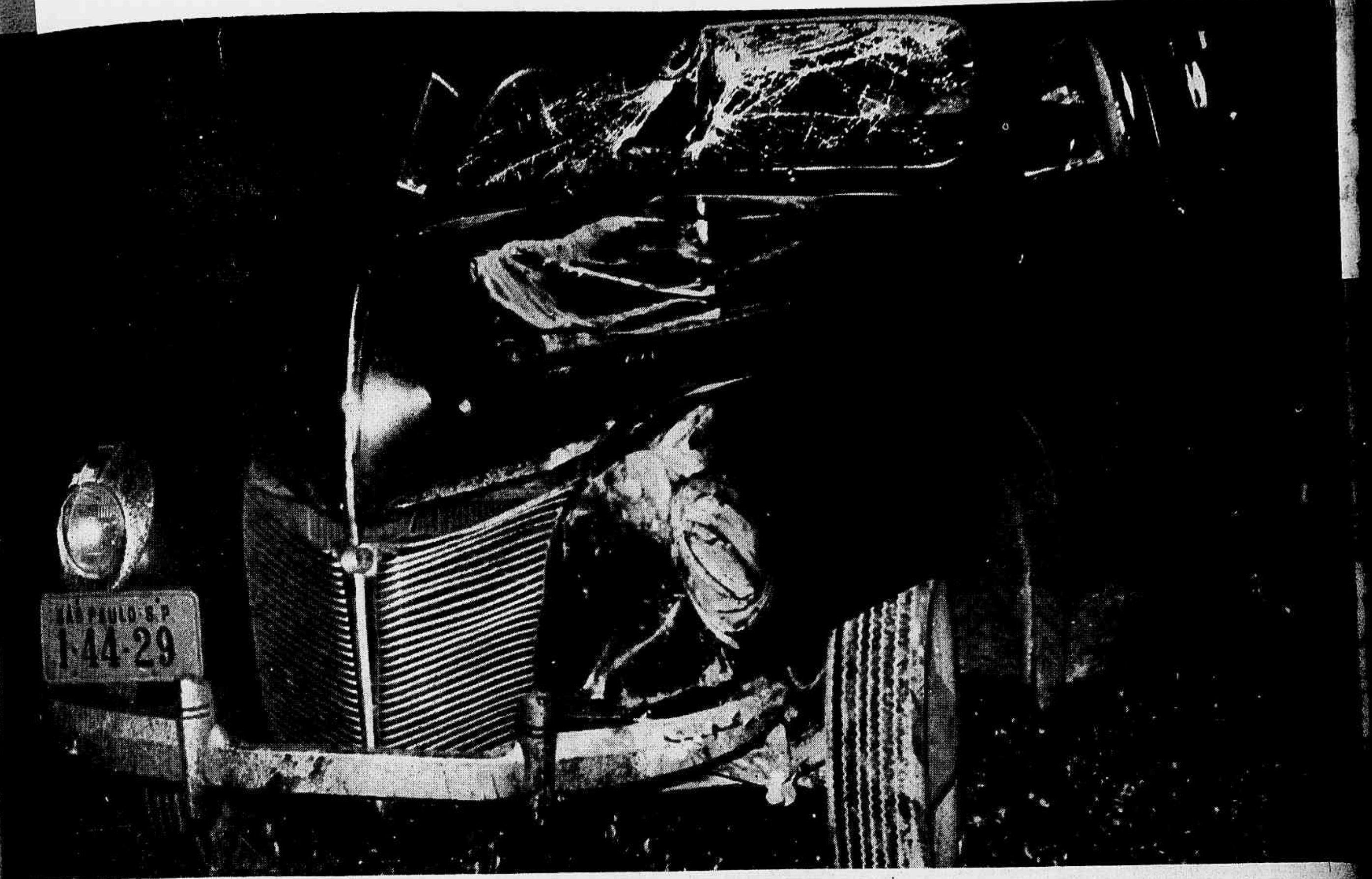
— Sim. Você não imagina como era proveitoso o negócio.

Lembro-me certa vez de um caso... Mas não quero antecipar. Tenho que explicar a você primeiramente todo o meu método para que você compreenda bem o caso.

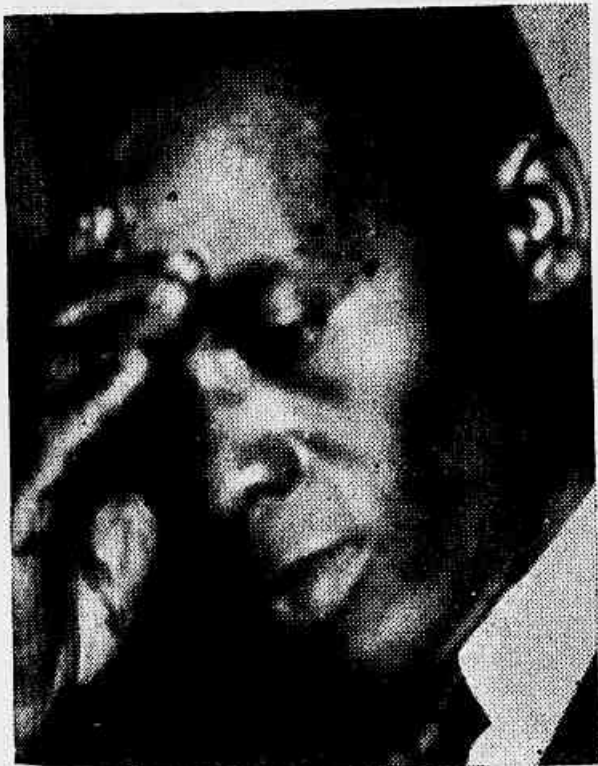
O caso da livraria

Conto de MARTIN SINGER

(Continua na pág. 53)



A MORTE DO SR. FERNANDO COSTA

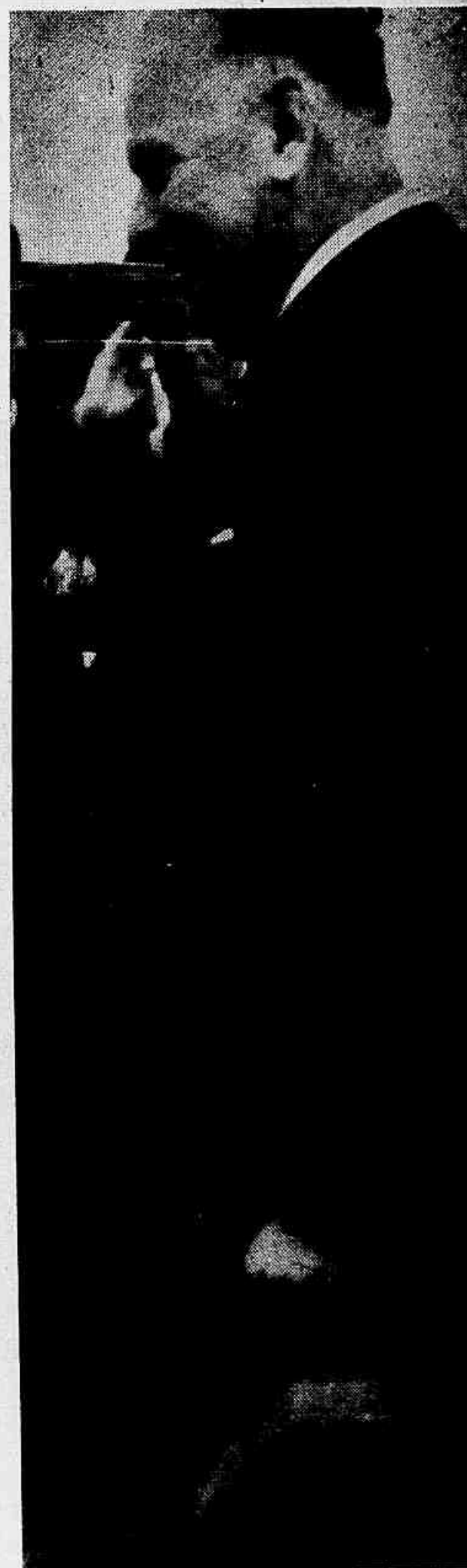


Na tarde do dia 21 de janeiro último a Nação foi surpreendida com a notícia do trágico passamento do sr. Fernando Costa, ex-interventor de São Paulo e presidente do Partido Social Democrático. As notícias esclareceram que o conhecido político paulista viera a falecer em consequência de um desastre rodoviário ocorrido nas proximidades de Campinas, quando o auto em que viajava, fechado por um caminhão que corria em sentido contrário, chocou-se violentamente contra um poste que, derrubado, tombou sobre a ca-

beça do sr. Fernando Costa, esmagando-lhe o crânio.

Ao tomar conhecimento da trágica ocorrência, o Governo do sr. Macedo Soares decretou luto oficial por três dias em todo o Estado de São Paulo.

Nesta página reproduzimos fotografias alusivas à morte do sr. Fernando Costa, podendo-se ver: ao alto, o carro sinistrado; à esquerda, o "chauffeur" que conduzia o automóvel fatal; à direita, o ex-interventor numa de suas últimas fotografias; e, em baixo, um aspecto da câmara ardente do ilustre desaparecido.





PEDRO I do Brasil e Pedro IV de Portugal, embora maltratasse fisicamente a imperatriz, quando esta faleceu extravasou sua dor em quatorze versos chorosos...

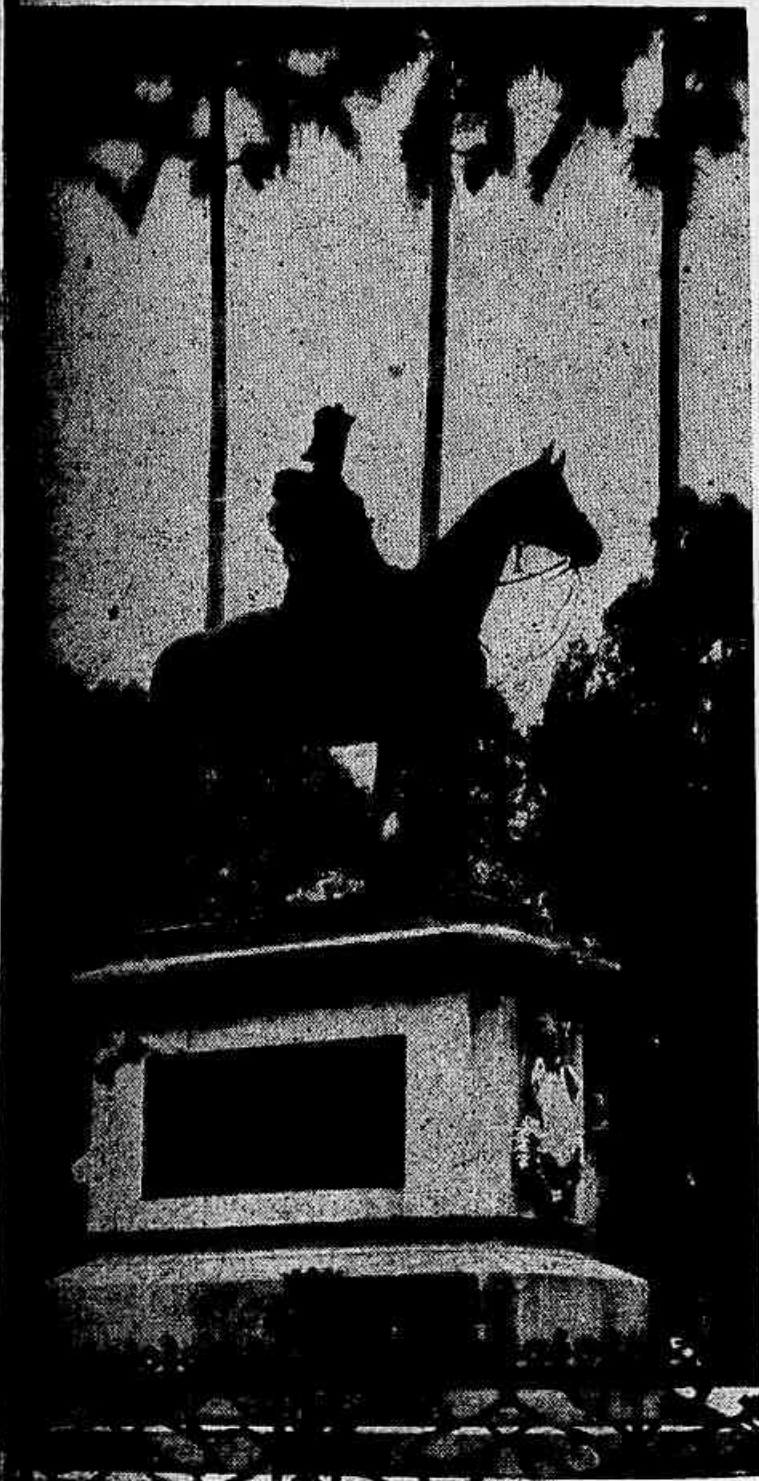


O GENERAL OSÓRIO, herói da guerra do Paraguai, antes de seguir para o campo de batalha, tomou da pena e escreveu versos de amor.

ESTE PAÍS DE POETAS

R. MAGALHÃES
JUNIOR

O Duque de Caxias é o maior herói nacional. Poucos sabem que ele também privou com as musas.



O Brasil é um país de poetas. Quem nasce neste largo e comprido trato de terra, compreendido entre o Oyapock e o Chuy, o Oceano Atlântico e as Repúblicas do Pacífico, é necessariamente um poeta. E' isso uma espécie de fatalidade a que não podemos fugir. Qual de nós, brasileiros, ainda não perpetró o seu soneto, a sua ode, a sua ecloga, a sua nênia, o seu epigrama?

Do soneto, creio que nenhum brasileiro alfabetizado conseguiu escapar até bem pouco.

Antigamente, o soneto era arma de guerra e bálsamo de lição. Saindo da pena de Gregório de Matos, rendia-lhe proventos, quando exaltava os poderosos, ou valia-lhe a cadeia e o degredo, quando o cáustico da sátira, a mostarda da crítica sibilina doía ao nariz dos delegados do rei. Nas peças de Antonio José da Silva, o "Judeu", o soneto às vezes aparecia, intempestivamente, refrescando a ação, com um pouco de poesia, ainda que à custa da quebra da unidade dramática das suas obras geniais. Outrora, não havia amor sem soneto, nem tampouco mortes ilustres que não fôssem cantadas em quatorze versos, de dez ou de doze síla-

bas. No século passado, nos "a pedidos" dos jornais, saíam versinhos soezes, sonetos difamatórios, com que poetas enfurecidos alvejavam os seus inimigos, ceivando literariamente um ódio que, nos nossos dias, se extravazaria em taponas ou, quando muito, em prosa chilra, nas páginas ineditoriais do "Jornal do Comércio". O carnaval tinha, também, a contribuição dos sonetistas. Um clube que se honrasse não soltaria um préstito na rua sem ter primeiro publicado, como matéria paga, na imprensa, alentada descrição, chamada tecnicamente "puff", e invariavelmente intercalada de sonetos, algumas vezes terríveis.

O soneto serviu, também, à publicidade, ramo prático da literatura. Emílio de Menezes não desdenhou de dar sua assinatura ilustre a alguns sonetos que anunciavam certa marca de goiabada e certa marca de cigarros. Fez também alguns desses preconcios rimados sob pseudônimo, assinando os sonetos com o nome trocadilhesco Gabriel D'Anúncio.

O Brasil não era ainda uma nação e já os brasileiros faziam versos. Antes de seguir para a Europa, pela primeira vez, José Bonifácio, que de lá voltaria aus-

tero e grave, para se converter no Patriarca da Independência, sob o nome Américo Elysio fazia sonetos a supostas Dermindas e Alcinas, das quais prometia morrer de saudades. D. Pedro I, com fama de leviano e de mau marido, de haver não somente traído os compromissos conjugais mas, ainda, de ter soado fisicamente a imperatriz Leopoldina, morta esta chorou-a, como o era de esperar, num soneto cheio de sentimento mas vazio de inspiração poética. Filho de tal pai, D. Pedro II também foi poeta, perpetrando sonetos que não eram excelentes mas que, às vezes, não eram de todo péssimos — ainda que Medeiros e Albuquerque considerasse os menos maus inteiramente apócrifos. Homens públicos como o barão de Itamaracá (Antonio Peregrino Maciel Monteiro), como José Bonifácio, o Moço, como José de Alencar, como Francisco Octaviano de Almeida Rosa, que foram ministros de Estado, deputados, senadores, plenipotenciários, prestaram culto às musas e, por causa disso, em vez de cair, subiram no conceito público. Parece que D. Pedro II mais facilmente dava títulos de barão a quem fizesse sonetos do que a quem

não privasse da intimidade das musas. Franklin Dória, por isso, foi feito barão do Loreto, e o pai de Alcântara Machado, que era um ilustre professor de Direito em São Paulo, foi feito barão de Brasília Machado — o que vale dizer barão de si mesmo, o que faz supor que sua única propriedade era o seu próprio corpo. Um tradutor lerdado e pesado de La Fontaine passou a ser, através da generosidade imperial, o barão de Paranapiacaba. O Duque de Caxias, o maior herói do Exército Brasileiro, era também poeta, como toda gente bem informada está farta de saber. Osório fazia os seus sonetos de amor. O visconde de Inhauma, grande herói naval brasileiro, como nos revela Ernesto Senna nos seus "Rascunhos e Perfis", era também sonetista. Joaquim Nabuco, um dos nossos maiores diplomatas, também perpetrava sonetos, como os perpetraram dois dos nossos recentes ministros das Relações Exteriores: Felix Pacheco e Lauro Muller, — este um pouco abaixo do medíocre.

Pela Câmara e pelo Senado Republicano passaram dezenas de poetas, que hoje talvez não sejam mais tidos em tal conta. O poeta Assis Brasil, por exemplo, foi representante do Rio

Grande do Sul; o poeta Gilberto Amado foi deputado e senador por Sergipe; o poeta Humberto de Campos, autor de "Poeira", livro ofuscado hoje pela fama das suas "Memórias", representou o Maranhão; o poeta Alcântara Machado representou São Paulo; os poetas Noraldino Lima, Francisco Campos e Augusto de Lima representaram Minas Gerais; o poeta D. Aquino Corrêa representou Mato Grosso; o poeta Xavier Marques representou a Bahia; o poeta Osório Borba — sim, também ele perpetrava os seus sonetos..... — representou Pernambuco; o poeta Domingos Barbosa, esse belo espírito e humanista de primeira ordem, há pouco desaparecido, também representou o Maranhão na Câmara até que a revolução de 1930 o afastou da política; o poeta Abdias Neves foi deputado e senador pelo Piauí, assim como o sr. Martins Napoleão, que há alguns anos aparecia nas revistas ilustradas como autor de sonetos cantantes e de rimas irrepreensíveis; o poeta Genaro Ponte de Souza, também há pouco desaparecido, e que sofreu a injúria de ter a cabeça rapada por um intervenor truculento, representou o Estado do Pará; o poeta Olegário Mariano foi deputado à

Constituinte de 1934. Valerá a pena alongar esta lista?

Agora mesmo, no Parlamento Constituinte, prestes a iniciar seus trabalhos, entrarão em função alguns poetas, como o sr. Prado Kelly, que já concorreu aos prêmios da Academia Brasileira de Letras; o sr. Beni Carvalho, que figura numa antologia de poetas cearenses e que na realidade se chama muito prosaicamente Benedito; o sr. Afonso de Carvalho, que é um elegante cultor das musas, quando Marte para tanto lhe dá folga; o sr. Brígido Tinoco, deputado fluminense do P. S. D., que é sonetista de fama em Niterói e adjacências, onde as fôlhas dominicais dão seus versos; e agora mesmo está desembarcando no Rio, de avião, com um diploma debaixo do braço, o maviioso poeta Alvaro Maia, que se fez eleger deputado no Estado do Amazonas. Além desses há outros, que são poetas menos ostensivos. Embora menos do que no passado, a poesia continua a ter o seu prestígio — e a prova disso está no número de poetas que concorreram às últimas eleições no D. F., embora derrotados: Augusto F. Schmidt, J. G. de Araujo Jorge, Orestes Barbosa e Heitor Beltrão.

Ousamos afirmar que, no Bra-

sil, quem não é poeta às escâncaras, é poeta clandestino. Faz, assim, a mais franciscana das poesias, a poesia envergonhada. É um complexo com o qual precisamos acabar. E precisamos acabar fazendo com que o brasileiro possa se orgulhar da sua veia poética como de uma verdadeira característica nacional. Para tanto ousa sugerir que, como prova de nacionalidade, em lugar de certidões do registro civil, possa também fazer prova em juízo um soneto composto de improviso, sobre um dado tema, em presença de três testemunhas idôneas... Quem não passar nessa prova, lisa e honesta, é porque não é brasileiro. Tratar-se-á, sem dúvida, de algum estrangeiro indesejável, que entrou irregularmente no país e que deve ser chamado urgentemente às falas, pelo Departamento de Imigração... Embevecidos com a Poesia, voltados mais para as musas do que para a realidade terrena e para as angústias da vida quotidiana, pensando mais no Cruzeiro do Sul do que na própria rua em que moramos, nós somos irremediavelmente poetas, incuravelmente românticos. É por isso, talvez, que o Brasil parece menos um recanto da Terra do que mesmo um pedaço da Lua...

José Bonifácio nos legou algumas poesias épicas. Mas em seu tempo ele foi também um lírico ardente, que falava às mulheres sob o pseudônimo romântico Américo Elisio.

D. Pedro II foi poeta e fez questão de aparecer como tal. A sua lira, entretanto, compreende uma linha sinuosa de altos e baixos. Medeiros e Albuquerque disse que os seus melhores versos não eram dele...



MOCIDADE DE MACEDO

ESCRAGNOLLE DORIA

NA poligrafia nacional do século XIX cabe lugar de honra a Joaquim Manoel de Macedo, talvez mesmo se possa dizer caber-lhe lugar de honra especial naquela poligrafia.

A variada e brasileira obra de Macedo atesta de nenhum dia sem linha infatigável pena, quase nenhum ano passando sem livro esperado do fecundo escritor.

Macedo levava por companheiras de seu sair à rua as provas tipográficas de volume seu no prelo. Corrigia provas onde achava ensejo e mesa, diziam que o fazia no Colégio de Pedro Segundo quando a docência o permitia.

A Macedo não faltavam editores, fato significativo em época na qual nem havia muitos editores, nem nos existentes existia vontade de arriscar capital e ainda menos preocupação de remunerar autores mesmo de valia.

Não há que estranhar isto por passadofobistas. Só agora as edições boas e más, luxuosas ou ordinárias se multiplicam. Resta saber se há intento de bem remunerar autores e tradutores de quilate. Possível indagar, prudente não.

Os livros de ficção de Macedo vendiam-se. "A Moreninha", em edição **princeps** de 1844, contava em 1872 quatro edições saídas de prelos do Rio de Janeiro, do Porto e de Paris.

Os livros didáticos de Macedo, escritos para uso dos alunos do Colégio de Pedro Segundo e por sua natureza e fins em voga nas escolas primárias tinham rápido escoamento.

Joaquim Manoel de Macedo
(1820 — 1882)



As "Noções de Corografia do Brasil", aproveitadas para apresentação nossa em exposições internacionais, tiveram divulgação no estrangeiro, por versão inglesa, alemã e francesa de Sage, Schieffler, Tomás Alves Nogueira e Malbont. Os três últimos eram colegas de Macedo no Pedro Segundo, no qual Joaquim Caetano, Planitz, Tantphoens, Gonçalves Dias e outros afamavam cátedras.

Macedo foi autor teatral sempre aplaudido. Nenhuma de suas peças conheceu desaprovação de público que, para desaproveitar, sempre tem por porte de armas a vaia e a pateada. Espectadores prevenidos contra qualquer já se os sabe munidos projéteis heterogêneos, contundentes ou de emplastar, o arsenal da pateada assaz apercebido.

Tanto gozou Macedo favor de platéias que os seus dramas e as suas comédias no palco iam a livro. Não se contentavam muitos espectadores com ter ouvido, queriam recordar.

Os que se haviam emocionado com os lances dramáticos do "Luxo e Vaidade" não se privavam de rir com os temores do capitão Tiberio no "Fantasma Branco", "ópera" que correu Brasil, pondo às gargalhadas sobretudo gente simples, capaz de sentir ou rir com ingenuidade.

Na vida das letras conheceria Macedo fases bem distintas. Amor às letras é o revelara escolhendo assunto de sua tese inaugural para obtenção de grau médico. Por sua natureza os trabalhos do gênero contou apreciadores restritos, sendo de explanação indiferente a leigos, que da ciência de curar esperam alívio ou salvação nos leitos da dôr.

Uma vez salvos...

"Considerações sobre a Nostalgia", tal o título da tese por Macedo sustentada em dezembro de 1844, perante mesa arguidora da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, então no morro do Castelo, em salas adaptadas no antigo Colégio dos Jesuítas.

Em rigoroso sentido etimológico grego, a nostalgia é o desejo de tornar a uma pátria da qual se sente saudades veementes, causa de doença em pêso maior sobre o sistema nervoso.

Sem fugir de medicina, na sua tese inaugural tratou Macedo da nostalgia, lembrando quanto ela devia oprimir no Brasil a raça negra por ela própria vendida a uma porção de gente do universo. Os mais espertos livraram-se do elemento servil mais a trôco de dinheiro. Depois, adversários dos que se não tinham livrado do mal policiaram o tráfico negreiro ou declamaram filantropicamente contra a escravidão.

Na sua tese médica, Macedo estudou a nostalgia do escravo no Brasil, onde aquele, quando quilombola, buscava encontrar no esconso das florestas uma espécie de meia pátria, a lembrar a africana, fluvial e nemorosa. Macedo escrevendo, em 1869, "Nitomas Algozes", por outra forma daria seguimento a quanto exprimira na tese de 1844.

A fase, e áurea, de Macedo na vida literária começaria em 1844 com a publicação de "A Moreninha". Este idílio carioca muito valeu e vale à fama de Paquetá, ilha que por seus veraneios D. João VI popularizou sem desapreciar a ilha maior do Governador.

De 1844 pelo menos até 1878, Macedo está em toda parte onde se manifeste cultura, no livro, na imprensa, no teatro, na revista ilustrada, no magistério, na tribuna parlamentar, na acadêmica.

canto natal fluminense de Itaboraí. Não se cansara de ainda conserva seu público e tê-lo é prêmio para quem maneja pena.

Tanto se pode falar como escrever no deserto.

No fim do Império, por nova geração literária Macedo é criticado, tido por atrasado. Mas as obras do escritor ainda assim não deixam as livrarias, há sempre quem as compre e nelas estude o que de melhor teve a vida brasileira, o seu caráter próprio, a sua feição social particular, hoje quase em vão buscada.

Desiludido, enfêrmo, Macedo recolheu-se ao amado canto natal fluminense de Itaboraí. Não se cansara de exaltá-lo na sua obra, a ele na previsão de últimos dias vem acolher-se em pobreza. Não pudera amealhar, contentara-se em viver como e mgeral se vivia no tempo, ganhando pouco para poder adquirir o que não custava muito, e Macedo recusara pasta de ministério alegando não possuir recursos para as representações da posição à própria custa.

Foi-nos dado conhecer inédita prova do amor de Macedo a Itaboraí desde sua extrema juventude. Alguém,

por herança, possuía um caderno trazendo em frontispício o seguinte título assim manuscrito:

Alaude Itaborahyense
ou
Produções Poéticas
de
Jovens de Itaborahy
Estudantes
Na Côte do Rio de Janeiro
1840

Na primeira página do caderno lia-se epígrafe de Gresset, a que devia figurar em "A Moreninha". Isto parece indicar quanto Macedo deve ter sido coordenador principal do "Alaude Itaborahyense".

Tanto neste como em "A Moreninha" acha-se a epígrafe de Gresset.:

Trop occupé pour corriger ...
Je vous liure mes rêveries
.....
J'en f'ais pour me desennuyer.

Na época em que Macedo levava a público "A Moreninha", era de hábito epigrafar poesias e capítulos de romance.

Macedo escolheu para o seu primeiro romance uma epígrafe de poeta e comediógrafo satírico, João Batista Gresset, todo século XVIII e autor de bons versos, alguns dos quais permanecem entre as mais belas citações da língua francesa.

O "Alaude Itaborahyense" — alaude palavra ora arcaica designando instrumentos de cordas sem mais emprego — teve prefácio em prosa na lavra de Macedo, que o denominou

Prefação

Nesta explicou o seu autor a razão do coligirem rimas tanto êle como seus quatro outros conterrâneos, na folga de compêndios de medicina.

Disse Macedo em "prefação":

"Assim como os bustos ornamentão os jardins, as inscrições sepulchraes augmentam o bello triste da sepultura. Este Alaude nada mais representa do que a louza onde vão restar depois de uma existencia tão breve, como a do suspiro, nossas produções que baldas de arte e quiza de natureza, essenciaes attributos para a vida da poesia, permanecerão para sempre ignoradas, semelhantes aos ais da saudade exalados na solidão.

Sendo assim antepomos um epitaphio n'uma campa antepondo — n'este Alaude — uma prefção ás nossas rimas.

Os que temos parte em tal tyrocínio, somos jovens itaborahyenses que havemos na alvorada de nossos annos brincando juntos nos mesmos prados, bebidos agoa nas mesmas fontes e vivido vida de prazeres e venturas de baixo do mesmo orizonte, gostamos ainda hoje da união de uma infancia, e naturaes do mesmo torrão nossa amizade é como a de filhas de uma mesma may.

Sendo os primeiros a confessar nossa impericia, a desculpa dos erros será uma justiça e uma satyra contra nós nada terá de generosa. Vale."

O amor ao berço natal consagrado na "prefação do Alaude", Macedo acentuá-lo-ia ainda nas páginas de "O Rio do Quarto" e ao recordar bellissima imagem de poeta polonês exaltando torrão natal saudoso.

Os colaboradores do "Alaude", poetas com Macedo, foram designados no manuscrito no qual sem menção de autor figuram numerosas produções ao gosto da época.

Uma é extensa, patriótica, e bem attribuível a Macedo traz o seguinte título:

"Canto á coroação e sagração de S. M. I. o Senhor D. Pedro Segundo, recitado no Theatro de S. João de Itaborahy no dia 7 de 7bro de 1841."

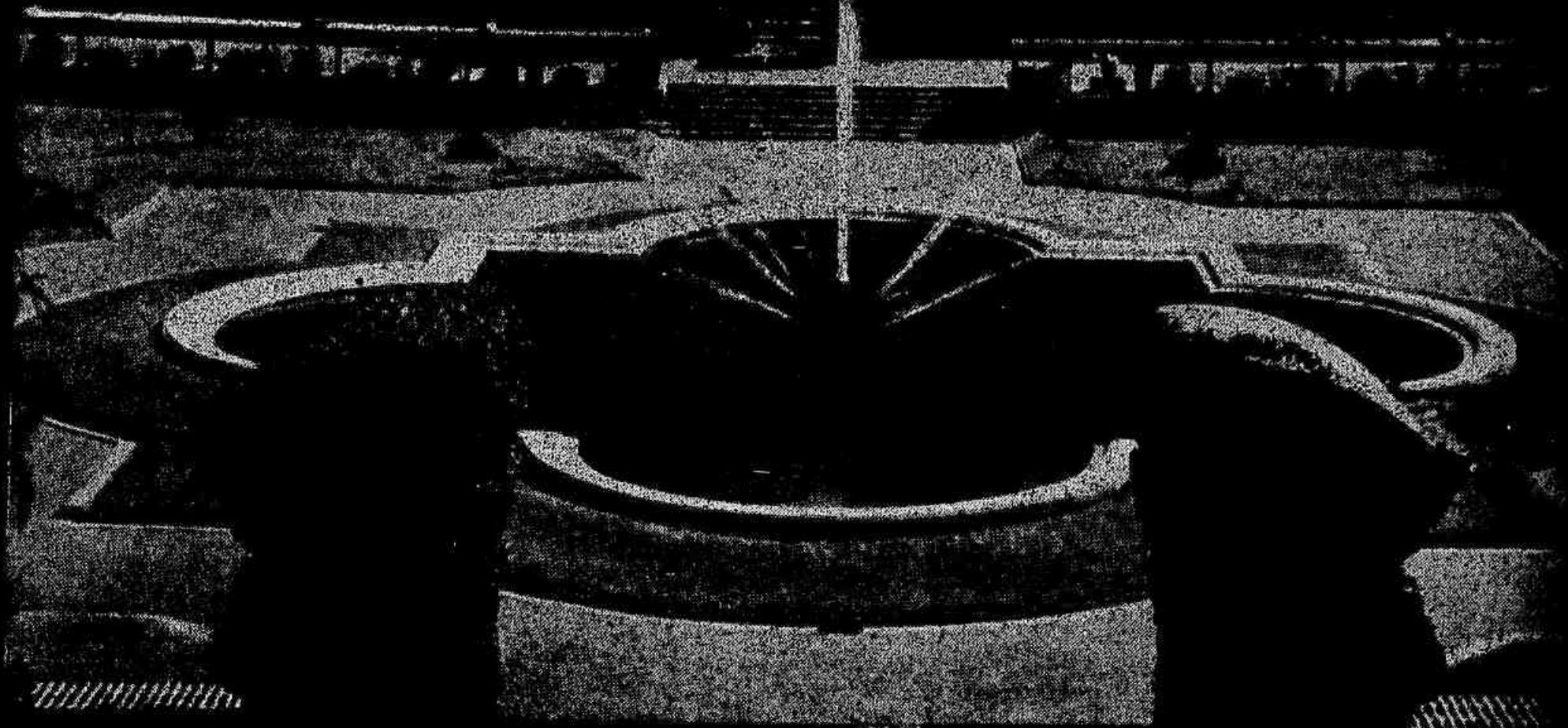
Seria Macedo provavelmente o recitador da longa peça no teatro em cujo palco havia soado a voz de João Caetano em estréia de ator.

Resta apontar os companheiros de Macedo no "Alaude Itaborahyense"; nesta ordem mencionados no manuscrito: José Bernardino Ferreira Pacheco, J. A. de Mattos e Silva, A. C. Xavier, A. G. de Lima Torres.

Formados em medicina, só a Macedo caberia prosequir nas letras, os demais indo exercer profissão na cidade ou no interior, onde tanto médico da roça levou préstimos clínicos às maiores alturas da modéstia e da caridade, na casa do pobre deixando a receita e com que mandá-la aviar.

Orquidário

A natureza, arquiteto de colossos, que traçou com o cinzel dos tempos a maravilha dos Andes e das Rochosas, mostra-se um miniaturista sensitivo e delicado nos traços e nas colorações das flôres. E onde ela se torna mais pródiga em torneados e tintas vivas é na expressão maravilhosa das orquídeas, essas jóias das selvas, cuja beleza burilada e magnífica jamais artífice algum será capaz de limitar. E' por isto que o homem, cansado das formas trabalhadas e inexpressivas, foi buscar no recesso das matas essas maravilhas florais, para enfeitar os mais lindos colos e dar graça aos mais suntuosos palácios. E os orquidários se espalham hoje, como oásis de beleza natural, entre a artificialidade dos arranha-céus. A vista fatigada da monotonia do cimento armado descansa embevecida na contemplação das catilêlas roxas e sensuais e das oncidias pitagadas, que exalam o aroma bárbaro da selva mãe.



QUALQUER turista conhece o famoso enderêço. E visita obrigatória de todos os programas de turismo. O turista ao chegar a Londres não esconde a sua ansiedade em conhecer a lendária residência. Atravessa Whitehall, onde se encontra a maioria dos edifícios públicos, cumprimenta o guarda na esquina de Downing Street, dirige-se para o N.º 10 e se perde em contemplação diante do vetusto edifício, não sem confessar, em parte, o seu desapontamento. Não compreende como uma casa de tijolos de construção antiga pode ser a residência do Primeiro Ministro Britânico, cenário das conferências do Gabinete e ponto de encontro dos líderes mundiais, onde surgiram nações e inimigos foram derrotados, onde a História tem sido escrita com tinta indelével. País admirável este, em que o chefe do Executivo mora em uma casa mais modesta do que a de um próspero comerciante.

O fato é que a tradição e razões de ordem sentimental têm mais importância na Grã Bretanha do que escadarias de mármore e pórticos clássicos. Ninguém ousaria destruir Downing Street, 10, e construir um palácio em seu lugar. A história consagrou o venerável edifício e ele não pode ser tão facilmente esquecido.

A origem de Downing Street não foi das mais brilhantes. Foi assim denominada em homenagem a Sir George Downing, um político oportunista do século XVII, que recebeu do rei Charles II o título de cavaleiro, o posto de secretário do Tesouro e a permissão para adquirir um terreno nas cercanias de Whitehall, com a recomendação expressa de que "a casa a ser construída nas proximidades do Palácio Real deveria ser sólida e graciosa". Ele não construiu uma só casa, porém quatro, que por certo não podem ser com-

Residência do Primeiro Ministro Britânico e local de reunião do Gabinete.

O ENDERÊÇO MAIS FAMOSO DO MUNDO

A Sala do Gabinete no N.º 10, onde são tomadas as decisões que determinam o destino de nações e o futuro da humanidade.





paradas ao adjacente Palácio Real em Whitehall.

No século XVIII não passava de uma pequena rua ocupada de preferência por pensões onde se acomodavam os membros escoceses e irlandeses do Parlamento, e uma estalagem onde podiam os mesmos fazer refeições baratas. Algumas casas foram demolidas; outras foram ampliadas para acomodar repartições governamentais. Numa dessas casas o almirante Lord Nelson e o grande soldado que mais tarde seria o Duque de Wellington encontraram-se, por acaso, pela primeira e única vez, embora ambos chefiassem as forças britânicas contra o mesmo inimigo. Estavam longe os dias da estratégia coordenada.

Por volta de 1731, o N.º 10 tornou-se propriedade da Corôa e foi oferecido pelo rei Charles II a Sir Robert Walpole como um presente. Sir Robert declinou do presente, mas pediu que a casa fosse conservada permanentemente como residência do Primeiro Lord do Tesouro. Quando este posto foi fundido ao de Primeiro Ministro, o N.º 10 tornou-se a residência oficial dos Primeiros Ministros da Grã Bretanha.

Alguns Primeiros Ministros não usaram a casa como residência, mas utilizaram-na durante as horas de expediente.

Atualmente o N.º 10 e o N.º 11 de Downing Street, residência oficial do chanceler do Erário,

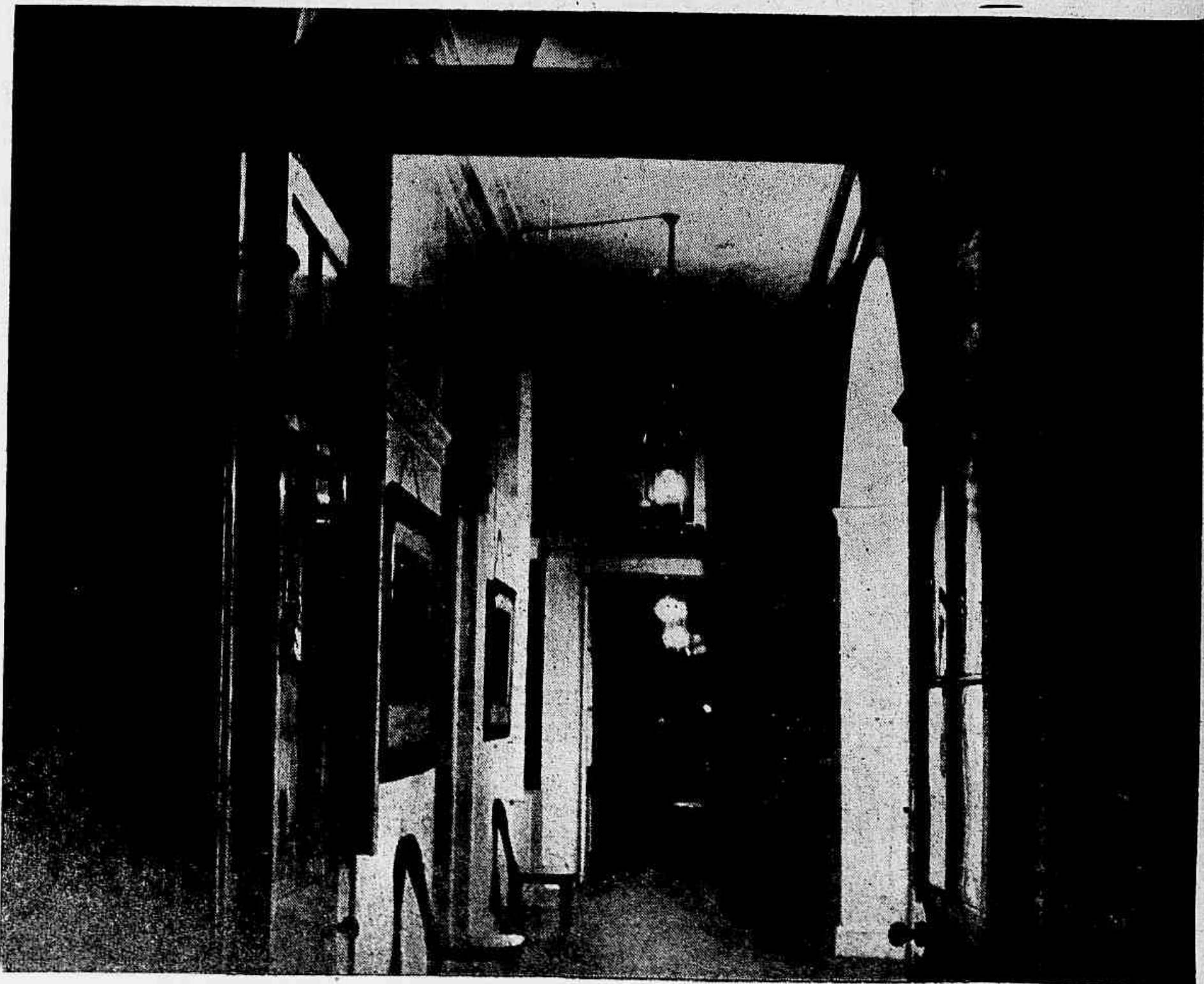
são os únicos remanescentes das antigas construções. Aham-se apertados entre os imponentes edifícios do Foreign Office e do Tesouro. Nos últimos seis

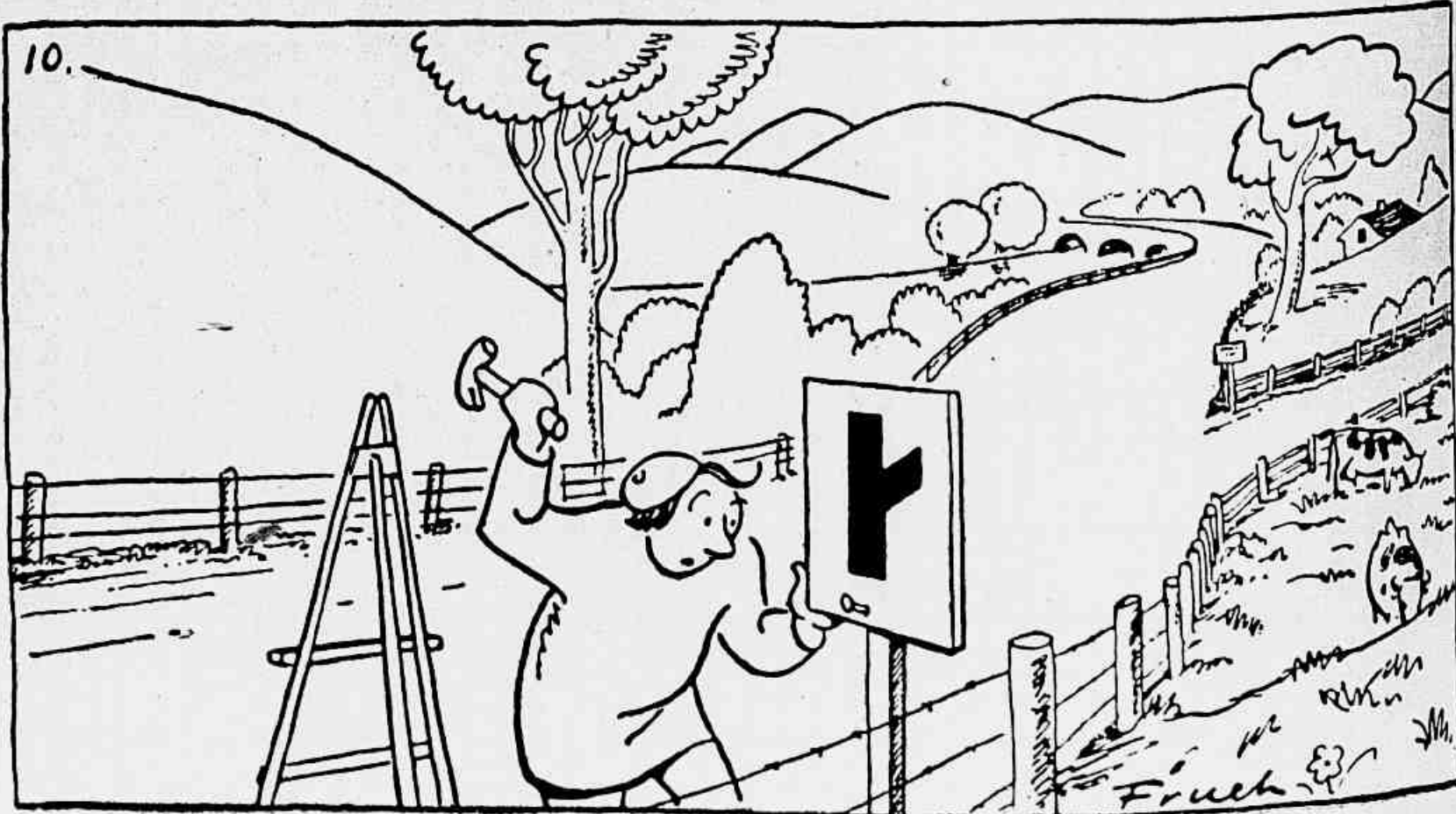
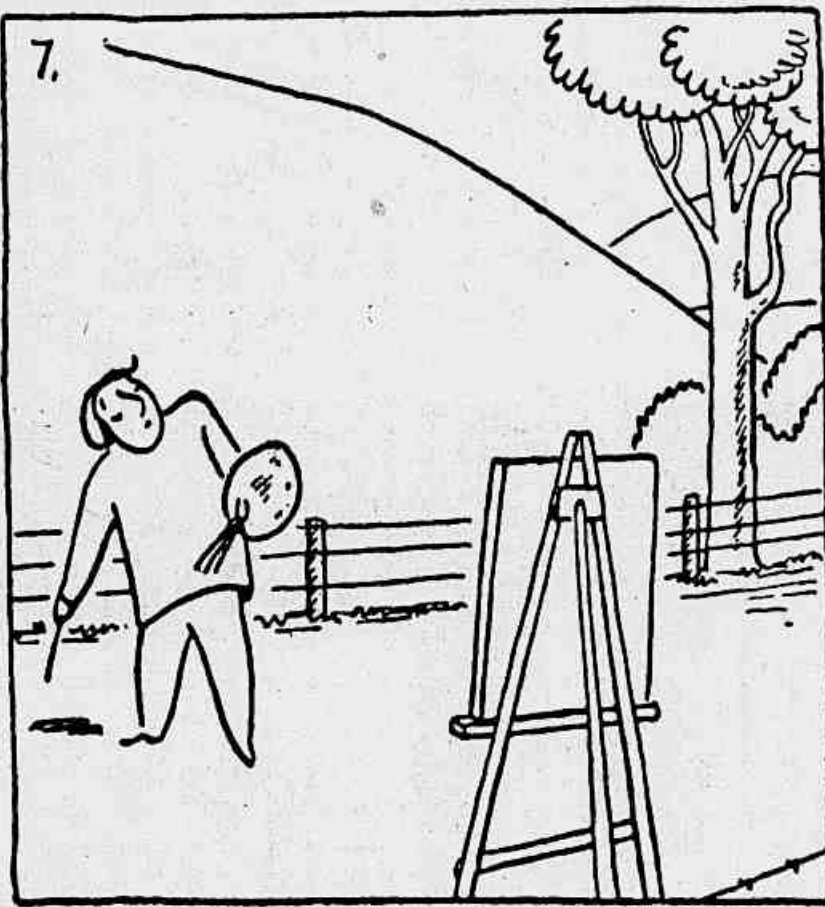
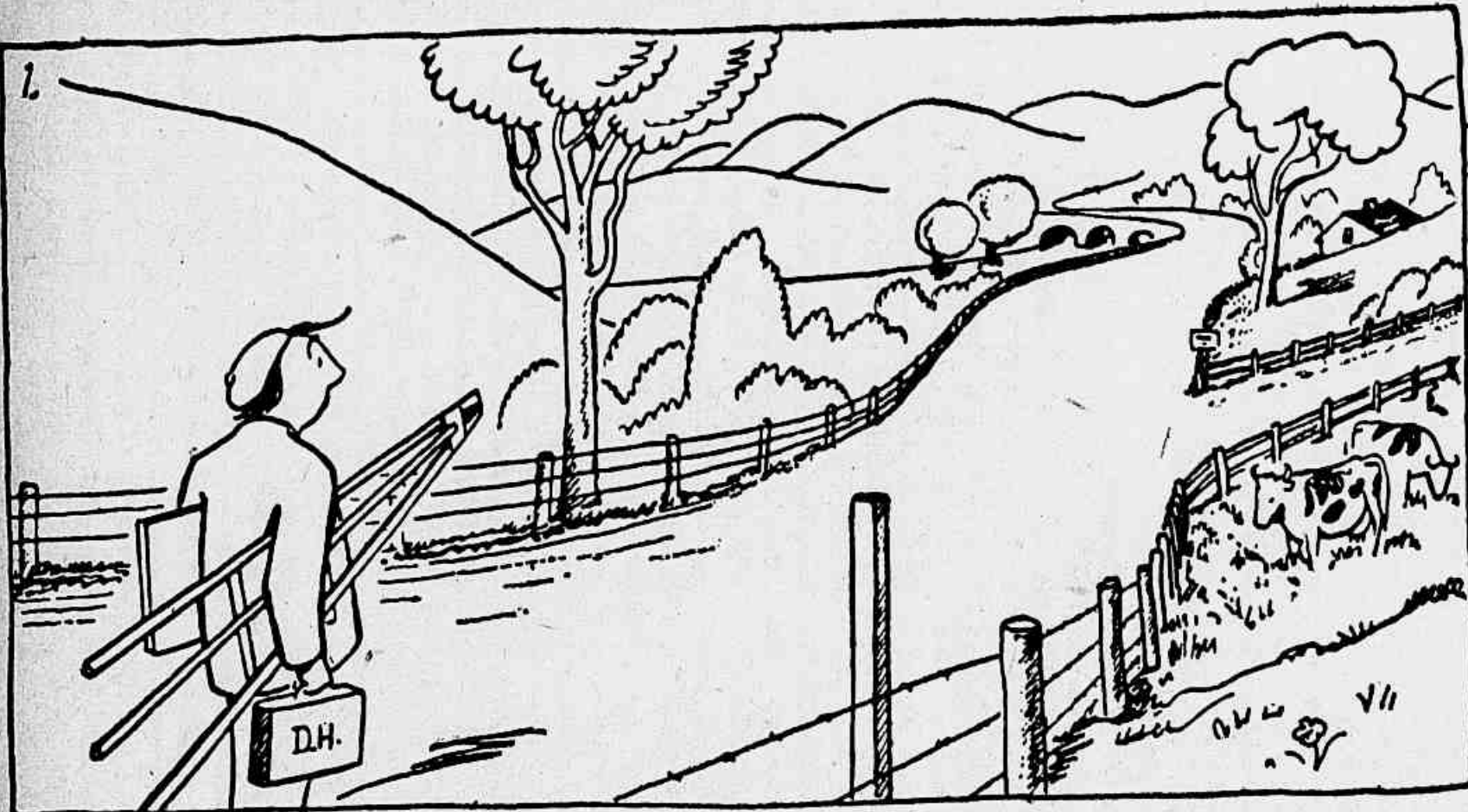
anos foram testemunhas dos acontecimentos mais dramáticos da História.

A tradição é mais duradoura do que as pessoas e os lugares,

e esta é a razão por que a pequena casa de Downing Street continuará a ser a residência dos Primeiros Ministros e o símbolo da força de uma nação.

O corredor do N.º 10: reis, presidentes, primeiros ministros e personalidades do cenário mundial atravessaram este corredor da modesta casa de Downing Street.





NOS BASTIDORES FEMININOS



JINX FALKENBURG (Columbia)



Seu marido... seu filho... seu lar... Eles exigem que você "descruze" os braços e se decida a lutar. Mas lute com inteligência, com amor e com a firme determinação de vencer, porque você vencerá.

Quantas mulheres vemos que curvam a cabeça ao destino, conformando-se muitas vezes com situações humilhantes porque não compreendem que é preciso lutar!

Lute pela sua felicidade, minha amiga. Lute com todas as forças, com todas as armas, contra tudo e contra todos, mas lute!

Não deixe que ninguém se apodere daquilo que só você tem direito, daquilo que só a você deve pertencer...

Seu marido... seu filho... seu lar... Eis as razões que devem levá-la a enfrentar todo um exército de intrigas, de maldade, de inveja e de mentiras!

Eis as razões que devem transformar a mulher resignada numa batalhadora infatigável, que só deporá as armas quando o último inimigo tenha sido derrotado.

As vezes, porém, o mal está na própria mulher. E é por isso que sugerimos que, antes de iniciar a luta, você faça um exame minucioso e honesto em sua pessoa e — quem sabe? — não terá a surpresa de verificar que o inimigo a ser combatido está em você mesma!

Sendo assim, não desalega; lute com o mesmo ardor até conseguir afastar inteiramente de si o fantasma que tenta sabotar a sua felicidade.

DIA DE SOL



Ilustração de
ARMANDO
MOURA

Conto de FORTI PRADO classificado no concurso da "REVISTA DA SEMANA"

MARILIA cerrou as sobrancelhas com força. Quis parecer séria e grave. Mas com aquela idade, com aquele vestido curto, o corpo desajeitado começando a tomar formas de moça, era difícil ter uma aparência trágica. Olhou o relógio. Duas horas. Sentiu uma preguiça imensa. O sol entrava forte pela janela, num calor vibrante, formando um retângulo de luz no assoalho de madeira. Não, não era bem um retângulo. Era mais um trapézio. Lembrou-se da cara do professor desenhando um trapézio. Começou a traçar com os olhos riscos imaginários de um lado a outro do chão batido pelo sol. Cansou-se logo. Jogou a cabeça para trás e suspirou.

O gato estava ali perto, dormitando, ao alcance da sua mão. O seu pelo brilhava. Podia dar um beliscão em seu rabo, mas já fizera isso tantas vezes que agora sabia qual era o resultado. O gato se encolhia rápido, olhava-a com raiva e mudava de lugar. Perto da janela, na sombra, o canário estava pulando em silêncio de um lado para outro da gaiola, que oscilava lentamente. Sentiu vontade de tê-lo nas mãos, acariciar o dorso marrom, beijar repetidas vezes a cabecinha redonda. Como os seus olhos eram engraçados! Redondos como uma bolinha minúscula de vidro. Sem cílios e sem piscar. A gaiola continuava oscilando.

Ela não sabia se era por causa do movimento do canário ou por causa da brisa que vinha de fora e que também levantava a ponta do jornal no colo do avô, fazendo-a ficar paralisada no ar durante um momento como se estivesse presa por um fio invisível, e depois deixava-a cair lentamente.

Começou a observar o avô que se recostava todo na cadeira de balanço numa posição grotesca. Estava dormindo. Um braço pendia vertical, abandonado. Marília

calculou se era o direito ou o esquerdo. Achava sempre dificuldades em saber isso. À sua direita. À sua esquerda. Mas o braço que estava caído era o direito. O esquerdo, com a enorme pinta na costa da mão, estava sobre o jornal, no colo. Os óculos na ponta dos dedos. Os óculos das vistas cansadas, simbolizando a proximidade da velhice inútil, cheia de fixação e de um conformismo inevitável. Marília franziu a testa. Não tolerava esse vazio de todo o dia. Daqui há pouco ela também estaria usando óculos, velha como o avô.

Olhou para fora, pela janela. A claridade do dia era tão intensa que doía a vista. O céu estava azul como se fosse de porcelana. Teve vontade de voar bem alto, chegar até perto daquela cor impossível, e de lá de cima olhar para baixo, espiar o avô lendo o jornal ou tirando a sesta de todo o dia, sentado na cadeira de balanço. Tirou os olhos da janela, fechou-os e viu uma porção de manchas brancas pularem dentro da sua vista e depois se desmancharem. Repetiu a operação várias vezes.

Um ronco do avô distraiu-a. Marília voltou a observá-lo. Ele respirava suavemente. Seu peito subia e descia, sempre igual. Ela aborrecera-se. Acabou por beliscar o gato, que se ergueu rápido esqueirando-se por detrás da porta.

O canário continuava a ir de cá para lá, na gaiola. Como devia ser aborrecida a sua vida! Mas a dela não era muito melhor. Da casa para a escola e da escola para casa. A D. Elza ensinava português, história e geografia e o Seu Jacome matemática e ciências. A Emilinha lhe dissera outro dia que eles eram namorados. Mas ela não acreditava. Eles eram tão feios!

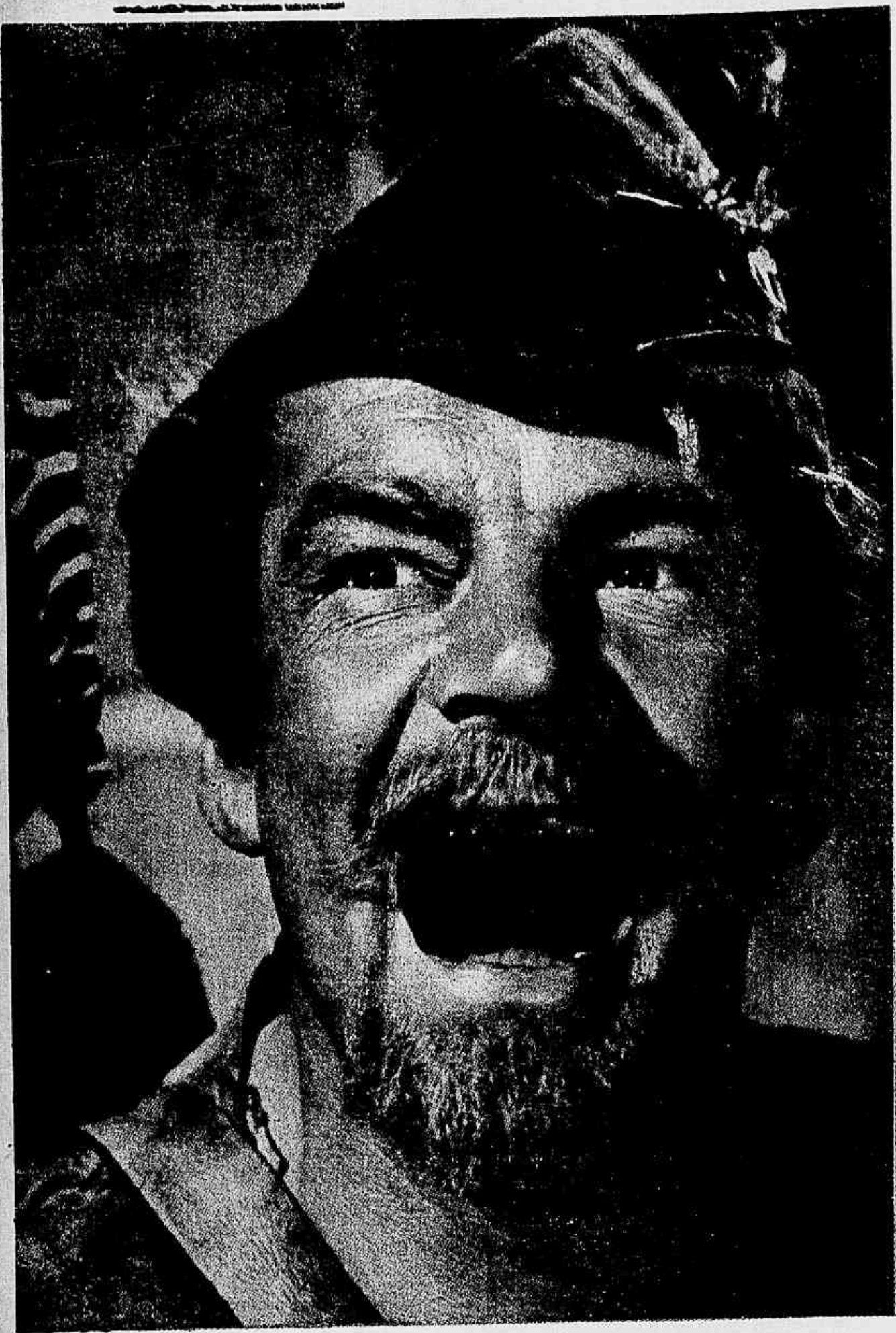
(Continua na pág. 53)

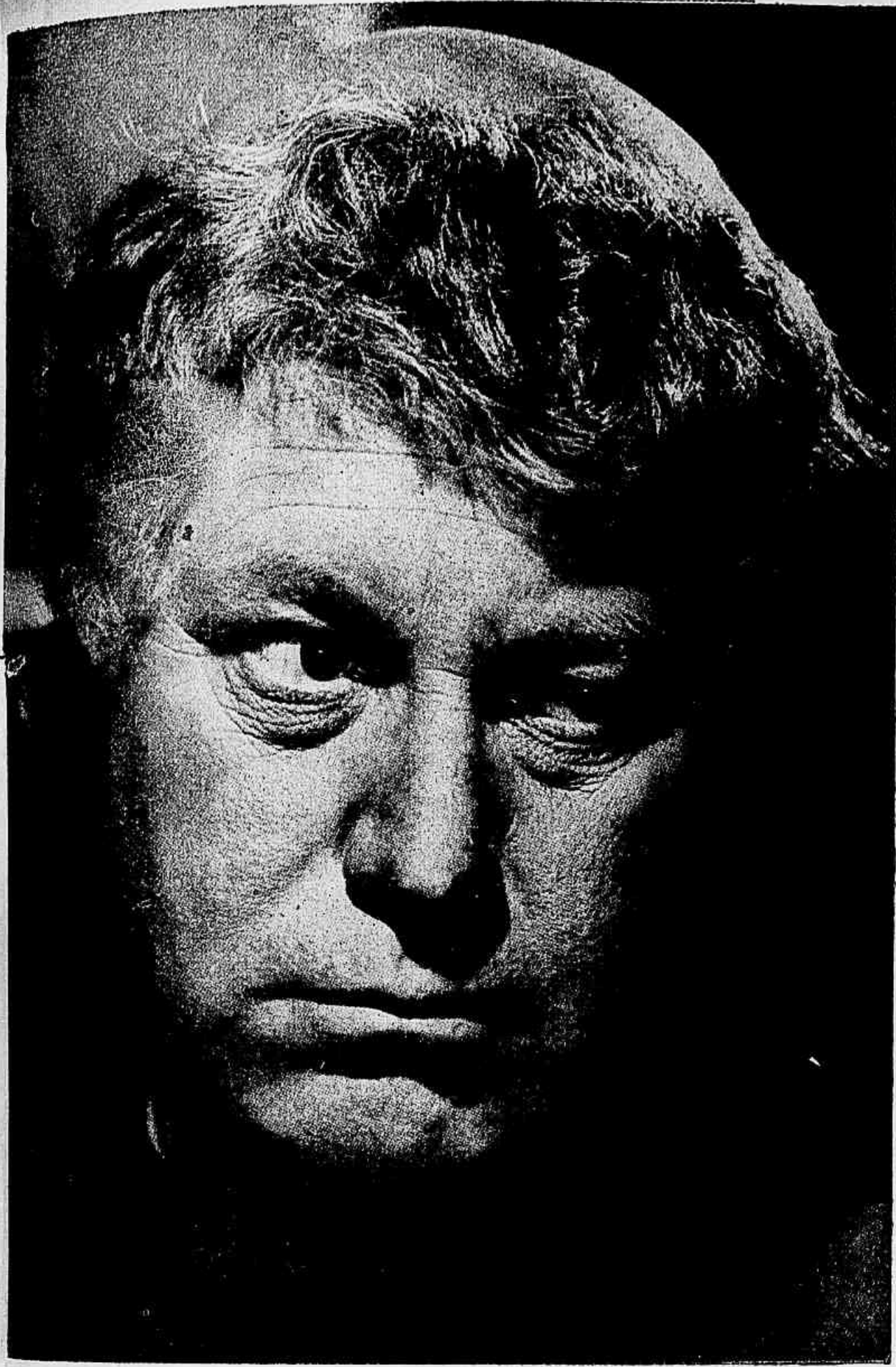


O heroico Robin Hood

Volta de novo à tela o bandido romântico da Floresta Negra, encarnado por Russell Hicks. Desta vez Robin Hood aparece velho, de cabelos encanecidos e bigodes e cavanhaque brancos, lutando porém com o mesmo ardor de sempre, esgrimindo com os guardas da Regência, pronto a morrer por uma aventura, disposto a matar por um punhado de ouro. Nas gravuras que aparecem nesta página vemos Robin Hood chamando os seus bandidos pelo toque da trompa de chifre. Em posição de combate, aparece o filho do bandido, galã representado por Cornell Wilde e que é a figura central do filme. Em baixo, o bando de Robin pronto a partir para a luta.







RICARDO Coração de Leão voltara da Palestina trazendo ainda na couraça a poeira da Terra Santa e o sangue dos infiéis que tombaram diante de sua espada invencível. A traição porém rondava o seu trono. Prêso e enjaulado numa torre inacessível, teve a sucedê-lo um usurpador cruel e desalmado, que espalhou a fome pelas vilas e aldeias, oprimindo o povo e roubando os celeiros.

Foi então que apareceu na cidade de Sherwood o bandido romântico Robin Hood, cuja figura legendária nos foi legada pela história como um símbolo de coragem e de abnegação.

Já vista na tela em filmes do saudoso Douglas Fairbanks e de Errol Flynn, volta hoje a história de Robin Hood ao cinema, narrada num magnífico technicolor da Columbia, com um escolhido "cast", no qual aparece como figura central Cornel Wilde, que faz o galã, interpretando o papel de filho do bandido. Robin Hood é representado por Russell Hicks, e aparece desta vez já velho, comandando os terríveis bandoleiros da floresta. A ação do filme salienta o lado bom do coração de Robin que, como todos os bandidos legendários, roubava dos ricos para dar aos pobres, numa reincarnação perfeita do bom ladrão do Novo Testamento. As populações revoltadas pelo despotismo da regência cruel, acolhiam sempre o bandido com flôres e festas, e sabiam sempre acoitá-lo contra os alabardeiros da corte, burlados a todo instante por uma informação errada e batidos a cada hora pelo heroísmo dos bandoleiros. E entre esgrimas terríveis, onde se chocam as lâminas azuis dos sabres de cavalaria com um estrépito sinistro, desenrola-se a história, ora entre as ameias dos castelos senhoriais, ora nas cidades góticas da floresta de Sherwood.

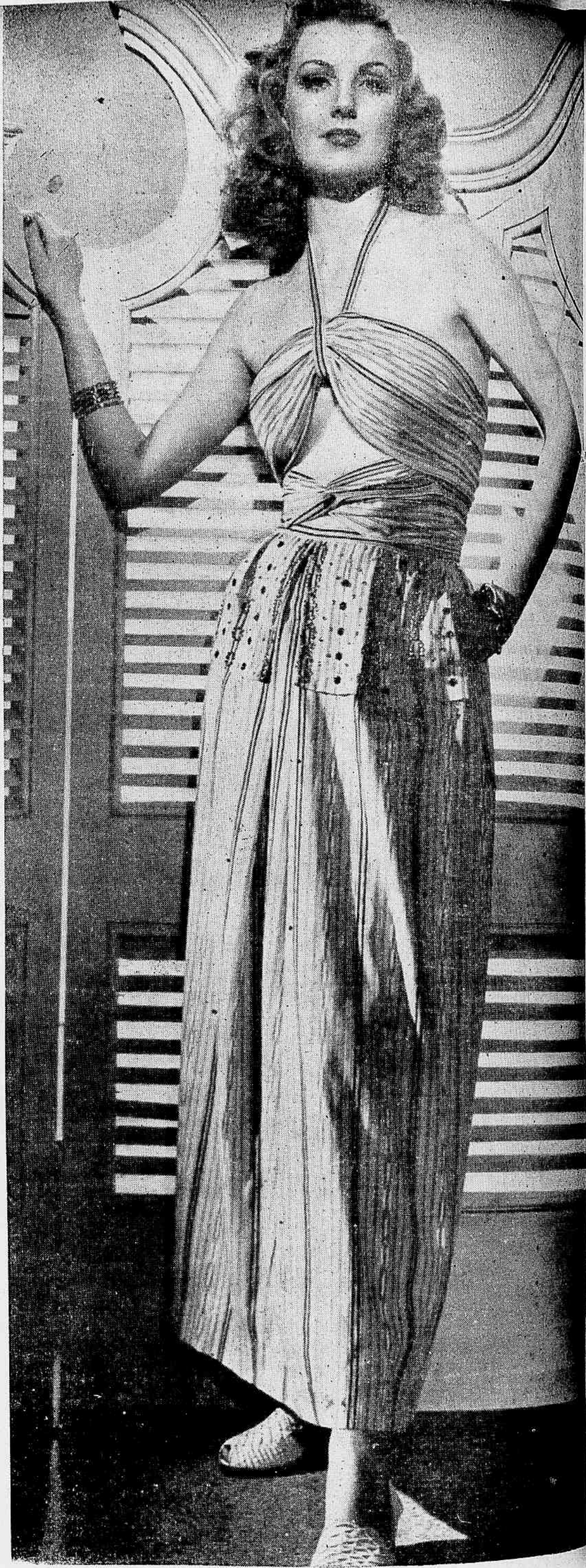
No fundo, desenrola-se o romance de amor entre Lady Catherine (Anita Louise) e o filho de Robin Hood. E entre uma batalha de setas e um assalto a sabre, os beijos amenizam o drama legendário.

Nestas páginas aparecem: ao alto, à esquerda, João o Pequeno, bandido gaiato; a seguir outro bandido, Will Scarlett (John Abbott); ainda ao alto, o padre espadachim Tuck (Edgar Buchanan), amigo dos bandoleiros; ao alto à direita, o filho de Robin Hood galgando as escadas do castelo; em baixo, à esquerda, Lady Catherine (Anita Louise), loura e bela; ao centro, um jantar do Regente; e, por último, o filho de Robin investindo, de sabre em punho, contra os soldados do usurpador.



ELEGANCIA ESPORTIVA

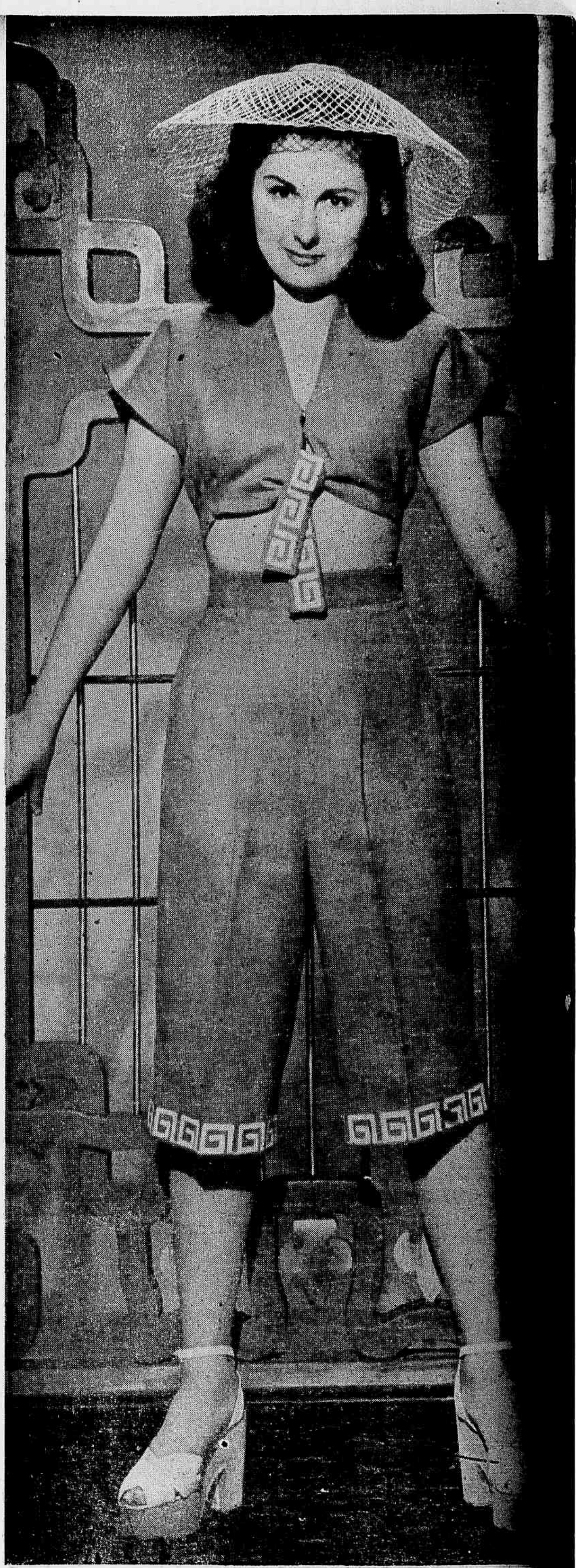
Dolores Moran, interessante "estrelinha" da Warner Bros., sugere às nossas leitoras um elegante casaco branco, de linho, panamá ou shantung, para ser usado sôbre o "short" ou "maillot". O casaco é fechado ao alto, tem colarinho e dois grandes bolsos.



Ainda Dolores Moran. Desta vez ela nos apresenta um traje de praia inspirado nas antigas damas do Oriente. Bastante sedutor, sem dúvida. O pano é de côres vivas, e nos bolsos que saem da cintura são aplicadas pedras de diferentes côres e tamanhos.



Agora é Alexis Smith, uma das "estrêlas" de "Rapsódia Azul", da Warner Brothers, quem exhibe um "short" de duas peças, em linho de diversas tonalidades. Sob o saioite ela usa o "maillot"... isto é, uma das partes do "maillot"...



Duas peças em shantung azul, com aplicações, bordadas em linha grossa, de desenhos aztecas. A blusa (!) tem mangas japonêsas e as calças vão abaixo do joelho. A sugestão é de Joan Lorring, da Warner Bros.

MINHA FELICIDADE

Conto de
AGNES GRAY



ROBERTO saiu, batendo com a porta, e eu tive vontade de chorar. Mas não chorei, para não dar à criada o gosto de ver a patroa desfeita em lágrimas. Sei muito bem que toda a vizinhança vai saber que Roberto fez um escândalo, hoje de manhã, porque o café não es-

tava quente. As vezes fico impaciente, quero responder a tudo o que ele diz, dizer que é egoísta, mau, que não pensa em mim, que só quer o seu conforto, mas, francamente, ele fica tão engraçado com aquelas sobancelhas cerradas, com ar de senhor, de amo ofendido, que eu

tenho que me conter para não sorrir. Todo o homem é, no fundo, uma verdadeira criança. O pior é que o que ele diz, às vezes, fere. Mas que importa? Depois que ele sai, eu vou cuidar da vida e esqueço tudo. À tarde já passou a rusga. Vida! Vida!

Hoje é dia de mudar a roupa de cama. Detesto mudar a roupa de cama. Essas criadas de hoje não ajudam. Maria fica olhando para mim, esperando que eu faça tudo. Às vezes tenho vontade de mandá-la embora, mas onde achar outra. Roberto é muito pouco compreensivo nesse ponto. Uma vez eu

contei a ele que a criada era horrível, que servia mal. Ele tirou o cachimbo da boca e disse:

— Arranje outra.

— Mas meu bem, isso não é assim tão fácil. As criadas hoje em dia são raras. As boas criadas, como haviam antigamente...

— Nunca vi uma mulher tão complicada como você, francamente. Faz um problema das coisas mais simples... Se estás satisfeita, fique com ela. Se não está, mande-a embora. Acabou-se.

— Mas eu não quero nem posso mandá-la embora, meu bem, eu estou apenas comentando.

— Comentando?! Ora veja, que falta de assunto... Eu chego cansado do escritório, quero sossêgo, e minha mulher vem comentar as más-criações que a criada lhe fez durante o dia! Você, às vezes, parece que não tem nenhuma consideração comigo, Jane. Afinal de contas, eu preciso do meu sossêgo. Se você quer que eu saia todas as manhãs com o espírito fresco, sem estar fatigado, tem que me deixar DESCANSAR!

(Continua na pág. 48)



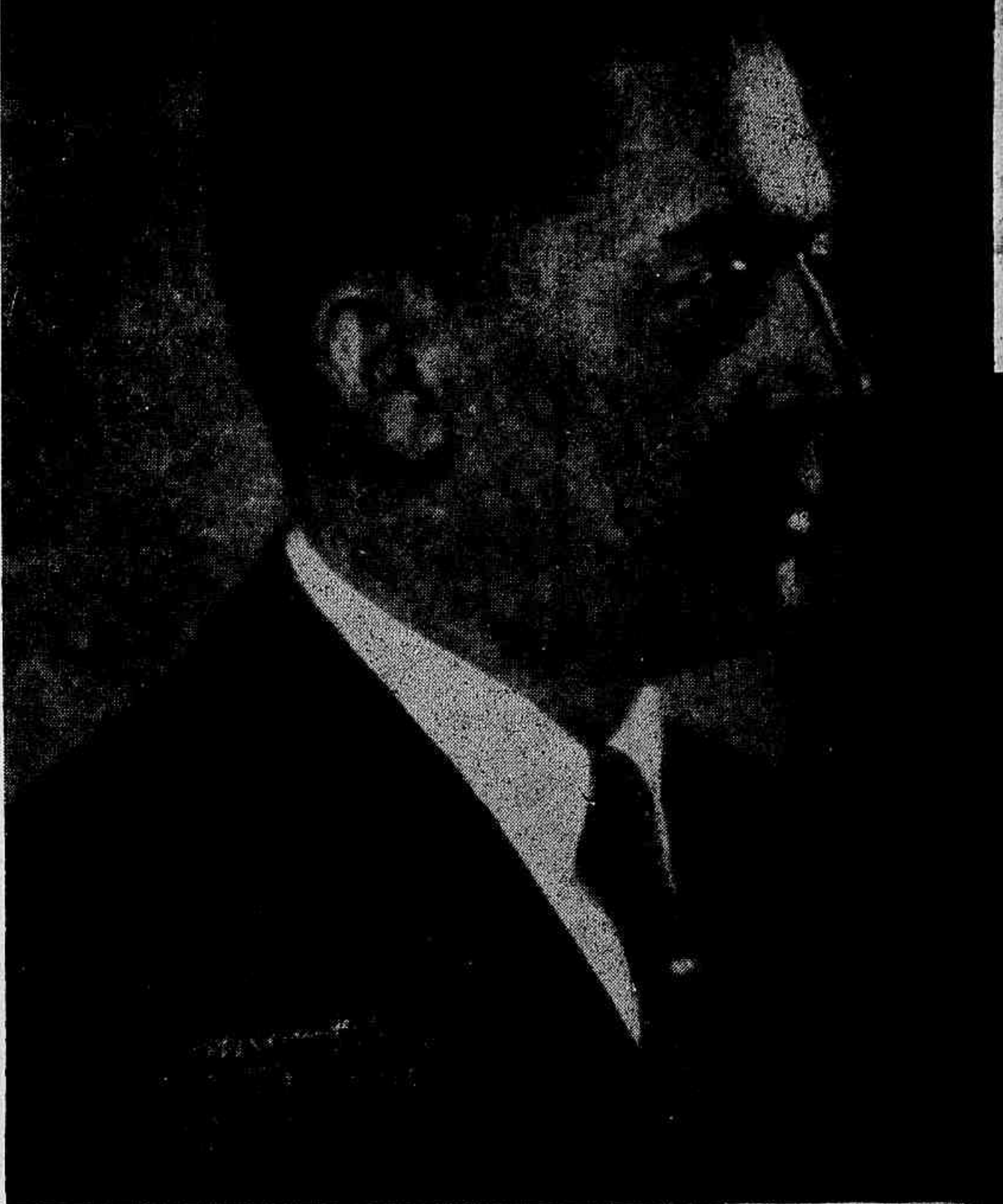
DIPLOMANDAS DA ESCOLA DE MÚSICA — Realizou-se no dia 29 de dezembro último a cerimônia da colação de grau das diplomandas de 1945. A turma, integrada por 45 alunas, teve como paraninfo s. excia. o ministro da Educação, dr. Raul Leitão da Cunha, tendo comparecido ainda o reitor da Universidade do Brasil, dr. Ignacio de Azevedo Amaral, o diretor da referida escola, professor Antonio Sá Pereira, outros professores homenageados e a sta. Aada Carvalho, presidente do Diretório Acadêmico, que se vêem na gravura.



ENLACE MARIA DE LOURDES ALMEIDA-CÔNSUL LAURO MULLER NETO — Teve lugar recentemente, na matriz de São João Batista, o enlace da sta. Maria de Lourdes Almeida, filha do sr. Renato de Almeida, chefe do Serviço de Informações do Itamaraty, e de sua exma. sra., com o cônsul Lauro Muller Neto. O ato foi celebrado pelo cardeal D. Aloisi Masella, núncio apostólico.

FIGURAS E FATOS

NO RIO O MINISTRO DO LÍBANO — Viajando em avião americano, chegou recentemente ao Rio o sr. Youssef El Sauda, que vem assumir pela primeira vez o cargo de ministro plenipotenciário do Líbano no Brasil. Afim de receber o ilustre diplomata, que chefiava a nova legação da república oriental, compareceram ao aeroporto altas autoridades civis e militares e figuras de destaque do Corpo Diplomático.



O NOVO MINISTRO DA JUSTIÇA

O sr. Carlos Coimbra da Luz, figura das mais destacadas nos meios políticos e sociais do país, acaba de ser escolhido ministro da Justiça e Negócios do Interior, com aplausos gerais

O sr. Carlos Luz nasceu a 4 de agosto de 1894, em Três Corações, Minas, filho do desembargador Alberto Gomes Ribeiro da Luz, da Câmara Civil da Corte de Apelação de Minas, e sra. Augusta Coimbra da Luz, já falecidos.

Depois de fazer os cursos de humanidades no conceituado Ginásio de Lavras, onde recebeu, em janeiro de 1911, o grau de bacharel em ciências e letras, matriculou-se na então Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, em Belo Horizonte, hoje incorporada à Universidade daquele Estado, aí recebendo o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais, em dezembro de 1915.

Ainda estudante, em 1911, ingressou na Secretaria do Interior de Minas e quando se formou ocupava o cargo de Secretário do Conselho Superior de Instrução Pública do Estado.

No município mineiro de Leopoldina ocupou as mais destacadas posições, desde delegado de polícia e promotor de Justiça até presidente da Câmara e Agente Executivo Municipal, de 1923 a 1926. Realizou, então, vários melhoramentos de vulto na cidade e nos distritos e conseguiu a completa pacificação da política municipal.

Reeleito unanimemente, em 1927, para novo período, a revolução de 1930 encontrou-o na presidência da Câmara. Dirigiu o movimento do município, em perfeita articulação com o então coronel Cristóvão Barcelos, cujo quartel-general fôra instalado no distrito, hoje cidade, de Recreio.

Após ter sido prefeito do Município, em 1931, a 9 de setembro do ano seguinte, o presidente Olegário Maciel o nomeou secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado, cargo que ocupou até depois do falecimento do presidente mineiro, sob a interinidade do sr. Gustavo Capanema.

Nomeado o sr. Benedito Valadares para interventor do Estado, convidou-o para a Secretaria do Interior, onde continuou até 1935, tendo sido, por decorrência do cargo, comandante geral da Força Pública. Por várias vezes respondeu pelo expediente da interventoria, na ausência do interventor.

Nas eleições de 14 de outubro de 1934, para a formação da primeira Câmara sob a Constituição de 16 de julho, obteve 22.700 votos, em primeiro turno, sendo o segundo do seu partido, isto é, do Partido Progressista de Minas Gerais, em número de votos.

Na Câmara foi eleito, ao iniciar-se a sessão de 1935, para a Comissão de Finanças e Orçamento da Viação, que exerceu até a Câmara ser dissolvida. Foi também eleito e reconduzido representante da Câmara na Junta de Investigações dos Crimes do Presidente da República, junta essa criada pela Constituição de 1934 e da qual faziam parte também um representante do Senado e outro da Corte Suprema.

A 10 de maio de 1937, em reunião dos líderes da Câmara, foi aclamado líder da maioria, posto no qual se manteve até 10 de novembro. Dissolvida a Câmara, o chefe do Governo nomeou-o a 25 do mesmo mês para membro do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, assumindo a Superintendência da Carteira Hipotecária. Eleito vice-presidente pelo Conselho Administrativo, em sessão de 30 de dezembro de 1938, passou a presidente, por ato do Chefe do Governo, de 7 de julho de 1939. Foi reconduzido no cargo de presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica do Rio de Janeiro por decreto de 19 de novembro de 1942.

Além da carreira política, o sr. Carlos Luz exerceu o magistério, o jornalismo e a advocacia. Como professor, lecionou no Ginásio Leopoldinense, um dos maiores e melhores do Estado, de setembro de 1916 a dezembro de 1934, tendo também ensinado na Escola Normal de Leopoldina.

Durante três anos, de 1920 a 1923, dirigiu e redatoriou a "Gazeta de Leopoldina", jornal diário de grande prestígio na Zona da Mata de Minas.

Foi secretário do Congresso das Municipalidades, reunido em Belo Horizonte em 1923, e, mais tarde, em 1927, foi um dos organizadores do Congresso das Municipalidades da Zona da Mata.

Nesse Congresso coube-lhe relatar a tese sobre estradas de rodagem. Escreveu, então, um trabalho, "Viação Rodoviária da Zona da Mata", impresso em volume.

Foi presidente do Rotary Club do Rio de Janeiro de 1944 a 45, e acaba de ser eleito, pelo P. S. D., deputado federal por Minas Gerais.

SEU ESPÊLHO NÃO DESCOBRE O

"Inimigo Invisível"

Você tem um "inimigo invisível". Quase todos nós o temos: a acidez bucal de origem bacteriana que, não sendo neutralizada, pode causar a cárie dos dentes.

A limpeza comum dos dentes não elimina toda a acidez bucal de origem bacteriana.

Para isso, você necessita do dentifrício adequado. O Creme Dental Squibb é esse dentifrício adequado, pois contém Leite de Magnésia Squibb — ingrediente especialmente destinado a combater e neutralizar a acidez bucal.

Seu dentista é a maior autoridade para julgar um dentifrício. Consulte-o sobre as qualidades do

COMBATA O SEU "INIMIGO INVISÍVEL" ASSIM:

- 1) Escove os dentes com Creme Dental Squibb, pelo menos duas vezes por dia. Isso garante uma limpeza eficiente e segura.
- 2) Depois, antes de enxaguar a boca, espalhe o Creme Dental Squibb, fazendo-o atingir todos os dentes. Isso proporciona-lhe o benefício completo da ação neutralizadora do Leite de Magnésia Squibb — combatendo assim seu "inimigo invisível" — a pernicioso acidez bucal de origem bacteriana. Além disso, você sentirá que o Creme Dental Squibb deixa na boca uma agradável sensação de limpeza e frescor.



CREME DENTAL

SQUIBB

L.001

Livros

VIAGEM AO SONHO, versos de Caruso Neto — Editora do Brasil S. A. — São Paulo, 1944.

Levou tempo, este livro, a chegar-nos às mãos. Nem por isso o acolhemos com menos franca simpatia. Ele nos revela um poeta de rica e fina sensibilidade. Ninguém, lendo os seus versos, se enganará, julgando-o homem já maduro, sabedor da vida, das suas exigências, ingratidões, motivos de amargura ou desespero. Tudo, neste viajante do sonho, é mocidade. Nem sempre as visões do caminho o conduzem a uma larga alegria ou uma firme esperança. Ainda, porém, nesses casos ele obedece a certas crises da juventude, da juventude que, como disse o filósofo, por muito amar a verdade julga conhecê-la e por isso mesmo, deduziremos nós, exagera, às vezes, desgostos e apreensões, imaginando um pessimismo sem remédio... São miragens do pensamento e da emotividade, duplamente falsas: por efêmeras e por maldosas. Nas páginas mais tristonhas deste livro há certa doçura. E no "modernismo" mesmo algumas composições, ressoa certa música, certa harmonia cativante. O Sr. Caruso Neto concilia a tradição e todas as inovações. Realiza assim, com os ritmos e os sons, uma espécie de sorte mágica. E o efeito no nosso ouvido e no nosso sentimento é sempre agradável.

Vejam a composição que encerra a primeira parte do volume e se intitula *Ultimo poema*.

*Eu ando
por aí,
como um vento de inverno,
passando,
pelo orgulho de passar!
Só a Deus eu pedi
que fosse eterno
o sonho que sonhei para poder te amar.
Tu passaste por mim. De tudo, apenas
trago presas nas mãos essas glórias pequenas,
todos os versos
que te fiz
e que têm, para mim, um sabor de oração.*

*Para os outros, é nada.
E, para mim, estrelas!
Um louco, carregando as estrelas na mão!*

*E' para esta ilusão que ainda vivo,
nesta luz que me encanta e que me afaga.
Deixa brilhar em mim este verso emotivo,
o unico sol que a vida não me apaga.*

* * *

DO MEU ALFORGE, estudos e impressões de Luiz Annibal Falcão — Livraria Geral Franco-Brasileira — Rio de Janeiro, 1945.

"Todos nós, caminhando pela vida, levamos o nosso alforge. Nêle vamos amontoando sensações fortes ou fugitivas, impressões boas ou más, recordações e saudades." Assim começa uma breve nota liminar do presente volume. Foi quando o alforge começava a transbordar que o Sr. Luiz Annibal Falcão resolveu organizar estas páginas em que se encontra obra de jornalista, de bibliófilo e de crítico. O que, porém, aos nossos olhos, mais se salienta e mais vale, são as reminiscências de ordem pessoal e afetiva.

Está neste caso a reconstituição, poderíamos dizer a ressurreição duma figura que a porta da antiga Garnier notabilizou durante algum tempo entre os seus eleitos mais decorativos. Trata-se de José Albano. José de Melo Albano ou José de Abreu Albano, não o podemos dizer com segurança — nem isso realmente importa. Era bem um tipo de palestrador de livreria, familiarizado com os *vient de paraitre*, mais ou menos em dia com as revistas estrangeiras, possuído ao mesmo tempo da paixão do vernáculo, do clássico e, fóra daquele cenário de exibição, entregue a uma obra toda de pensamentos e emoções próprias, toda originalidade — e que nunca apareceria. Tinha a sua roda de admiradores, gozadores sinceros da sua cultura, da sua facúndia, da sua maledicência, desta principalmente. Além do mais, a mordacidade de Albano não se exercia apenas, como a de tantos outros, do geral dos outros, na ausência do paciente. Ele a infligia direta e incondicionalmente. Tinha a coragem da sua mordacidade. E tal violência assumia, às vezes, a sátira assim atirada às bochechas da vítima, que esta, para não reagir com um tiro, tomava o partido de fingir que achava graça, galhofando com os outros ouvintes. Para complemento dessa individualidade espetacular, Albano usava longo e emaranhado o cabelo que outro traria cortado rente, para disfarçar o frisadinho racial; ostentava um colete de camurça, com raminhos verdes, bordados a seda, e andava a compôr uma "Ode à língua portuguesa", da qual, como das *Memórias dum átomo*, de João da Ega, se diziam maravilhas.

O Sr. Luiz Annibal conheceu-o em Paris, mais hirsuto, com um terno de veludo, coçadíssimo, um chapéu amachucado e fendido, luvas outrora ricas e que deixavam agora sem agasalho as pontas dos dedos. Viviam numa subscrição permanente ou sempre renovada, para a publicação de certo livro. Talvez, com efeito, tencionasse imprimi-lo; talvez não houvesse ainda principiado a escrevê-lo; em todo caso, e embora mudando-lhe o título ou incluindo-a em mais vasta obra, concluiria a "Ode à língua portuguesa" e este capítulo do *Meu alforge* nos dá um excerto do poema que nós, da velha Garnier, considerávamos puramente imaginário:

*Aqui a vossa lingua bela e branda
Que da latina fonte se deriva,
Há-se escutar-te, pois o Fado manda
Que novamente aqui floresça e viva;
E que a doce musica se expanda
Nam alcançando fama fugitiva*

*Porque da lingua Lusitana sabe
Nam deixará que a Poesia acabe,
Pois nela manda o Céu que, nova e nua,
A formosura Helênica admiremos
E o Latino vigor se restitua,
Segundo a tradição que conhecemos*

O Sr. Luiz Annibal evoca a imagem de José Albano com alguma ironia, é certo, mas também com passagens dum enternecimento que se comunica e em definitiva permanece na nossa intimidade.

Outros capítulos nos dizem do convívio do autor com o Sr. Afrânio Peixoto, com Graça Aranha e outras individualidades. E todas as páginas relativas ao autor de *Canaan* trazem, além do fervor admirativo, uma nota de amizade familiar, cheia de carinho e de respeito, como a inspiraria um mestre que fosse ao mesmo tempo um irmão mais velho. A conferência sobre Graça Aranha, mestre sem discípulos está impregnada de grata emoção. Em *Tres interpretações de Judite* vem a



Nova

notícia dos trabalhos que, sobre o tema bíblico, compuseram Jean Giraudoux no teatro e, em forma de conto, o Sr. Afranio Peixoto e Annibal Falcão. Segue-se esclarecido confronto entre as peças *Le Cid* de Corneille e *Las mocedades del Cid*, de Guillen de Castro e Bellvis; e sucedem-se palestras e dissertações, ensaios críticos e estudos sociológicos até ao trabalho final, o mais extenso de todos, que passa em revista os contos da literatura brasileira, selecionados e de passagem comentados conforme a simpatia do autor.

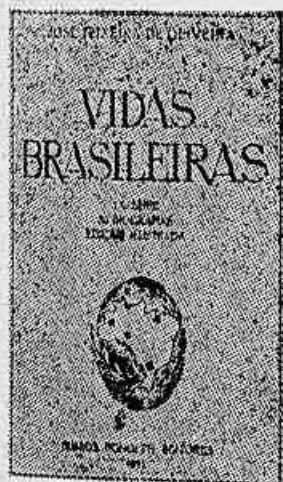
CAMPANHA DA PRINCEZA, por Alfredo Valladão, IV volume — Rio de Janeiro, 1945.



O presente volume completa a série que o Sr. Alfredo Valladão consagra à sua "querida e gloriosa terra natal", a cidadezinha mineira de Campanha da Princesa, ou simplesmente Campanha, como é bem mais conhecida. Aqueles dois adjetivos definem a feição ao mesmo tempo erudita e afetuosa da obra. Não se trata apenas dum empreendimento histórico ou de alto caráter informativo mas também dum preito cordial, enternecido, com o intuito de exaltar o mais possível o objeto que o inspirou. O Sr. Alfredo Valladão cognomina Campanha — se outrem antes dele o não fez — a "Atenas Sul-Mineira". E o quarto tomo agora rematado justamente trata da "Vida cultural" da localidade que não só por ser antiga, com o seu panorama tradicional e as relíquias que encerra, merece respeito e admiração, mas também pelos vultos ilustres que em número tão considerável tem dado e continua a dar à inteligência e à sapiência brasileiras.

Com um esforço de pesquisa e de averiguação multiplicado por todos os setores da atividade intelectual, reuniu o Sr. Valladão os campanhenses que honraram, honram ainda o torrão do seu nascimento. Encontrou-os no clero, na magistratura, no magistério, na política e na administração, na medicina, na jurisprudência, na engenharia, nas belas letras. É uma galeria de belas e nobres figuras, em que se destacam Perdigão Malheiro, J. P. da Veiga Filho, Gabriel de Rezende, Francisco Veiga, Estevam Lobo, José Bento, Evaristo da Veiga, Américo Lobo, Vital Brasil, Barão de Parima, D. João de A. Ferrão, Veiga Miranda, Eugênio Vilhena de Moraes, outros ainda, de superior projeção. E por mais de um título o autor de *Campanha da Princesa* se inclui nessa família do talento e do saber.

VIRAS BRASILEIRAS, por José Teixeira de Oliveira com ilustrações de Milton Fortuna Luz — Irmãos Pongetti, editores — Rio de Janeiro, 1945.



Este volume, que vai a pouco mais de cem páginas, contém nada menos de cinquenta biografias, todas com a respectiva efígie. Nenhuma delas, portanto, chega a ocupar duas páginas. A maneira, porém, como estão organizadas e redigidas oferece acerca de cada personagem os dados preponderantes ou essenciais. O Sr. José Teixeira de Oliveira empreendeu longa série de biografias brasileiras. Já o segundo volume está organizado, com outros cinquenta vultos notáveis. E de certo o próprio autor não calculará ainda até onde se estenderá esta galeria de celebridades.

Galeria, não de retratos propriamente ditos. Trata-se de perfis ligeiros, esboços apanhados na História, nas Letras, nas Artes, rapidamente, sobre o joelho. E com esta maneira de trabalhar se familiarizou o autor desde o começo da sua carreira, porque, antes de fazer livros, exerceu o jornalismo e o ramo especialmente agilo e pronto da imprensa, que é a reportagem. Por obedecerem a tal precipitação não observam as presentes páginas a distinção das categorias nem a ordem cronológica nem qualquer outro sistema definido. Sucodem-se como ao acaso, deixando

que as individualidades se entremecem, as classes se revezem, as épocas vão e venham, ao Deus dará. Assim vemos desfilar, como se nenhum personagem tivesse tempo de procurar no préstito os seus pares ou semelhantes, estadistas como João Alfredo, Marquês do Paraná, Martim Francisco, Marquês de Barbacena, Visconde do Rio Branco, Visconde de Abaeté; sacerdotes e catequistas como D. Silvério, Antonio Vieira, Manoel da Nobrega, engenheiros como Paulo de Frontin, Mariano Procópio; guerreiros como o General Osório e o Barão de Tefé; jornalistas como José do Patrocínio, Francisco Octaviano, Ferreira de Araújo; Humbert de Campos, críticos como José Veríssimo; Osório Duque Estrada; poetas, romancistas como Casimiro de Abreu, Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Fagundes Varela, Luiz Delfino, Joaquim Manoel de Macedo, Gregório de Mattos; um pintor: Victor Meyrelles; um ator: João Caetano, etc. Há, porém, no fim do volume, um índice alfabético, e assim a compulsação fica dalgum modo facilitada.

A obra do Sr. José Teixeira de Oliveira virá prestar, e já neste primeiro tomo vai oferecendo, bom serviço a todos aqueles que, de momento, precisam de obter ou verificar, com segurança as indicações principais da vida e das realizações dos grandes vultos brasileiros. Esperemos, fazendo votos por que não tardem, os outros volumes.

Os retratos de fino traço e corte elegante com que o jovem artista maranhense Milton Fortuna Luz ilustra as *Vidas Brasileiras* agradariam aos interessados sem exceção, pois todos estes, conforme a nossa recordação pessoal ou em confronto com outras gravuras, foram airoosamente favorecidos.

J. L.

★

A CAIXA ECONÔMICA EM 1944 — Carlos Coimbra da Luz (Rio — 1945)

Acabamos de receber um exemplar do relatório que, sob o título acima, o sr. Carlos Luz, como presidente da Caixa Econômica Federal, vem de apresentar ao sr. ministro da Fazenda.

É a 6.ª exposição que o ilustre patricio oferece em virtude do exercício do alto cargo. E são quase quinhentas páginas repletas de informações importantes, estudos acurados, apreciações oportunas em torno do desenvolvimento e dos interesses da Caixa que, de fato, são também do Brasil.

O trabalho se nos afigura completo e envolve, como é natural, assuntos de caráter técnico. Mas uma coisa, em síntese, se evidencia: é o desenvolvimento da Caixa Econômica durante a administração Carlos Luz.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40-Sob. Mo
Nome
Rua
Cidade Estado

RS

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— Altofalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II), Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.

BLUSAS

1 — Blusa bastante feminina, em cam-
braia salmon com grande "jabot" pre-
gueado na frente terminando em laço si-
mulado. 2 — Blusa em georgette estam-
pado. As mangas e as palas são incrus-
tadas com bainha aberta. 3 — Elegante
blusa de seda com aplicações e "jabot"
de renda com laço de veludo. 4 — Blusa
de seda branca com pala de renda e gola
recortada. 5 — Encantadora blusa em se-
da pastel com vize e bordados
de cetim rosa.



1 — Vestido em seda azul. Blusa e saia habilmente drapeadas. 2 — Modelo original em crepe verde pálido, com panos drapeados na saia. 3 — Vestido preto de crepe "fucsia", com babado de renda preta na saia e botões de "strass" pretos também. 4 — Bastante curioso é este vestido de seda preta, com letras bordadas em ouro espalhadas pela blusa. 5 — Elegante modelo realizado em georgete preto, composto de vários babados superpostos, de diversos tamanhos. 6 — Encantador vestido de crepe azul, com tiras horizontais terminadas em pequeno franzido e laços.

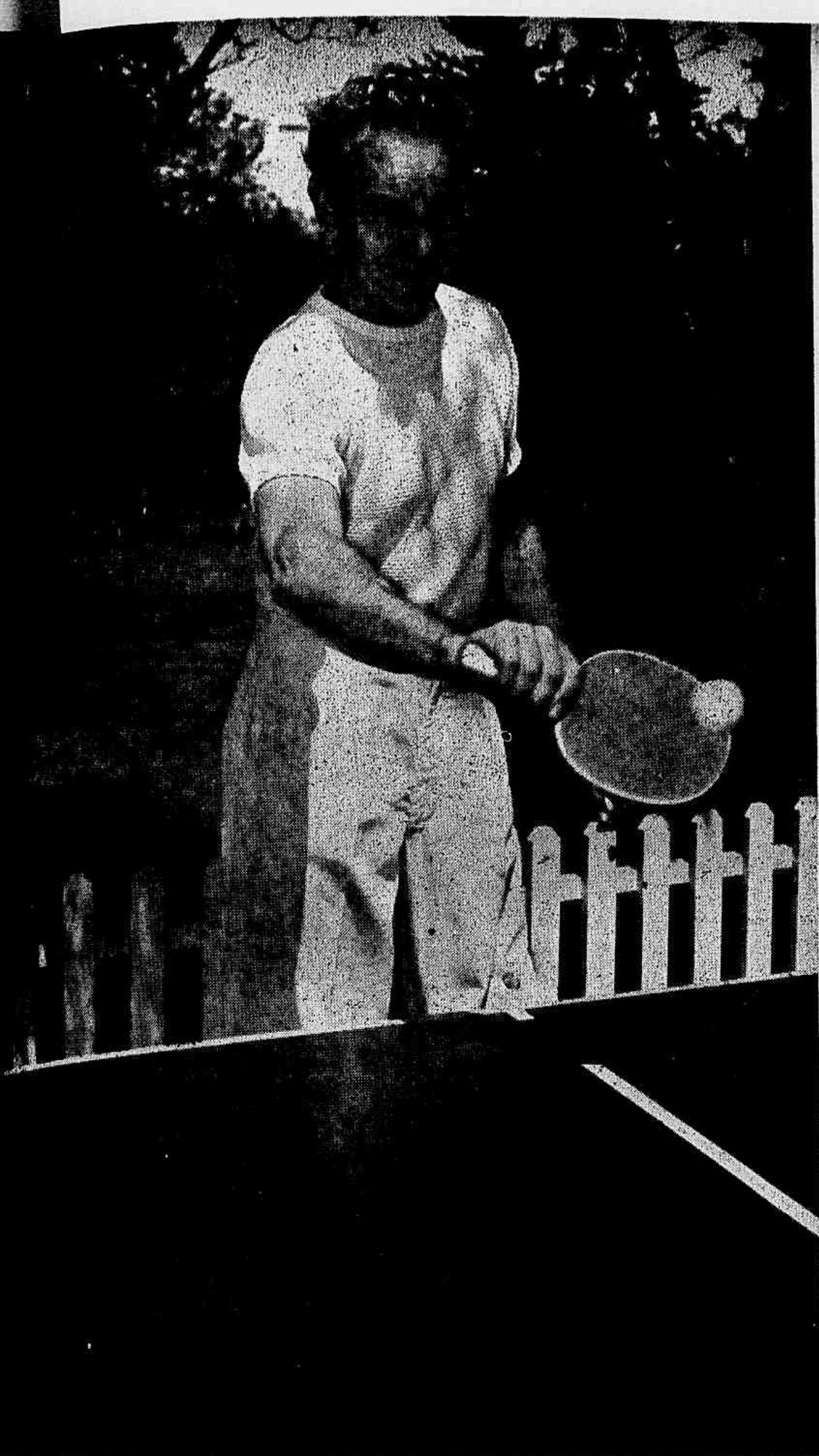


**MODELOS
ELEGANTES**

A REVISTA EM HOLLYWOOD

(Hollywood, janeiro) — Já estão de volta, para gáudio dos "fans", todos os "astros" de cinema que se bateram pela democracia nos cinco continentes e nos sete mares. Todos eles voltam com a satisfação íntima de haverem cumprido o seu dever para com a pátria e humanidade, e prontos a novos trabalhos. A glória que lhes sorriu nos campos de batalha, somar-se-ão agora novas glórias. Os louros de maiores vitórias no terreno da sétima arte estarão reservados por certo a estes artistas que souberam, quando a Pátria os chamou, transformarem-se em bons soldados. Aos seus atores que regressaram do "front", a 20th. Century-Fox ofereceu recentemente um almoço de confraternização, do qual estampamos à esquerda duas fotografias. Nelas se vêem: ao alto, Herbert Marshall em palestra com Tyrone Power; ao centro, Henry Fonda, John Ford e o produtor Levy Schwiber. Na mesma coluna, em baixo, aparece um grupo formado por Jennifer Jones, Charles Boyer e Reginald Gardiner. Em baixo, à direita: a maquiadora da Columbia aplica o "make-up" nas pernas de Kate Cooper.





PAUL HENREID, fora da tela, se entrega a várias espécies de passatempo pouco cansativas. Na gravura à esquerda vemos-lo dedicando-se ao "ping-pong", nos jardins de sua residência. À direita, aparece o "astro" fazendo o jardineiro, de regadeira mecânica em punho, correndo o gramado. A glória é muito boa mas bastante trabalhosa. A luz do sol e o matizado verde da grama retemperam o organismo cansado dos trabalhos dos "sets".

CARY GRANT aí vem de novo, interpretando o papel de um oficial. O novo filme deste antigo galã será "Night and day", da Warner Brothers, em cuja filmagem ele tem trabalhado intensamente nestes últimos dias. Aqui está ele, num intervalo dos trabalhos, atendendo ao telefone. Vê-se pela foto que ele ainda não tivera tempo de lavar o rosto, que aparece coberto com o "maquillage".



MATRIZ: SÃO PAULO
Avenida Rangel Pestana, 1538
Caixas Postais, 178-B-2.999

Tele } fone 2-4550
 } grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL
(A MAIOR ORGANIZAÇÃO PREDIAL DO BRASIL)

Inspetorias em todos os Estados do Brasil
Agências em tôdas as cidades do Brasil



Um GUIA GRATIS
para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



MAIZENA DURYEA

Verifique e
o nome Duryea

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-8 - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____



ANTISARDINA
o creme
distinção



Encare o futuro con-
fiante e sem receio
de que sua cútis per-
ca o frescor, a ma-
ciez e a atração dos
verdes anos, usando
ANTISARDINA
o creme distinção.
ANTISARDINA
não rejuvenesce,
prolonga a mocidade
da cútis.

C I N E M A

A MÁSCARA DE DIMITRIOS

"A Máscara de Dimitrios" não é o primeiro romance de mistério de Eric Ambler a ser levado à tela. Não faz muito tempo, tivemos uma película de Orson Welles, interpretada pelo próprio produtor e por Joseph Cotten, baseada numa obra do mesmo escritor inglês. "A Máscara de Dimitrios" é visivelmente inferior, especialmente no argumento, que deixa uma impressão de insatisfação. "A Máscara de Dimitrios" se anuncia como um tremendo filme de mistério, mas por mais que se procure o mistério está solucionado desde o princípio. Todos percebem que Dimitrios não morre. E esse, senhores, é o único mistério a ser solucionado. O filme começa com a morte do falso Dimitrios e termina com a morte do verdadeiro, assassinado por Sydney Greenstreet. O argumento apresenta muito pouco interesse. O filme pode interessar, porém, pela direção e pela interpretação.

Jean Negulesco conseguiu dar um ritmo seguro à direção, se bem que não tivesse sido capaz de esconder melhor o mistério, oculto como aquele gato da história, que esqueceu o rabo de fora... De qualquer forma, podemos elogiar o bom trabalho de Negulesco.

Zachary Scott veio do teatro, atraído por um contrato vantajoso. Seu desempenho como Dimitrios merece grandes elogios. E' desembaraçado e conseguiu dar uma exce-

lente performance no papel do aventureiro menos escrupuloso da Europa. Zachary tem um grande futuro no cinema.

Faye Emerson, que apareceu recentemente, ao lado de John Garfield, em "Um Passo Além da Vida", desempenha um curto papel, o único caso de amor do filme. Ela é a mulher que emprestou dinheiro a Dimitrios, que naturalmente nunca devolveu...

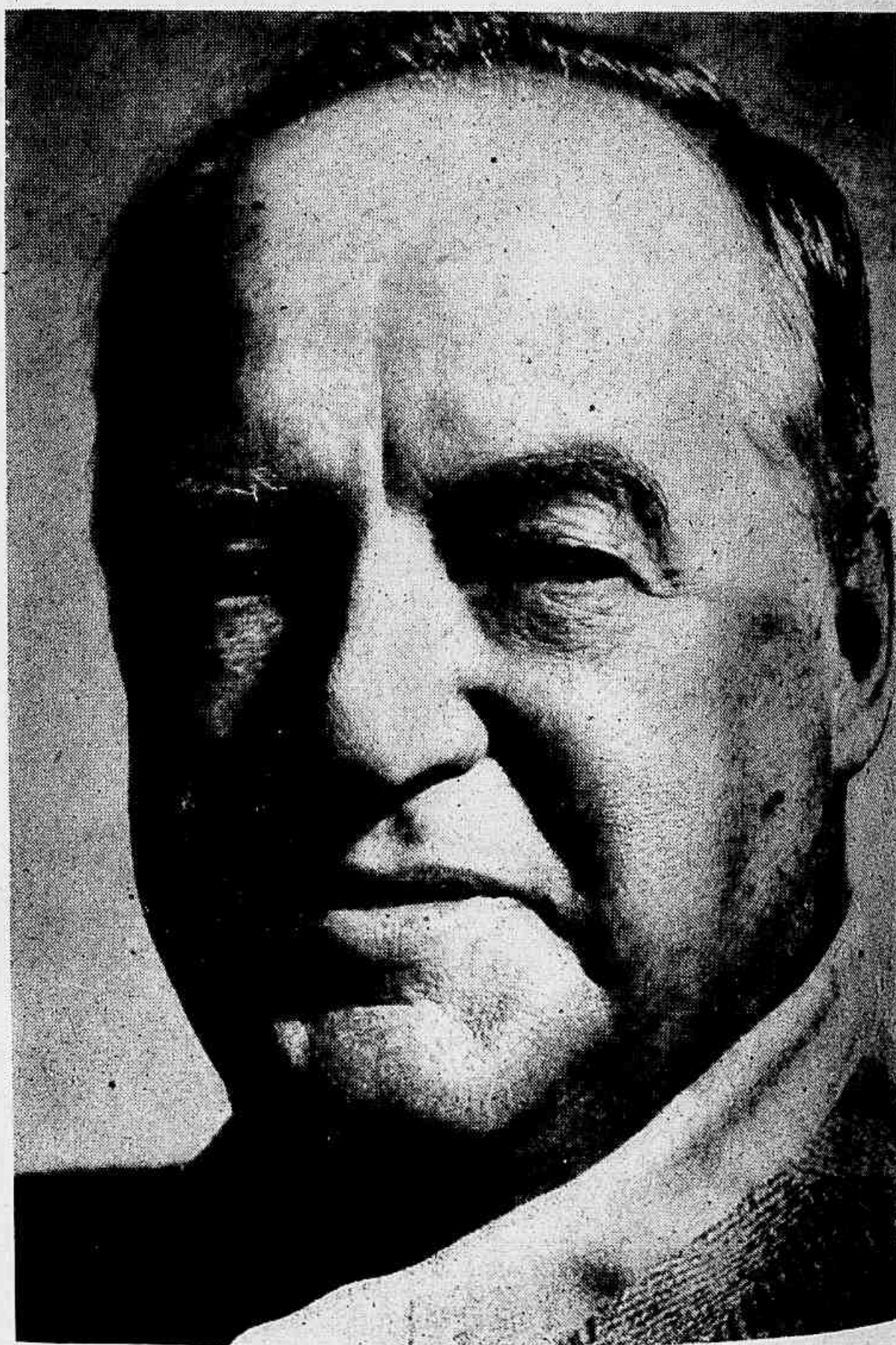
Sydney Greenstreet e Peter Lorre também merecem elogios, no papel dos homens que tentam fazer chantagem com Dimitrios.

Especial menção cabe, também, ao veterano ator francês Victor Francen, num belo desenhado, como o espião que empregou Dimitrios e foi traído.

"A Máscara de Dimitrios" é, em suma, mais um razoável filme de mistério. Deixou de ser melhor, não em virtude dos intérpretes ou do diretor, mas por causa do argumento, que pouco ou nenhum mistério encerra. O diretor e os intérpretes prepararam um ambiente sugestivo, compõem cuidadosamente personagens bem verossímeis e, sobretudo, deixam pairando no ar como que uma insinuação. "Daqui a pouco vai acontecer alguma coisa de surpreendente".

O espectador tem essa impressão durante todo o filme. Mas não acontece nada! Pouco mais fez Eric Ambler do que focalizar

(Continua na pág. 55)



Sydney Greenstreet, um dos intérpretes de "A Máscara de Dimitrios"

M U S I C A

MOZART E A TORRE DE MARFIM

A torre de marfim tornou-se famosa no mundo inteiro como símbolo do isolamento do artista em face do mundo — seu tempo e o meio em que vive — servindo para designar a direção tomada por aqueles que voltaram as costas à realidade para fugir pela porta falsa do sonho. Lili Pons, que, além de cantora, resolveu fazer-se, agora, musicóloga, defende, em recente artigo, a tese de que Mozart pode ser citado como um dos expoentes da música que adotou essa atitude. Tal opinião só pode derivar de uma incompreensão da obra do compositor. É verdade que inúmeros intérpretes só vêem em Mozart aquela graça, aquela vivacidade, aquele "borbulhar de champagne", conforme anotou certo crítico. Mas, sem prejuízo de todas essas características, penso que, aludindo simplesmente a ela, ninguém pode definir a posição de Mozart senão de maneira superficial. Um estudo mais aprofundado da obra de Mozart revelaria toda a extensão de sua contribuição para o desenvolvimento das formas musicais que o classicismo cristalizou, mas o que interessa aqui é mais propriamente localizar um aspecto da personalidade do compositor diante dos problemas de sua época.

Mozart viveu no tempo em que os ideais mais avançados por que um homem devia lutar estavam concretizados na obra dos filósofos que trataram da base teórica da revolução francesa. Era a ascensão da burguesia e a queda da aristocracia, que se daria numa revolução de infinitas repercussões. O artista, no tempo de Mozart, ainda estava preso a um conceito medieval de "patrão", vivia numa condição de criado de determinado príncipe, tendo que fazer com que sua obra se sujeitasse à direção arbitrária dos caprichos daqueles que da-

vam aos músicos um meio de vida. Com as idéias revolucionárias, começaram a surgir na música as idéias individualistas. O artista não estava mais preso a uma determinada espécie de corporativismo, e o germen da revolução — que iria mais tarde ter pleno florescimento na época romântica, chegando a tornar-se no futuro uma posição retrógrada — era o rumo mais avançado no momento em que Mozart viveu. Que a arte de Mozart está eivada dessa ideologia é evidente, e basta citar um crítico da época, que se queixou da "comoção que perturbava a serenidade clássica da obra". É que a serenidade clássica era reflexo de um estado de coisas que não mais existia. Mozart foi fiel ao seu tempo. Aliás é um musicólogo compreensivo e penetrante, como Mário de Andrade, que indica a progressão individualista e concluiu: "Eaglefield Hall salienta objetivamente esse individualismo com o fenômeno então original de Mozart não poder se sujeitar à prisão de mestre de capela de príncipes despóticos. Mandou às favas o arcebispo de Salzburgo".

Naturalmente, hoje, quando estudamos o desenrolar dessa luta no passado, achamos tão fundamentais as conquistas que ela trouxe que, se esquecermos o ponto de vista histórico, podemos deixar de dar o valor necessário às realizações. Mozart, integrado na sua época, foi um revolucionário.

Roberto Lyra Filho



Mozart

De onde veio esta môsca?



Um pequeno anjo... Junto aos seus lábios há uma chupeta que... pode ser uma ameaça! Sobre ela

pousou uma môsca, que ao levantar vôo de um perigoso foco infeccioso talvez recolhesse germes de terríveis enfermidades. Não deixe que esta praga ameace os seus: coopere na campanha contra as môscas ajudando a supri-

mir os monturos de lixo e, em greal, toda matéria em decomposição, onde aquelas se criam e reproduzem. Em seu lar pulverize SHELL TOX, o inseticida científico que extermina toda espécie de insetos nocivos.

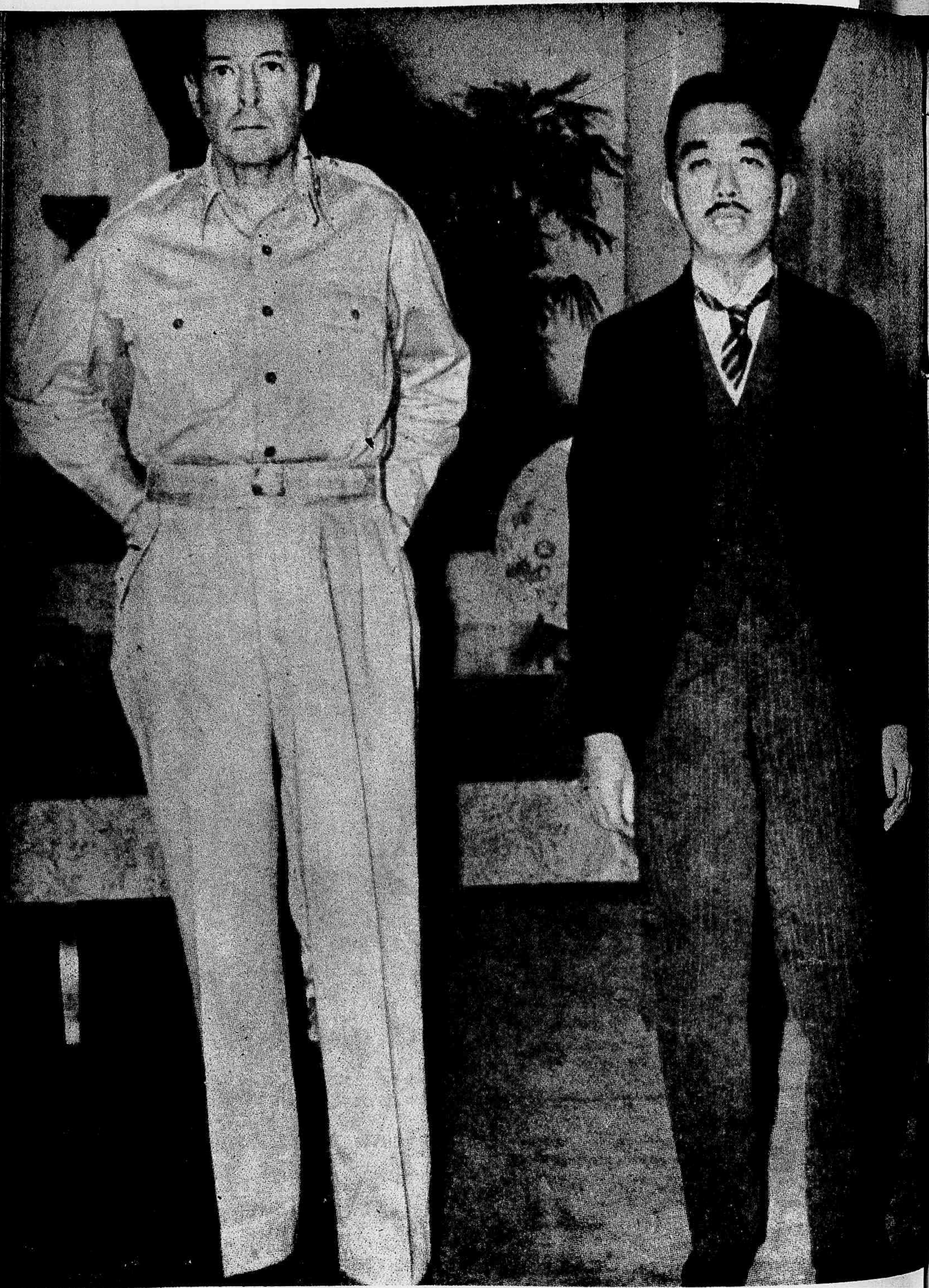
SHELL TOX

Não tonteia os insetos: MATA-OS!

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRODUTOS **SHELL** DE PETRÓLEO





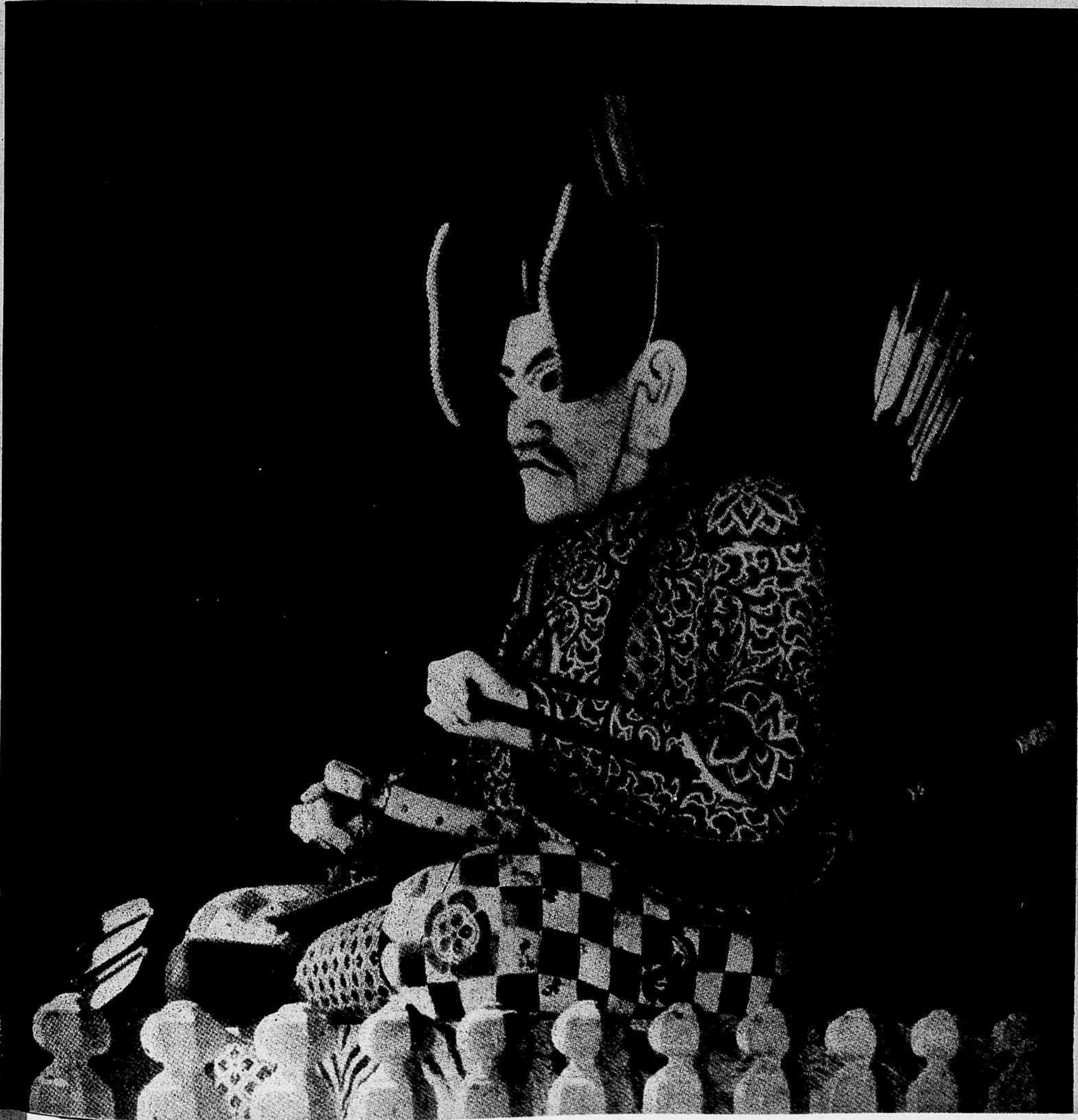
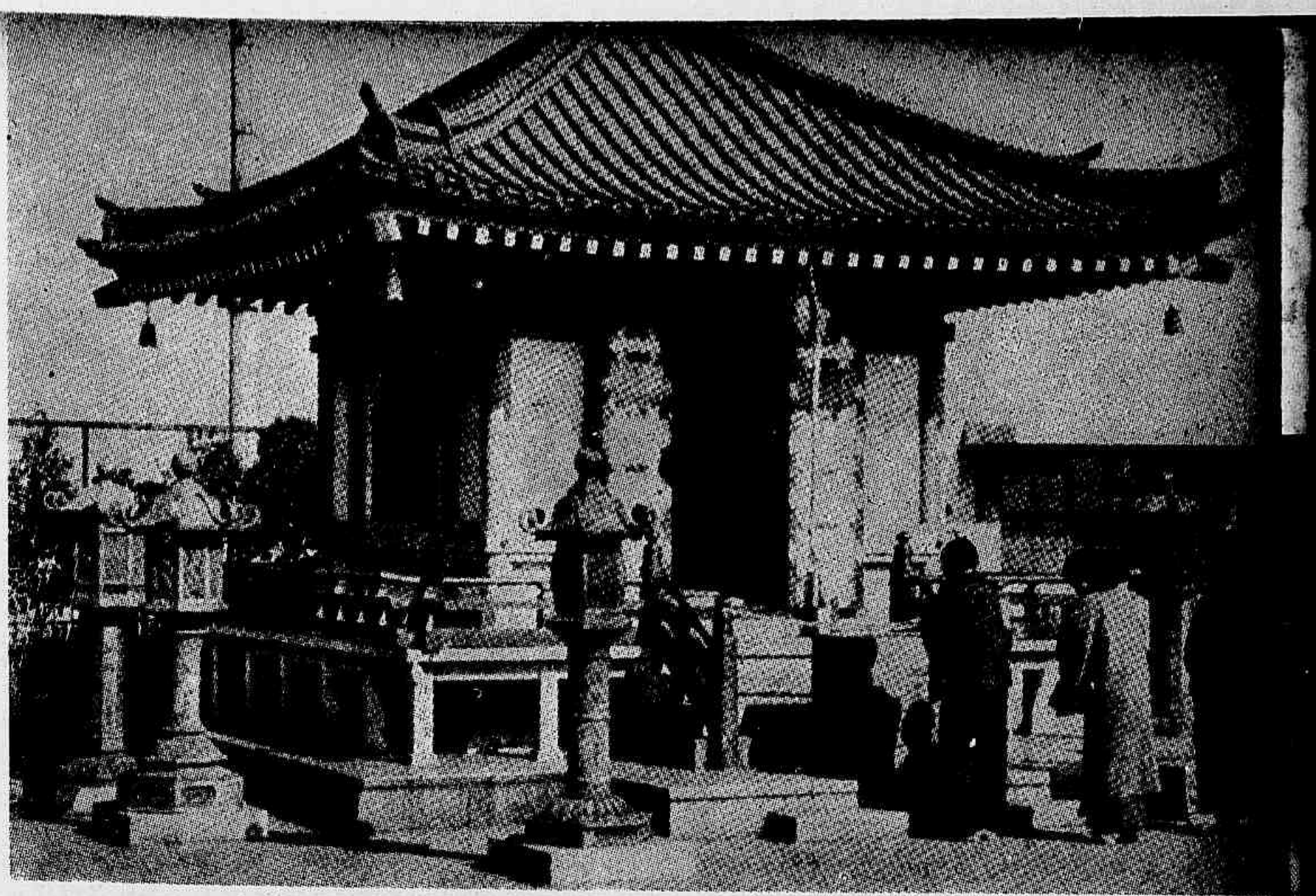
O FILHO DO SOL curva-se ante os invasores. Hirohito, descendo de sua dignidade de semi-deus, vai visitar o general Mc Arthur em seu quartel general de Tóquio, afim de conseguir medidas menos severas para o Japão. Logo após haver comunicado aos seus ancestrais a derrota sofrida pelo Império, o filho do sol dirigiu-se ao cabo de guerra vitorioso, pedindo clemência para os vencidos.

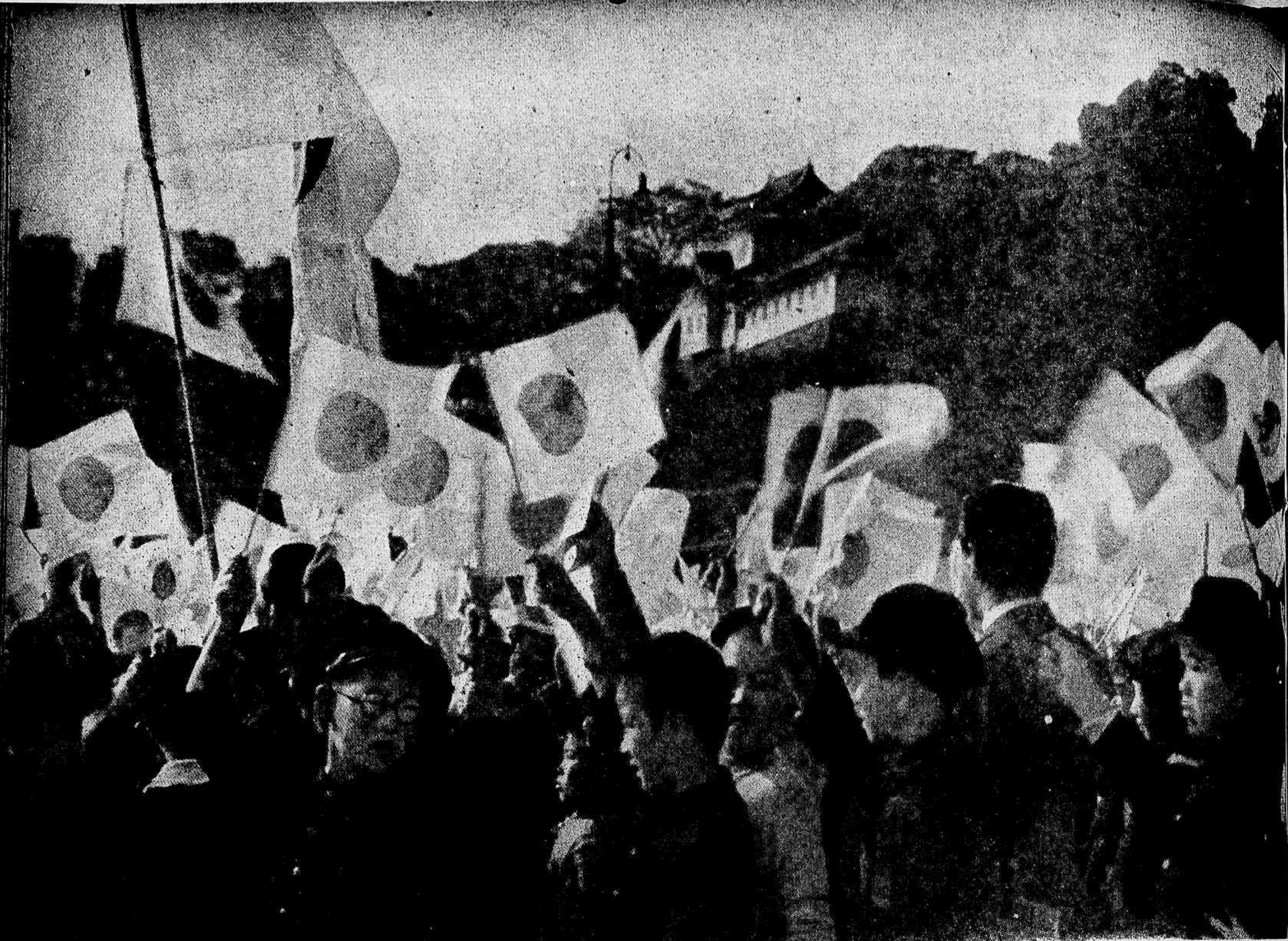
O TRISTE FIM DE UM SONHO IMPERIALISTA

Ainda não nos apagou na memória a recordação daqueles dias trágicos de fins de 1941, quando as forças nipônicas investiram contra as bases americanas do Pacífico, numa fúria vandálica, destruindo aldeias e cidades, arrazando fábricas e plantações. Já muito antes, através dos filmes da propaganda japonesa, podíamos adivinhar uma força imperialista organizada que se destinava a dominar o mundo, protegida pelos vasos de guerra de uma esquadra numerosa e rápida. A educação dos jovens nipões era um indício seguro de que estava sendo tramada essa guerra total. Antes de qualquer lição sobre história e literatura, os meninos adquiriam conhecimentos matemáticos básicos para o estudo da estratégia, da tática e da balística. Aos quinze anos já sabiam lidar com armas automáticas, e aos dezoito eram oficiais eficientes das tropas de desembarque do Império do Sol Nascente. Uma mística selvagem comandava todas as inteligências dos habitantes do Arquipélago Japonês, cuja única ambição era morrer pelo imperador. E o deus de barro Hirohito, fantoche manobrado por uma camarilha

UM ORATÓRIO — Por toda a cidade de Tóquio espalham-se santuários como este, diante dos quais se prostravam todos os nipônicos, oferecendo sua vida ao imperador. Hoje, embora todos continuem a orar diante destes edifícios, parece que o prestígio do filho do sol está um pouco abalado.

O DEUS DA GUERRA — Este símbolo feroz, totem desumano e bárbaro, que muito bem personifica o militarismo nipônico, era adorado por todos os súditos de Hirohito, até que a vitória aliada veio jogar por terra a convicção da invencibilidade do Império. Este deus selvagem, como brasões de sua belicosidade, traz às costas uma aljava carregada e tem na cintura a famosa espada dos samurais...



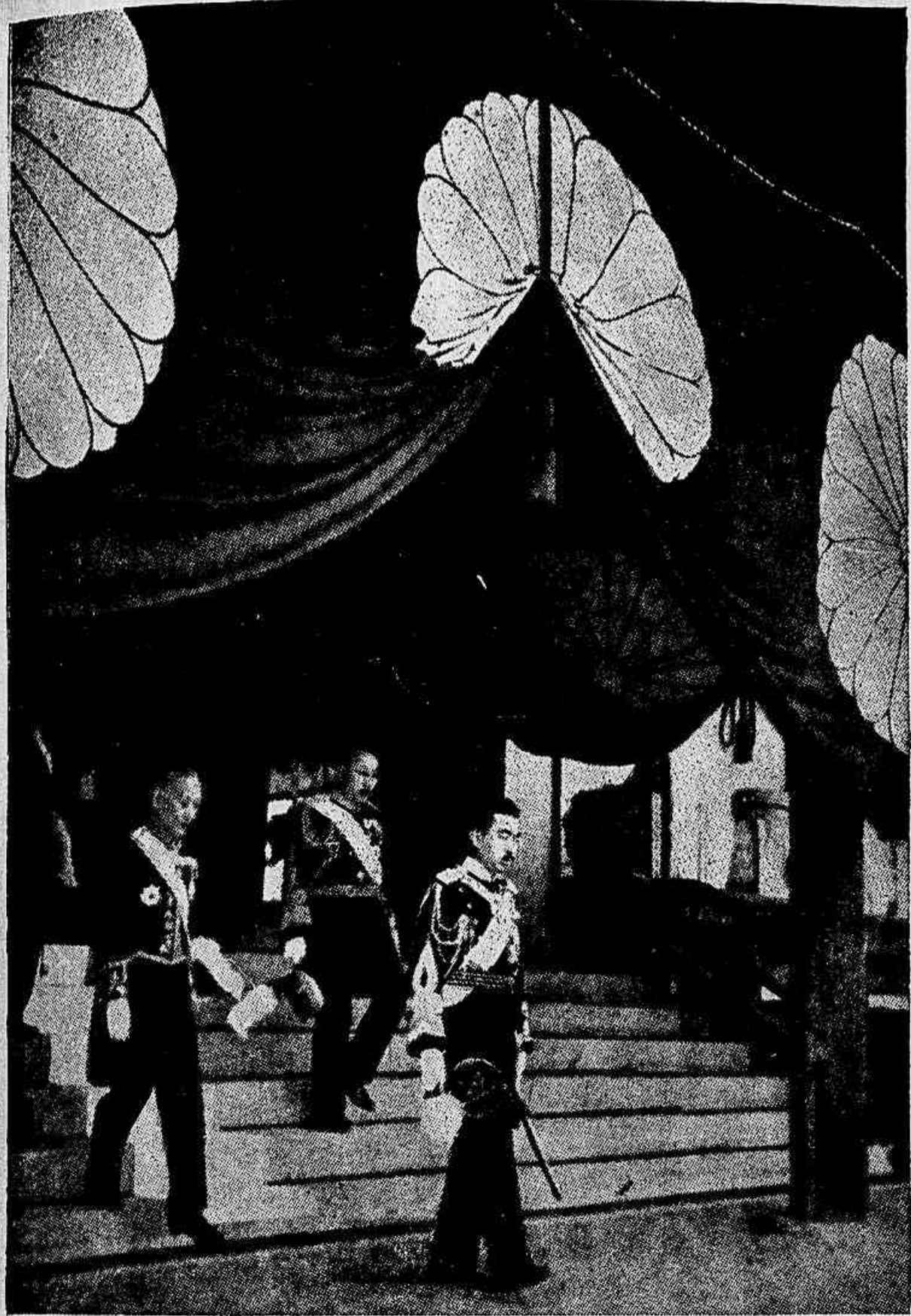


ASSIM ERAM ÊLES — Meninos japoneses, antes de aprender qualquer coisa sobre gramática e literatura, já sabiam manejar armas e marchar em passo ordinário. Desde muito cedo eram obrigados a comparecer às manifestações nacionalistas, onde se exaltava a figura do imperador como um semi-deus intangível. Cedo os nipônicos perceberam o seu erro. O ídolo de barro tombou por terra feito em pedaços.

GEISHAS — Nas casas de chá de Tóquio estão sempre estas geishas, moças vendidas pelos próprios pais aos potentados desse rendoso e repelente comércio. Sob a ocupação dos Estados Unidos, o Japão viu-se forçado a extinguir esse costume selvagem. Entretanto ainda existem geishas em Tóquio. Aí estão três delas, numa atitude coreográfica.

MENINOS — Crianças de tenra idade já eram embriões de soldados japoneses. Os seus recreios eram sempre ocupados com jogos violentos de "jiu-jitsu" e duelos de pau. Aos dezesseis anos já lidavam com armas automáticas e aos dezoito eram bons oficiais. Foi modelando esta argila que os militaristas nipônicos, criando o tabu imperador, lograram fazer toda a campanha do Pacífico.





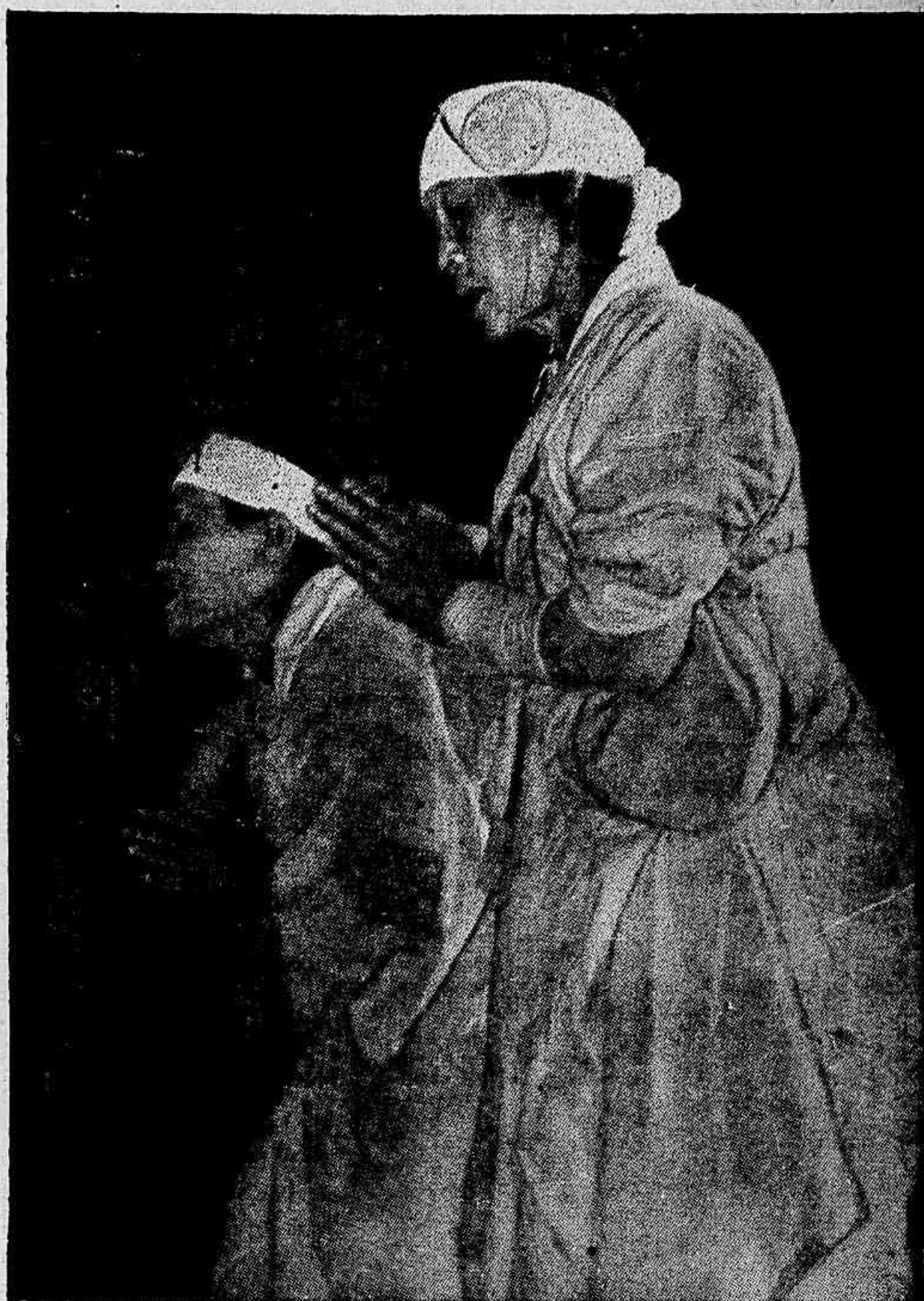
SOB OS TOLDOS DE SEDA — Hirohito sai de seu palácio acompanhado por dois componentes do ministério militarista que levou o Japão à grande catástrofe. Cheio de alamares e dragonas, o rei anão era o tabu de toda uma nação, o semi-deus de um povo inteiro. Hoje, viu-se que tudo mais não era que um golpe político de meia dúzia de almirantes e generais ambiciosos, que tentavam tomar de assalto o mundo civilizado.

militarista de ministros e sacerdotes, ia representando o seu papel de ídolo, determinando a exterminação de povos e o bombardeio de cidades abertas. Assim caíram Manilla e Bataan. Mas as forças refeitas da democracia

tornaram à carga, impelidas pelo ódio ao despotismo e o amor à liberdade. E aquilo que o sonho imperialista de um semi-deus anão havia conseguido durante anos de preparação militar, tombou por terra desfeito, desinte-

grado pela energia atômica, a maior conquista científica das democracias. Hoje, passado o pesadelo, podemos comparar o Império Nipônico de ontem, soberbo e presunçoso, com o Japão de hoje, abatido e derrotado.

TOJO — Aí está o famoso e arrogante general Tojo, um dos esteios do regime militarista nipônico. Mal se deu a derrota, o terrível cabo de guerra japonês tentou pôr fim à própria vida com três disparos de revólver. Graças ao plasma americano e à penicilina, os médicos militares conseguiram salvá-lo da morte, para que fosse julgado pelos vencedores de seu exército imperialista. Esta foto foi feita quando Tojo ainda se encontrava em estado de "shock", no hospital de campanha. Ao fundo aparece a sua espada de samurai.



MAES — Senhoras japonesas cujos filhos ainda muito jovens eram levados para os campos de batalha. Eles lá ficaram, nas terras quentes de Okinawa, ou no fundo gelado do Pacífico, mortos em holocausto ao semi-deus Hirohito. Muitos japoneses se meteram nas naves dos "kamikases" suicidas, atirando-se de encontro às naves americanas, certos de que iam encontrar a morte. No entanto, Tojo e Hirohito continuam vivos...



Minha Felicidade

(Continuação da pág. 34)

Eu calo-me. Podia lembrar a ele que eu também tenho direito ao meu repouso, que o egoísta é ele, que tem tudo pronto a tempo e a hora e não pode arranjar dois minutos de atenção e um pouco de paciência para ouvir a minha conversa. Eu confesso que não sou tipo intelectual, que se interessa por negócio, por literatura, que conversa com Roberto sobre mecânica, como aqueles amigos que ele tem e que vêm todas as quintas-feiras e que deixam o chão todo sujo de cinza de charuto. Todos já devem ter reparado que eu não sei escrever.

Esta é a maneira eficiente de aplicar o NEOCID LIQUIDO

(DDT)



A Companhia Geigy do Brasil S/A, representante da descobridora do inseticida NEOCID à base de DDT, transmite ao público um método interessante e muito eficiente de usar o famoso produto NEOCID LIQUIDO — contra moscas e mosquitos.

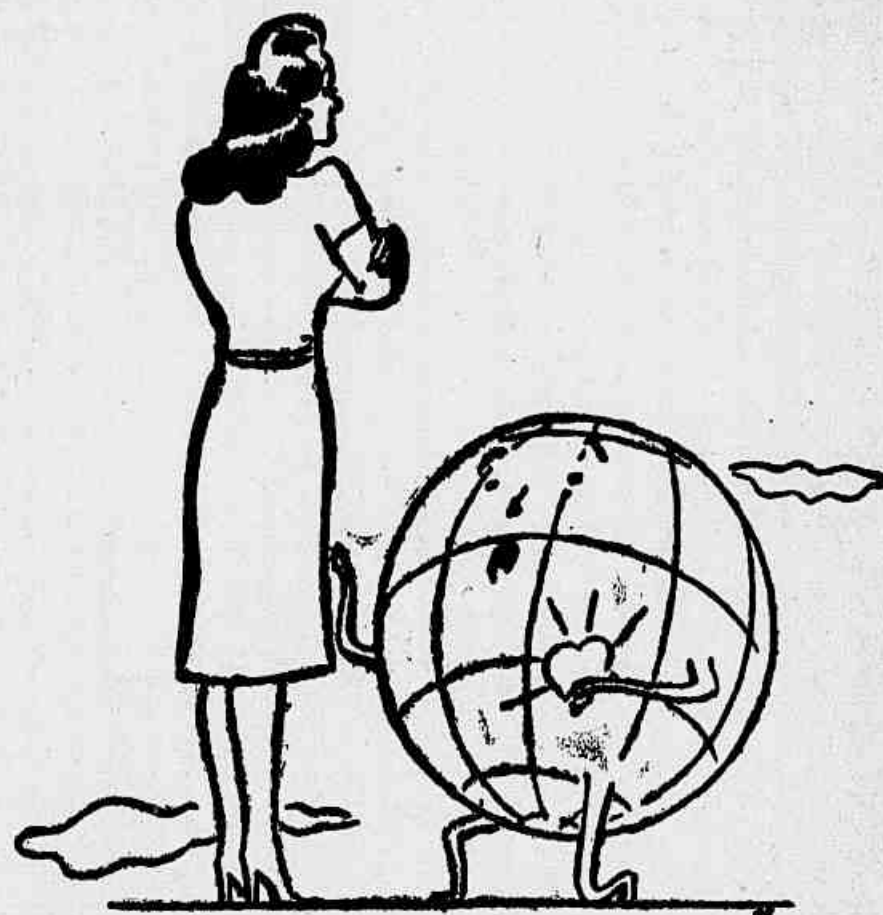
NEOCID é um líquido incolor que não mancha e produz melhores efeitos quando a superfície por onde os insetos costumam passar for coberta, por ele, em forma de vaporização, como se fôra uma pintura.

Esta é uma grande notícia para os proprietários de aspiradores de pó, pois o equipamento dessa máquina contém um vidro com dispositivo próprio para o tratamento melhor indicado pelo NEOCID LIQUIDO. Em poucos minutos pode-se transformar o aspirador para este serviço: basta encaixar o tubo de borracha — geralmente ligado no lado de sucção — no lado oposto, por onde o ar será expelido com força. Enche-se o vaporizador de vidro com NEOCID LIQUIDO e adapta-se diretamente ao tubo flexível.

Uma vez o aspirador preparado, liga-se com a tomada. Coloca-se em posição próxima à área que deverá ser pulverizada e então liga-se a chave do aspirador, segurando-se o vidro pelo cabo de baquelite. Inicia então o tratamento, fechando-se o furo no centro da tampa com o dedo polegar. Com este simples movimento de um dedo o tratamento pode ser interrompido à vontade para se ajustar melhor posição, altura, distância e assim evitar gasto do precioso líquido.

Um litro de NEOCID LIQUIDO é o suficiente para pulverizar 100 m², ou sejam 2 a 3 cômodos de tamanho médio. Assim sendo, o movimento de zigue-zague ao longo das paredes deve ser bastante rápido, tomando cuidado em não deixar grande superfície sem pulverizar.

Está certo, mas isto não é conto, nem romance, nem nada. É um desabafo. Maria anda rondando, esperando que vá virar o colchão da cama. Não vou! Independência ou Morte! Abaixo as criadas! Às vezes eu penso que me enganei a respeito de Maria. Ela é boa, inteligente, honesta. Como, por exemplo, quando ela me trouxe o netinho para falar comigo, naquele dia em que a filha esteve aqui em casa. Mas naquela hora ela estava positivamente diferente. TRANSFIGURADA! Roberto não gosta dessa minha mania de escrever as palavras em maiúsculas, mas como é que a gente pode dar ênfase a uma palavra quando está escrevendo? Se escrever bem grande quer dizer que quer acentuar, que há outra maneira. Posso sublinhar, mas Roberto acha isso ainda pior. Ele me disse uma vez que quase não casou comigo porque eu tinha a mania de sublinhar as palavras nas cartas, e que isso dava a impressão de que eu lutava contra uma dificuldade de expressão que mostrava pouca inteligência. O pior foi que ele disse isso a sério. Eu sei que ele não me considera inteligente. Eu também não. E não é por orgulho que eu fico triste quando ele olha para mim com ar zombeteiro e me chama "Burrinha". Eu sei que é uma espécie de carinho dele. Mas é um carinho ruim! — e desta vez eu sublinhei mesmo. Pronto. Por que Roberto tem que andar repetindo que eu não sou um gênio? Eu sei disso. O que me consola é que eu posso fazer a felicidade dele. Eu conheço muito bem Roberto, e pode me faltar inteligência para outras coisas — escrever livros, por exemplo — mas para tratar de meu marido, meu amante, eu sei que sou inteligente. Para mim, em questão de sentimento ele é um garotinho mais simples de se compreender do que o nosso filhinho de doze anos, que tem umas atitudes positivamente misteriosas. Eu sei que Roberto gosta de ler, de conversar com mulheres inteligentes, de flertar com elas, assim num plano muito intelectual e elevado. Mas de mim é que ele gosta. Lá vai outra palavra sublinhada! Eu sei que comigo é que ele se sente à vontade. Às vezes eu penso que é justamente porque eu não me meto no seu outro mundo — um mundo intelectual complicado — que é simplesmente porque eu cuido somente do coração dele e do meu, porque eu encho a vida com isso, que ele encontra em mim conforto e quase que uma espécie de alívio. Eu não me zango quando ele olha para mim meio risonho, com a impressão de quem está se divertindo com os meus sentimentos, achando graça nas coisas a que eu dou importância — lavadeira, conta de armazem, um romance de Delly — eu sei que ele precisa daquilo também



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos são e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raiz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO

para descansar do seu outro mundo, o mundo de que eu não faço parte. É verdade que às vezes eu tenho inveja das mulheres inteligentes, mas quando eu vejo que elas sabem tudo menos tratar de seus maridos, de arranjar casa, de cuidar deles como a gente cuida de um cachorrinho bem dengoso, com carinho, quando eu vejo que elas vivem sofrendo por causa disso, convenço-me de que a felicidade é dizer bobagens para que Roberto ria de mim e me ache diferente das outras. Essa é a minha força. Se por vezes eu o irrito com as minhas infantilidades como ele diz, ele tem necessidade delas. Eu sinto isso quando ele me aninha no colo, me alisa os cabelos e diz, muito terno: "Você parece uma gatinha"...

Como são pateticamente desajeitados, mesmos os homens mais inteligentes, na hora do amor!... Roberto às vezes me parece que tem vergonha de exprimir ternura, e sou eu que tenho de adivinhar quando ele está precisando que eu brinque de mãezinha, ponha a cabeça dele no meu colo, alise os cabelos, beije os olhos cansados. Quando

ele está cansado ou doente, então eu sinto que ele é só meu, do meu carinho, do meu amor. Com a cabeça no meu colo, o rosto distendido, ele descansa. E eu sinto que ele em mim encontra a paz naqueles momentos. Um abrigo. Às vezes eu desconfio que as espêssas devem ser um prolongamento das mães. Nada mais. A maior amiga...

O telefone está tocando, a campanha também, e Maria está se fazendo de surda. Preciso ir atender.

— Já vou! Já vou!

O telefone? Talvez seja Roberto, do escritório, me convidando para almoçar na cidade. É a maneira dele de fazer as pazes. Bôbo!

Numeros atrasados desta revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

TRAVESSA CAMPOS SALES 85 - BELÉM

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS



DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

Enlace Regina de Paula Affonso -- Carlos Moreira da Silva Sobrinho



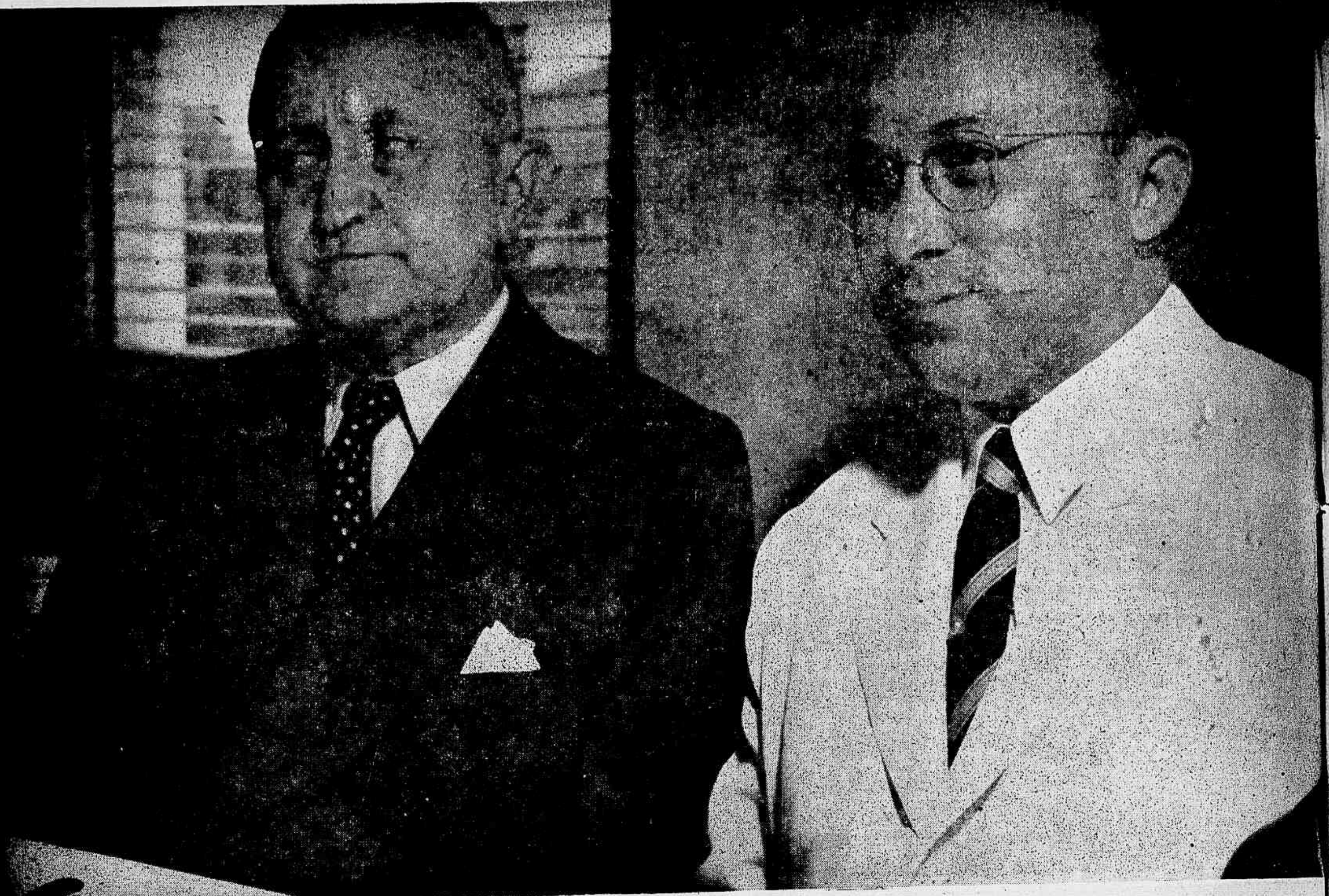
Constituiu marcante acontecimento na sociedade carioca o enlace matrimonial da sta. Regina de Paula Affonso, filha do sr. Antonio de Paula Affonso e d. Carolina de Paula Affonso, com o sr. Carlos Moreira da Silva Sobrinho, filho da viúva Albertina Fernandes Moreira.

No ato civil, realizado na residência dos pais da noiva, serviram de padrinhos, por parte da noiva, o dr. Henrique Braga e senhora, e, por parte do noivo, o sr. Carlos Moreira da Silva e d. Léia Vieira Watson Dias.

A cerimônia religiosa foi paraninfada, por parte da noiva, pelo casal dr. Alexandre Moscoso, e, por parte do noivo, pelo sr. Bernardo Gomes e exma. esposa.

Os flagrantes que estampamos nesta página foram colhidos pela nossa objetiva por ocasião da solenidade religiosa, realizada às 17 horas do dia 21 de janeiro p. f. no majestoso templo da Candelária.





O Presidente Eurico Dutra e o dr. Draut Ernanny.

O PRESIDENTE ELEITO VISITA O BANCO DO DISTRITO FEDERAL



O dr. Fernando Rodrigues, componente do corpo médico do Banco, dá explicações ao Presidente eleito do Brasil sobre os serviços ali realizados.

OS SERVIÇOS DE ASSISTENCIA SOCIAL DO MODERNO E CONCEITUADO ESTABELECIMENTO DE CREDITO MERECERAM ESPECIAL ATENÇÃO DO GAL. EURICO GASPAR DUTRA

No dia 22 de janeiro último, o Banco do Distrito Federal recebeu a honrosa visita do general Eurico Gaspar Dutra, Presidente eleito da República, e outras autoridades civis e militares, que democraticamente participaram do almoço realizado no restaurante daquele estabelecimento, em companhia dos diretores e altos funcionários.

Após o almoço, o ilustre visitante foi saudado pelo presidente do Banco, dr. Draut Ernanny que, em poucas mas expressivas e vibrantes palavras, disse da grande alegria que a presença do eminente brasileiro causou a todos que trabalham no modelar estabelecimento de crédito.

O gal. Eurico Gaspar Dutra em conversa com o dr. Rui Carneiro e o presidente do Banco.

* Aspecto da diretoria, vendo-se, em torno do general Dutra os srs. Augusto Batista Pereira, coronel Ibá Jobim Meirelles, Jayme Adour da Camara e o Presidente do Banco.



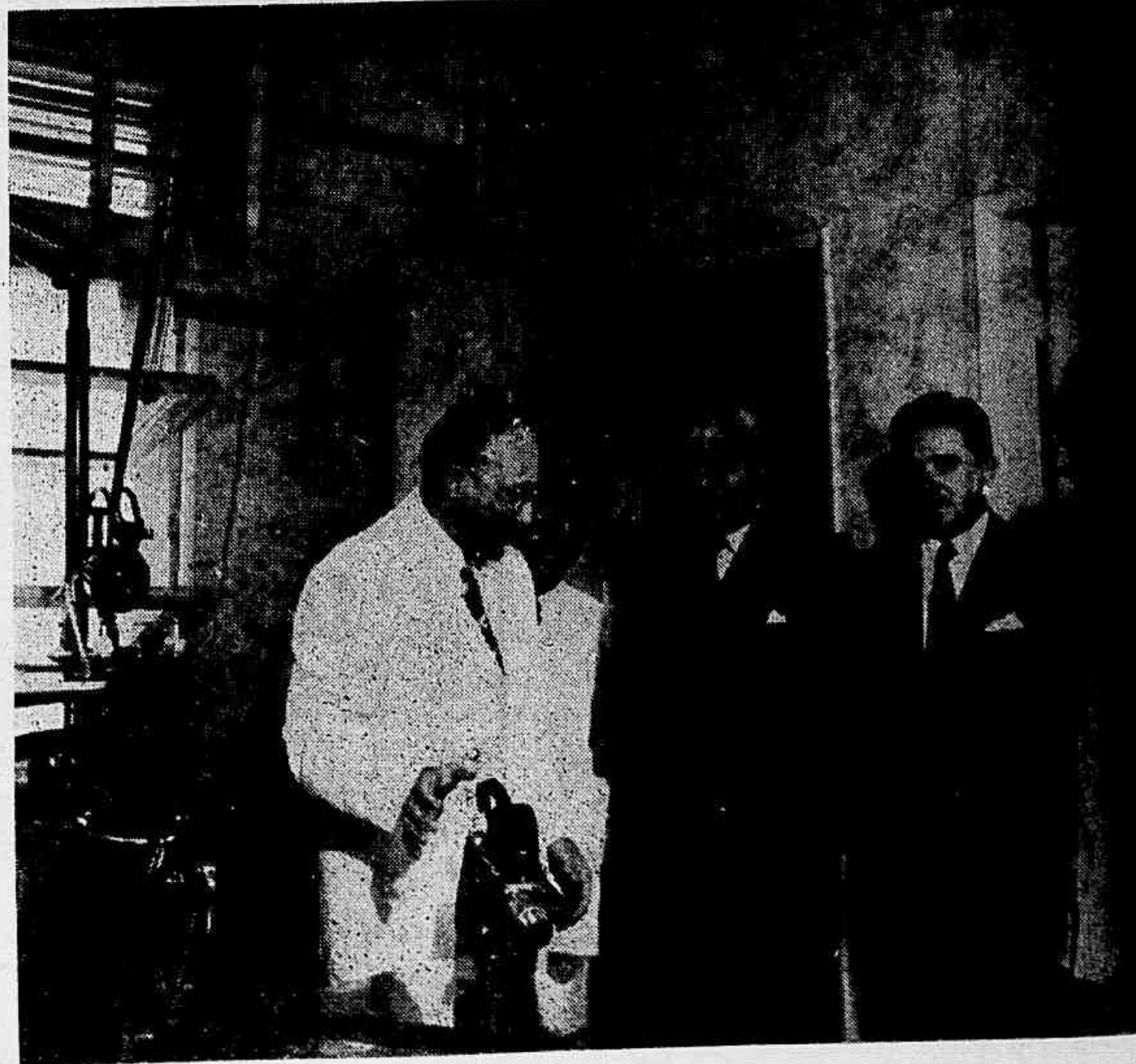
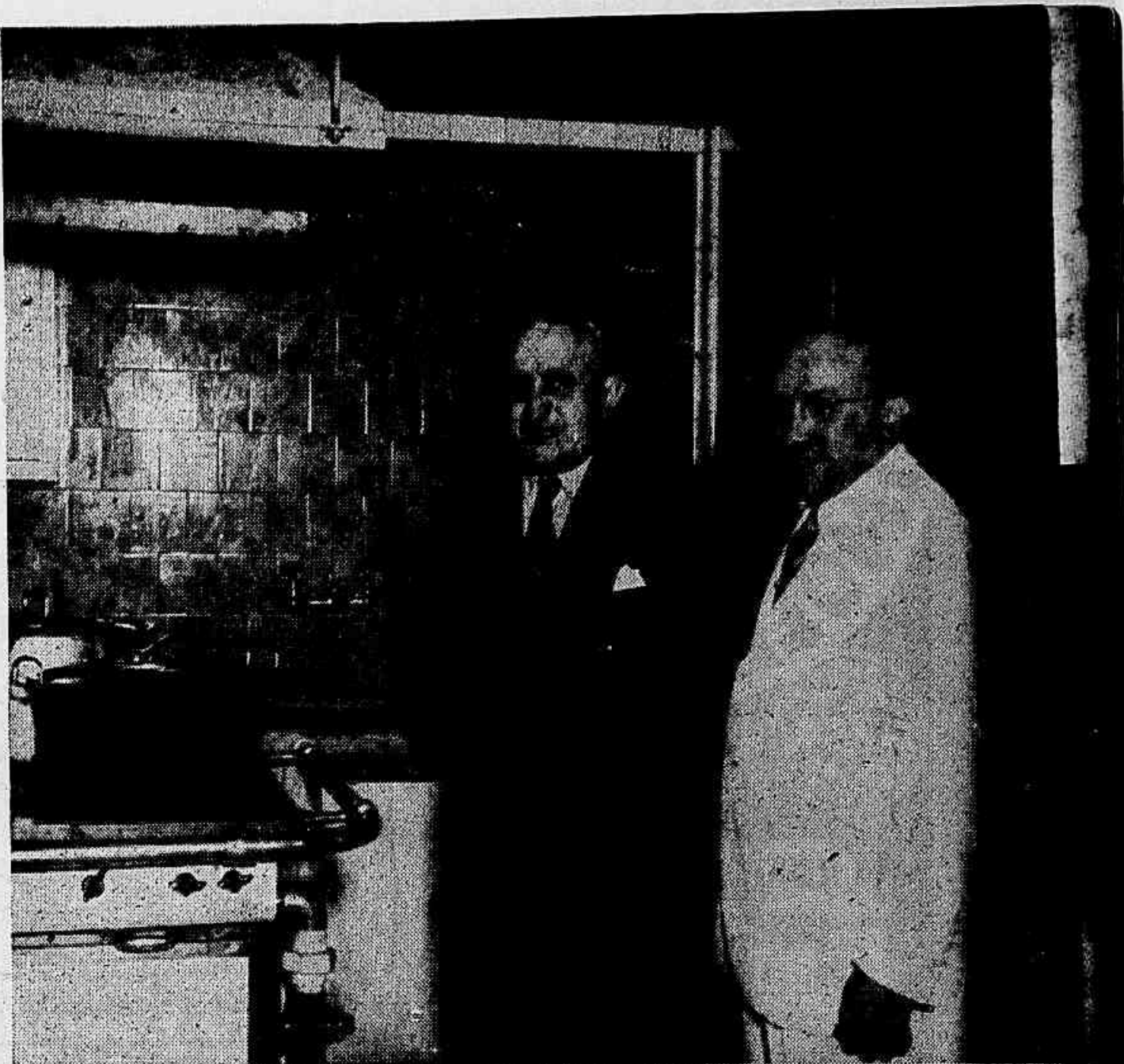


O Presidente Eurico Gaspar Dutra percorre as secções do Banco do Distrito Federal.

Em seguida o general Dutra percorreu as diversas secções do Banco, tendo demonstrado vivo interesse pelo departamento de assistência médico-social, onde se deteve admirando o moderno aparelhamento, o asseio e a ordem ali existentes, tendo palavras de entusiástico apoio à maneira por que a diretoria do Banco presta assistência aos seus auxiliares. As fotografias que aqui estampamos foram colhidas pela objetiva da REVISTA DA SEMANA, por ocasião desse notável acontecimento dos nossos meios bancários.

A direita, ao alto: o general Eurico Dutra em visita à cozinha do restaurante do Banco do Distrito Federal; ao centro: aspecto do almoço, vendo-se, além do ilustre visitante, os srs. A. Chateaubriand, Georgino Avelino, Rui Carneiro, Gilson Amado, Carlos Lindenberg, Menezes Pimentel, Alcides Carneiro, coronel Ibá Jobim Meirelles, dr. Pedro Fontes e Vitorino Freire; em baixo: no departamento de Serviços Médicos, o Presidente Eurico Dutra visita o Gabinete de Clínica Dentária.

O general Dutra entre os funcionários do Banco, vendo-se também os dres. Deocleciano Pereira Lima e Orris Barbosa.



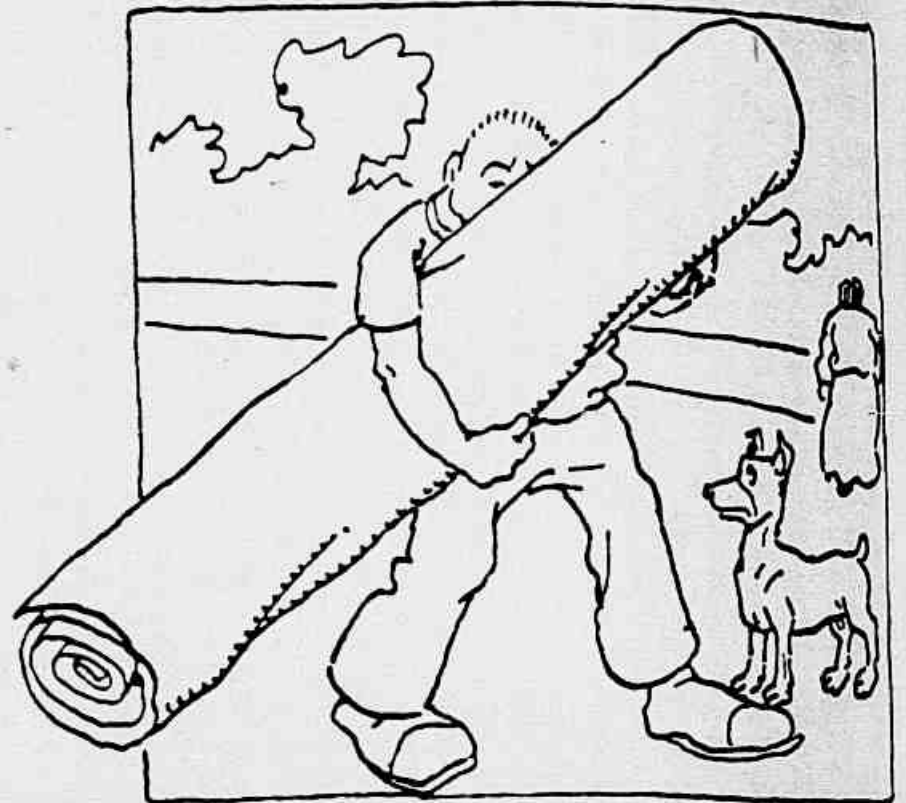
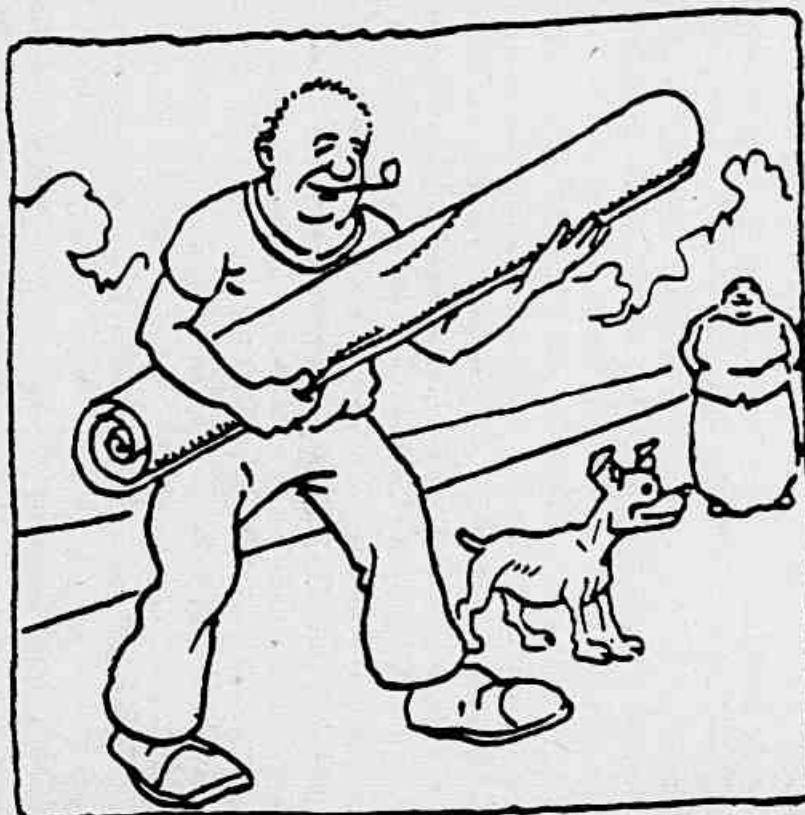
A história e a legenda



ZIMOLACTOL
Grande

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINHO

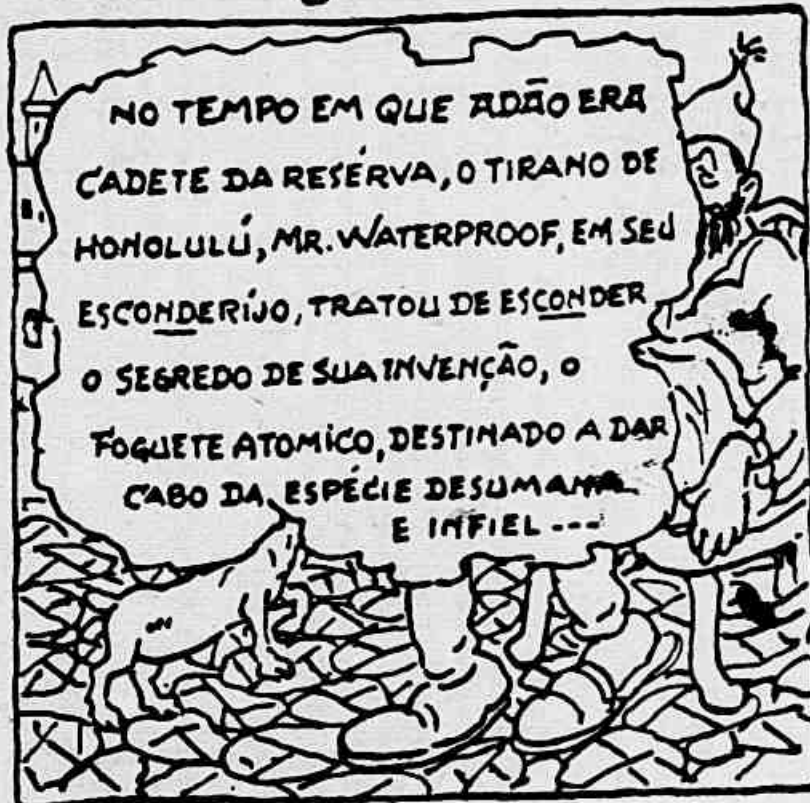


-Era um dia a legenda da história comprida, a prestações. Para poupar espaço invadiu o quadro.

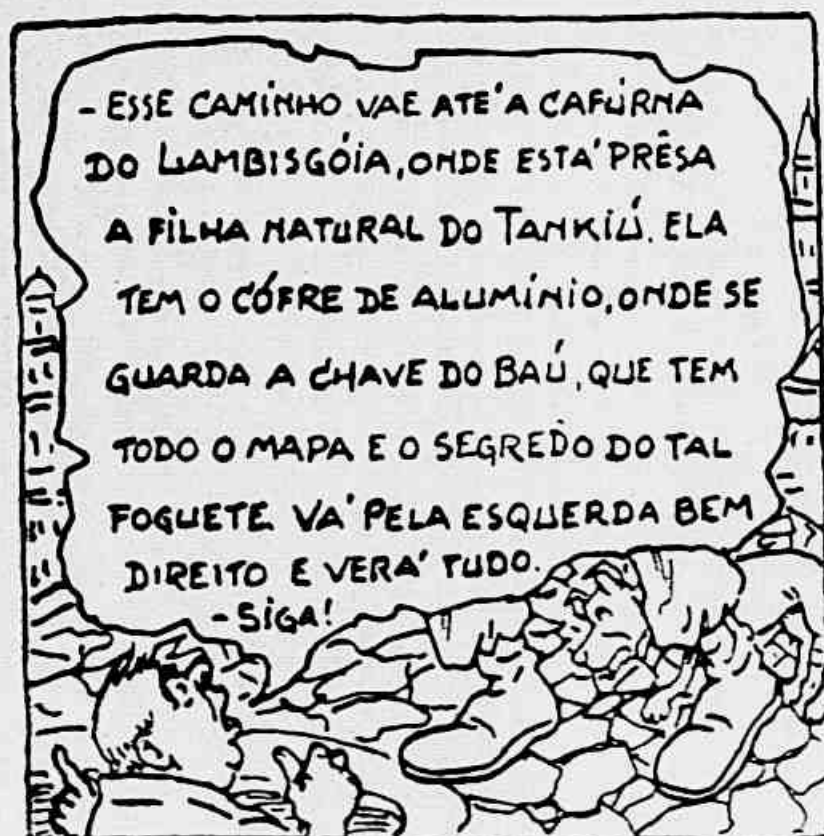
Método Científico Para Triunfar



Existem instruções esotéricas para utilizar praticamente o magnetismo e o Poder do Pensamento como fatores da saúde e do êxito no lar, no comércio, na vida social e no amor. Se vos interessa conhecer esta nova ciência, peça pelo Correio. **GRATIS**, o livrinho da autoria do Prof. Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde". Remeta 60 cents. em selos novos do Correio se o quiser receber sob registro, evitando assim extravios. — Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2.425 (Distrito Federal). Inscreva-se no "Curso de Magnetismo Pessoal e de Hipnotismo, por Correspondência". (Envie mais Cr\$ 5,00 em selos novos do Correio, para conhecer as condições de inscrição).



E assim começou...



(Quem quiser o resto da história, procure no original, em inglês, de importação, por ali espalhado pela grande naturalização).

PARA DEFENDER SUA SAÚDE exija um refrigerador.



NEVE
QUE PROPORCIONA:
FRIO CONSTANTE
GÊLO PURO
HUMIDADE DO AR
L. E ECONÔMICO

Exposição Permanente
Indústrias NEVE Ltda
Rua Rosa e Silva, 74
João. Praça Marechal Deodoro
Fones 5-1311 e 5-1322

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
 OFICINA COMPLETA
 RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

O caso da livraria

(Continuação da página 18)

Eu lia a notícia da morte de uma determinada pessoa. Fazia uma pequena investigação. Acabava descobrindo, mais ou menos, qual era o meio de vida e os gostos do morto. Procurava saber quem eram seus parentes mais próximos, seus herdeiros e mandava uma conta de livros, afirmando que ele adquirira na livraria a tantos cruzeiros de livros. Ora,



Nas boas farmácias e Drogarias.

Dia de Sol

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 28)

Às vezes ia à cidade com a mãe fazer compras. Punha um vestido novo, amarrava o laço branco na cabeça, o sapato branco de cordãozinho trançado, a meia "soquette".

De vez em quando o tio Geraldo e a família vinham jantar em casa. Era dia de matar galinha. Ela ia para o quintal com a Ana procurar a que estivesse mais gorda. Depois de pôr, segurava com a ponta dos dedos, com um pouco de medo, aquelas pernas amarelas, secas, enquanto que a Ana separava as penas do pescoço, como se estivesse repartindo o cabelo, e o cortava depois com uma calma imensa. O sangue espirrava. A galinha queria escapar de sua mão e dar pinotes. Ela ficava de cócoras e a via morrer aos poucos. Olhava para as asas, que eram a parte que o tio Geraldo mais gostava. Ele as comia com a mão mesmo. Lambusava todos os dedos, a boca. Depois estalava a língua várias vezes. Ela já tentara fazer aquilo mas não conseguira.

As visitas do tio Geraldo sempre lhe eram um prazer. Quando a mãe não ia à cidade nem o tio Geraldo vinha jantar, tudo passava a ser vazio como um buraco.

Quem sabe se na gaiola ela se sentia melhor?

Querida que alguma coisa acontecesse, que a parede tombasse, que o sol caísse desamparado no quintal como uma bola de fogo, e ficasse, quente. Ela iria brincar com ele. Talvez ele pulasse como uma bola de borracha. Seria divertido! Ou que um avião se espantasse na rua, em frente à casa dela. Encheria de gente para ver e ela levaria um pedaço para dentro e o guardaria em sua mesa, como lembrança.

Mas... e depois? Depois de uma pessoa ser feliz, o que é que acontece?

Uma nuvem passou em frente do sol e ficou estampada no trapézio de luz, no chão. Ela procurou achar a forma de algum objeto naquela mancha tênue, mas não encontrou nada.

fazendo um preço módico eu não despertava suspeitas. Naturalmente, porém, a família queria verificar se ele realmente comprara os volumes. Mandava perguntar, portanto, quais os volumes adquiridos, e era então que eu revelava o resultado dos meus estudos de psicologia humana. Mandava, de fato, a conta, porém a lista de livros era assustadora. Obras pornográficas, livros que nenhum homem decente teria em suas mãos. Os parentes se assustavam.

— Como poderia você provar que ele de fato comprara os livros?

— Você não entende de psicologia. Os homens estão sempre dispostos a pensar o pior dos outros. Quando eu aludia àqueles livros que me tinham sido comprados, a família acreditava que o morto comprara às escondidas todas aquelas obras, e imediatamente mandava pagar a conta. Pedia, também, o meu silêncio. Compreende agora como era inteligente a minha atitude? Não ficava no papel antipático como um chantagista, parecia estar fazendo um favor em silenciar sobre aquele episódio. A conta era de pouco dinheiro mas... quantas pessoas não morrem por dia!

— Mas como você foi prêso?

— Aí é que chegou o ponto mais triste de minha história. Eu disse a você que obtinha informações sobre os mortos, mas acontece que certa vez minhas informações falharam.

— Alguém descobriu que o morto não tinha comprado os livros?

— Não. Pior. Descobriram que o morto não podia ter comprado o livro. São essas as ironias do destino. Eu sempre tive o maior cuidado. Um dia porém falhei.

— Diga logo como foi...

— Viu como o deixei curioso?

— Diga.

— Vou contar-lhe primeiro meu novo plano. Confio em você. Sabe que descobri que o homem vive da esperança? Imagine você se se dá ao homem uma oportunidade de jogar nessa esperança. Um convite misterioso. To-

Lá fora, com barulho, uma galinha correu atrás de outra, fazendo zigue-zagues à volta das árvores, afundando depois num aglomerado de ervas-cidreira.

Depois tudo voltou a uma calma ainda maior. O sol entrava com força pela janela, querendo derreter o mundo inchado de calor. As sombras eram fantasmas quietos. Num canto do quintal um punhado de folhas secas dava voltas tontas. Uma galinha passou devagar, parou ao lado da cerca torta e se espreguiçou longamente. Um zumbido quente de cigarra enchia o ar. As folhas das árvores dormiam vagas, leves, naquela calma imensa. A galinha se acomodou na sombra pesada da bananeira. A terra fina consumia-se entre suas penas.

A vida parecia que não tinha nada dentro naquele pedaço de tempo vazio. Ela sentiu um amolecimento no corpo inteiro, as pálpebras começando a pesar. Bocejou longamente. Os seus olhos ficaram úmidos. Era tão aborrecido dormir de tarde!

Ficou de pé num pulo e chegou perto da janela. O sol bateu em cheio no seu rosto claro, brilhou nos seus cabelos louros. Ela se apoiou no parapeito e ergue-se na ponta dos pés. Sentiu um cheiro forte de terra seca, de folhas cheias de pequenos reflexos, quentes de sol, balançando suavemente, indiferentes a tudo, como se não fizessem parte daquele mundo.

Ela subitamente sentiu-se só de mais, desamparada pela ausência de vida. Qualquer coisa que a odiava queria esmagá-la numa morte prematura. Ela reagiu e começou a ter um desejo intenso de fazer qualquer coisa, de saltar, de correr no terreiro, rolar em gramados perfeitamente verdes, subir numa árvore enorme e de lá olhar o mundo, ver tudo que se passava, participar de todas as alegrias, consertar todos os erros. Sentiu vontade de conhecer gente nova, de ir ver novas terras. Querida que alguma coisa acontecesse. Talvez fosse agora mesmo. Toda essa enorme espera tinha que dar em algum resultado. Seus sentidos estavam todos preparados. Ela abriu bem os olhos para absorver melhor tudo que acontecesse. Respirou fundo e prendeu o ar no peito. O tempo estava como que esticado

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DA INDÚSTRIA QUÍMICA GUARANIUNA

dos os que vivem na esperança de um fato inesperado que mude o destino sem horizontes estarão interessados. Imagine se alguém colocasse um anúncio no jornal prometendo, ou melhor, mais sutilmente, anunciando a felicidade. Há tantas maneiras de ganhar dinheiro... E' pena que os homens não pensem nelas... E' só preciso um pouco de engenho. Eis tudo. Engenho. Aposto com você como

(Continua na página 55)

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meia, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetua-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

em seu corpo. Era agora. Ficou aguardando a revelação. O sol claro punha brilhos em tudo, nas folhas das árvores, nas paredes, nos telhados. Ela esperou mais um instante. Estava demorando. Percebeu vagamente o pequeno ruído do relógio em cima da mesa arrastando devagar o tempo. Os segundos partiam-se dentro da sala, num tic-tac que pingava insensível. O momento estava passando e não acontecia nada.

Tudo nela começou então a desmoronar lentamente, em silêncio. Ficou com o olhar perdido, num ponto do céu claro, cheio de nuvens demastadamente brancas como lençóis imensos pendurados nos varais, como as asas dos anjos. Sentiu-se mergulhando novamente, mais fundo que antes, no comum de todo o minuto.

O relógio continuava no seu tic-tac sem nervos. A brisa levou um punhado de cabelos no seu rosto. Afastou-os com a costa da mão. Voltou-se devagar. A sua sombra bem definida estava no meio do quadrado de sol na sala. O avô começou a roncar suavemente. Ela andou até o sofá e sentou-se com força.

Não havia acontecido nada. Nada. Estava tudo igual, no mesmo lugar, numa atitude de conformação com um destino elaborado anteriormente. Só o tic-tac do relógio parecia maior. O canário parou no canto dum puleiro e ficou como que se estivesse empalhado.

Marília afundou o corpo no sofá macio, com desgosto. Olhou fixamente para fora, para os ramos das árvores cheios de pequenas manchas verdes que balançavam lentamente, cortando o azul do céu, o branco das nuvens perdidas, e numa sensação de coisa irremediável começou a compreender que decididamente nada poderia acontecer.

Fechou os olhos e não encontrou nenhuma suavidade naquela escuridão provocada. Abriu-os, procurando qualquer coisa nova para olhar. Naquele momento o gato entrava pelo vão da porta entreaberta. Foi se esgueirando sem barulho próximo das paredes e dos móveis. Os olhos eram um risco amarelo. Chegou no quadro de sol e se espreguiçou grotescamente. Seus pelos falçavam.

A CUICA ESTA RONCANDO

OS SUCESSOS DO CARNAVAL DE 1946
QUINTAS-FEIRAS DAS 21 ÀS 21,30
DOMINGOS DAS 21 ÀS 22 HORAS



Radio GLOBO
PRE 3 1.180 QUILOCYCLOS

O caso da livraria

(Continua da página 53)

vou ganhar uma fortuna com meu novo plano.

— Não quero saber de seu novo plano. Quero o resto da história.

— Não seja impaciente.

— O resto da história.

— Espere. Imagine você essa esperança sorridente, balançando-se diante de olhos sonhadores... Há nisso uma fortuna!

— Mas e o resto da história?

— E se eu confessar a você que só pensei nesse magnífico plano agora, que me dirá?

— Então a história da livraria é mentira?

— Sim, tudo mentira. Eu nunca tive uma livraria. Nunca fui prêso por isso.

— E o outro plano? O plano de dar uma esperança?

— Também é somente um plano. Imagine um anúncio num jornal: "Mande alguns dólares e espere o resultado. Quer ser feliz? Mande dez dólares para tal ou qual endereço!"

— Espera receber dinheiro assim?

— A humanidade vive à espera de uma ilusão. Aceita-a e nunca acredita que ela foi um desapontamento.

— Mas... isso é um crime!

— Por que? É um crime dizer: "Dê-me tanto"? Se a pessoa quiser dar...

— Mas...

— Em poucas semanas eu estarei rico, rico. O velho levantou-se. Planos, planos, tudo

passa pela minha cabeça. Como realizá-los. A livraria...

— Sim, a livraria — contestou o rapaz. — Você tinha preparado um fim para aquela história. Era imaginação, bem sei, mas você podia inventar um fim...

— Um fim? Um fim?

— Um desenlace... A vida como um conto policial... e o desfêcho?

— Eu ganhava com aquelas contas... Mandava aos mortos... Sim...

O homem animara-se novamente. Nos seus olhos brilhava uma estranha luz. Estava pensando. De repente, bateu com a mão na testa.

— Sim! Sim! Um dia... Um dia eu enviei a conta à família de um cego, foi por isso... foi por isso que me prenderam.

(Continua na página 57)

A máscara de Dimitrios

(Continua da pág. 42)

a figura de um assassino profissional, um homem que merecia estar morto há muito tempo, mas não estava. No final, para que não reste dúvidas de que ele daquela vez morreu, Sydney Greenstreet descarrega um revólver sobre ele. Fora a evocação do passado de Dimitrios, nada mais acontece no filme. Toda aquela sugestão de um mistério impenetrável é simplesmente sugestão... E o espectador tem, no final do filme, a impressão de que foi enganado. Sente que todo aquele trabalho de intérpretes e diretor tinha prometido alguma coisa que ele não obteve. Por esse motivo, o cavaleiro de meia idade que estava sentado a meu lado achou que "A Máscara de Dimitrios" parecia bastante com a história do papagaio e merece que o público diga: "Que mágica besta!"

Deve ir assistir à "A Máscara de Dimitrios" quem está disposto a suportar essa decepção do final, tendo a oportunidade de assistir, em troca, à magnífica estréia no cinema do ator Zachary Scott e os trabalhos já elogiados de Sydney Greenstreet, Victor Francen, Peter Lorre e Faye Emerson.

Colação: EOM.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Um presente para o seu bebê!

As crianças são os sorrisos de Deus na terra!... Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta. Façam a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.

TALCO
Lady

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ



JOCKEY CLUB MUNDANO

As corridas de domingo, como sempre, levaram ao prado da Gávea os elementos mais representativos da elite carioca. A "pelouse" enfeitou-se com a graça e a elegância de numerosas "turfwomen", tendo o nosso fotógrafo conseguido apanhar ali os sugestivos instantâneos que ilustram esta página.



O caso da livraria

(Cont. da página 56)

— Mas... como foi por isso que o prenderam? Você não me disse que tudo aquilo era imaginação?

— Imaginação... Realidade... O que é a realidade?

— A realidade é...

O rapaz estava surpreso. De repente sentiu que havia alguma coisa de sinistro naquele homem, encolhido a um canto da masmorra.

— A realidade...

— Os filósofos já duvidaram da existência do mundo. O mundo existe, ou é um doloroso pesadelo? Quem sabe se acordaremos em gigantescas camas, num palácio grande, grande, imenso! Delírio...

O velho delirava. Seus cabelos desgrenha-

dos caíam sobre os olhos brilhantes e ele levantava as mãos para cima, exaltado.

— A vida... realidade... ilusão...

Um guarda veio buscar os prisioneiros:

— Vamos, "louquinho", você não consegue nada deste rapaz.

Voltando-se para o moço explicou:

— Ele é assim... Não se sabe de onde veio, nem para onde vai... Periodicamente apresenta-se à prisão e pede para ser encerrado em um cubículo... Fica uma semana, duas... Depois pede para sair. O diretor tem pena dele. Faz-lhe a vontade. Mas o pior é que ele, às vezes, assusta os outros prisioneiros com suas histórias...

O velhinho estava parado a um canto. Com surpresa o prisioneiro verificou que as lágrimas corriam por aquele rosto enrugado...

— Por que terá enlouquecido?

— Coitado! A mulher morreu porque ele não tinha dinheiro para dar-lhe os remédios de que necessitava e ele recusou-se a roubar. Depois que ela faleceu ele vive, meio louco, arquitetando planos para roubar. Pelos seus planos — pois ele nunca chega a roubar realmente — ele quer se punir e vem para a prisão.

O velhinho olhava atentamente o guarda. Um clarão de lucidez atravessou-lhe a mente e ele murmurou, com voz trêmula, entre lágrimas:

— Eu... eu nunca tive coragem.

Depois afastou-se do companheiro de célula como que horrorizado:

— Mas ele matou... ele matou... Ele é um assassino!

FIGURINOS PARA O CARNAVAL

A REVISTA DA SEMANA, em sua edição de 9 do corrente, oferecerá grande quantidade de modelos e sugestões para o Carnaval da Vitória, além de reportagens e informações sobre o mesmo assunto.

ROUGE LÍQUIDO RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO INCOMPARÁVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas

Desperte a Bilis 'do seu Fígado'

e sairá da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pílas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Perfume

Orbleu

de

BAZIN

O ouro sobre o azul dos perfumes!

- Água de Colônia • Brilhantina
- Extrato • Loção • Óleo perfumado
- Pó de Arroz • Sabonete • Talco

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



ILONA MASSEY

Encantadora Estrela da Tela, diz:

"Considero ARRID o desodorante por excelência e o recomendo com o maior entusiasmo".

NOVO
Creme Desodorante
que evita manchas
e odor nas axilas

1. Não irrita a pele.
2. Não estraga os mais finos vestidos.
3. Evita as manchas desleigantes, nas mangas e nas costas dos vestidos.
4. Seu efeito é duradouro. Evita o cheiro do suor. Tem um delicado perfume.
5. Tem a fina consistência de um creme de beleza. É branquíssimo, sem gordura, não mancha e desaparece instantaneamente.

Use ARRID com regularidade.

Preços: Cr\$ 4,80 e Cr\$ 9,50

ARRID

O DESODORANTE QUE MAIS SE VENDE.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

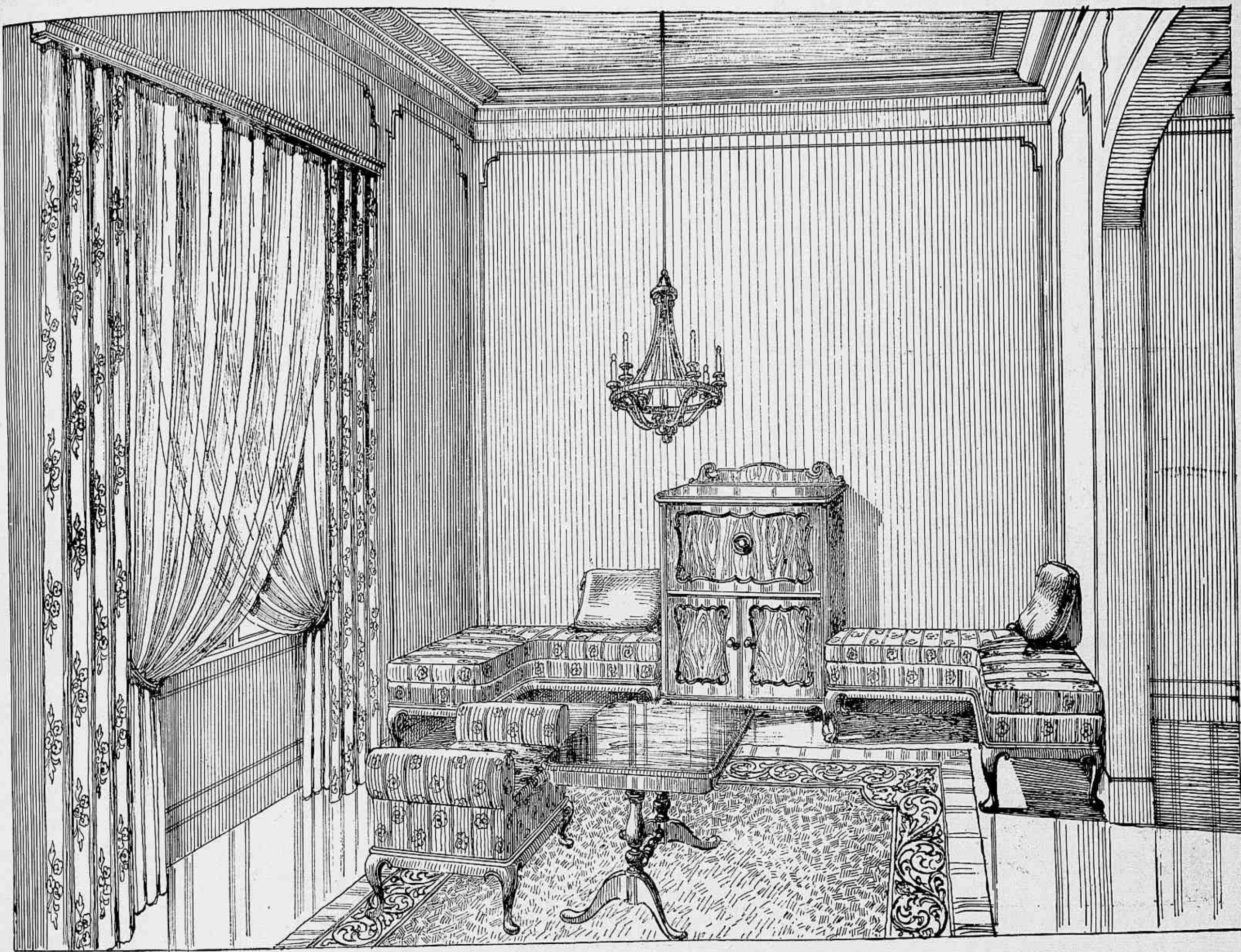
Conjunto para a praia ou campo, em gorgurão havana com galões em cores vivas. Neste conjunto, que é apresentado por Eleanor Parker, da Warner Bros., as calças vão até pouco abaixo dos joelhos.



Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Recanto de sala de visitas

Eis um recanto de sala de visitas, ornamentado com bom gosto e arte, do qual se pode orgulhar o seu dono. Não se encontram aqui requintes de luxo supérfluos nem volumosos objetos ornamentais. Mas a simplicidade mesmo destas decorações faz evidenciar os encantos d'êste pequeno recanto de uma residência. Os sofás turcos, dispostos de modo a cobrir os três lados de um quadrilátero, formando dois ângulos retos, dão à sala uma graciosa expressão de ambiente oriental. Outro sofá turco está colocado junto à mesa central, de pés em garra. Completa o mobiliário um armário baixo, colocado ao fundo, no centro.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CARLITO JÁ VOLTOU À ESCOLA



**Graças aos
Remédios**

Milagrosos trazidos por  **CLIPPER!**

HÁ apenas alguns anos, só os centros médicos mais importantes e as universidades possuíam certas drogas e soros raros, que salvam vidas – mas hoje, graças ao transporte aéreo global, remédios milagrosos tais como penicilina, sulfamidas, plasma sanguíneo e soros especiais estão ao seu alcance e de sua família, por mais longe que residam.

A Pan American World Airways foi a primeira a abrir as rotas internacionais e a aperfeiçoar muitas das técnicas de voo e o equipamento que fazem com

que hoje seja realidade o transporte aéreo global... permitindo ao seu médico dispor dos vastos recursos dos mais desenvolvidos centros científicos, caso os pacientes deles necessitem.

Como sempre, a Pan American continua de olhos fitos no futuro – projetando e experimentando nova aparelhagem, novas rotas e novas técnicas aeronáuticas, de modo a lhe poder proporcionar um serviço global ainda mais amplo, rápido e econômico nesta nova era de paz. E então, na verdade, "o mundo inteiro será seu vizinho".

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers